

GERARDO MANUEL GARCÍA CHINCHAY

**O ESPANHOL DE CANTA (LIMA-PERU): ALGUNS ASPECTOS FONOLÓGICOS,
MORFOSSINTÁTICOS E LÉXICOS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS
TRÊS LAGOAS – MS
2010**

GERARDO MANUEL GARCÍA CHINCHAY

**O ESPANHOL DE CANTA (LIMA-PERU): ALGUNS ASPECTOS FONOLÓGICOS,
MORFOSSINTÁTICOS E LÉXICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS
TRÊS LAGOAS – MS
2010**

**O ESPANHOL DE CANTA (LIMA-PERU): ALGUNS ASPECTOS FONOLÓGICOS,
MORFOSSINTÁTICOS E LÉXICOS**

BANCA DE DEFESA

Orientador Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira (UFMS/ CPTL)

Prof. Dra. Vitória Spanghero Ferreira (UFMS/CPTL)

Prof. Dr. Waldemar Ferreira Neto (USP)

Suplentes:

Prof. Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos (UEL)

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco (UFMS/ CPTL)

**TRÊS LAGOAS – MS
2010**

Aos povos andinos, em especial ao povo de Canta, que, apesar dos anos, ainda conserva “testemunhos” da presença indígena andina.

AGRADECIMENTOS

Registro aqui o meu reconhecimento e agradecimento àqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho:

A Deus, por tudo o que me deu e me dará.

A meus informantes, ao povo andino de Canta, pela acolhida e disponibilidade, já que sem a ajuda deles este trabalho não existiria.

À minha família: meus pais, Gerardo Garcia Valverde e Mercedes Chinchay Aliaga; meus irmãos: John Henry e Fiorella Judith. Todos eles têm sido fontes inacabáveis de amor, alento e superação. Eles me apoiaram em todo momento e souberam compreender-me nos momentos difíceis. A todos eles, sempre um agradecimento infinito.

A Nícida Mariela Oliva González pela ajuda no trabalho de campo.

Ao Professor Doutor, o meu orientador, Rogério Vicente Ferreira, por me orientar com paciência e compreensão e por me brindar com conhecimentos de teoria linguística, bem como com sua amizade, com conselhos significativos a um estudante estrangeiro.

Aos professores Edson Rosa Francisco de Souza e Marlene Durigan pelos valiosos comentários e sugestões a esta pesquisa.

Ao Professor Mestre Augusto Alcocer Martinez (Universidad Nacional Federico Villarreal, Peru), pelos comentários, sugestões e críticas ao trabalho.

Ao Dr. Rodolfo Cerrón-Palomino (Pontifícia Universidad Católica del Peru), por influenciar-me sobre as pesquisas linguísticas na área andina.

Ao Professor Doutor Angel Corbera Mori (Universidade Estadual de Campinas), pelos conselhos durante o mestrado.

Ao linguista Alejandro Guamancayo (Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Peru), pelos valiosos comentários aportados à pesquisa.

Aos professores Dra. Celina Garcia do Nascimento e Dr. José Batista de Sales (Coordenadores da Graduação Letras da UFMS-CPTL, 2009), pela oportunidade que me concederam de atuar como professor voluntário no ensino superior, no Brasil, na disciplina Língua Espanhola I, de março a setembro de 2009.

Aos meus amigos Vinicius Figueiredo e Joseane Marçal, por me acolherem como professor de espanhol no Projeto de Extensão Pró-línguas na UFMS-CPTL, de abril de 2008 até dezembro de 2010.

Ao meu amigo Ivan, Mestrando em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Câmpus Niterói, pela realização dos mapas.

A pessoas como o sr. Luiz Guilherme, sra. Neuraci, Luiz, Jeferson, sr. Ary, sra. Rose, sr. Mieceslaw, Luciano, Rodolfo, Ivan, Daniel, Roberto, Tayrone. Todos eles são amigos que fizeram mais divertida minha estada neste país.

À CAPES (Coordenação Acadêmica Pessoal do Ensino Superior), pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I – METODOLOGIA TEÓRICA E DE CAMPO	21
1.1 Metodologia teórica.....	21
1.1.1 Descrição linguística.....	21
1.1.1.1 Teoria do contato de línguas.....	21
1.2 Metodologia de campo.....	27
1.2.1 Pesquisa bibliográfica.....	27
1.2.2 Pesquisa de campo propriamente dita e coleta de dados.....	28
1.2.2.1 Coleta de dados.....	29
1.2.2.2 Os informantes	30
CAPÍTULO II – ANTECEDENTES	32
2.1 Antecedentes onomásticos.....	32
2.2 Antecedentes linguísticos.....	34
CAPÍTULO III – CANTA	36
3.1 Situação atual.....	36
3.1.1 Aspectos físicos.....	36
3.1.2 Divisão política da província de Canta.....	36
3.1.3 Altitude.....	36
3.1.4 População.....	37
3.1.5 Principais características da economia	37
3.2 Antecedentes históricos de Canta	38
3.2.1 Época pré- incaica e incaica	38
3.2.2 Conquista e virreinato	39
CAPÍTULO IV – AS FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS ANDINAS	40
4.1 Línguas mistas.....	40
4.2 A família <i>uru-chipaya</i>	41
4.3 Possível origem comum do quechua e do aimara: <i>quechumara</i>	41
4.4 A família <i>aimara</i>	42
4.5 A família <i>quechua</i>	43
4.6 Características fonológicas e gramaticais das famílias quechua e aimara.....	47
4.6.1 Fonologia.....	47
4.6.1.1 O sistema vocálico	48
4.6.1.2 O sistema consonântico	48
4.6.2 Morfossintaxe.....	50
4.6.2.1 A palavra em quechua e aimara.....	50
4.6.2.2 O sistema nominal quechua e aimara.....	53
4.6.2.3 O sistema verbal quechua e aimara.....	54

CAPÍTULO V – A LÍNGUA ESPANHOLA.....	56
5.1 A língua espanhola nos quatro mundos.....	56
5.2 A Língua espanhola na América.....	56
5.3 O espanhol do Peru.....	62
5.3.1 O espanhol peruano e suas variedades.....	62
5.3.2 O espanhol andino peruano.....	64
CAPÍTULO VI – ANÁLISE DOS DADOS: TRANSFERÊNCIA DAS LÍNGUAS ANDINAS AO ESPANHOL DE CANTA	65
6.1 Transferências fonológicas.....	67
6.1.1 O segmento /f/.....	69
6.1.1.1 Descrição e análises	69
6.1.1.2 Origem	72
6.1.2 O segmento /k/	75
6.1.2.1 Descrição e análises	75
6.1.2.2 Origem.....	78
6.1.3 O segmento [ɾ].....	80
6.1.3.1 Descrição e análises.....	80
6.1.3.2 Origem.....	81
6.2 Transferências morfossintáticas.....	82
6.2.1 Transferência de alguns morfemas.....	82
6.2.1.1 As interjeições.....	82
6.2.1.2 O gênero.....	83
6.2.2 Transferência na ordem de palavras.....	84
6.2.2.1 A dupla marcação de posse.....	84
6.2.2.2 Tratamento do acusativo.....	86
6.2.2.3 Tratamento do dativo.....	91
6.3 Transferências léxicas.....	95
6.3.1 Empréstimos léxicos.....	95
6.3.1.1 Por sua natureza.....	96
6.3.1.1.1 Empréstimos adaptados.....	96
6.3.1.1.1.1 Adaptações vocálicas.....	97
6.3.1.1.1.2 Adaptações consonânticas.....	98
6.3.1.1.1.3 Adaptações vocálicas e consonânticas.....	100
6.3.1.2 Empréstimos não adaptados.....	101
6.3.1.2 Por sua formação.....	102
6.3.1.2.1 Empréstimos não adaptados de lexemas simples.....	102
A) Quechua	102
B) Aimara.....	102
C) Quechua e Aimara	102
6.3.1.2.2 Empréstimos não adaptados de lexemas compostos.....	102
A) Quechua + Quechua.....	103
6.3.1.2.3 Empréstimos híbridos.....	103
6.3.1.2.3.1 Lexema + Lexema.....	103
A) Quechua + Espanhol	103
B) Espanhol + Quechua.....	103
6.3.1.2.3.2 Lexema + Afixo.....	103
A) Quechua + Espanhol.....	103

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
ANEXOS.....	120
Nº 1. LÉXICO COLETADO PARA A ANÁLISE DO ESPANHOL DE CANTA.....	121
Nº 2 MAPA DE HISPANO-AMÉRICA.....	126
Nº 3 MAPA DO <i>QUECHUA</i> E DO <i>AIMARA</i> E OUTRAS LÍNGUAS DO PERU SEGUNDO O ETHNOLOGUE.....	127
Nº 4 MAPA DO ESPANHOL ANDINO.....	128
Nº 5 MAPA DE CANTA.....	129
Nº 6 MODELO DA ENTREVISTA.....	130
Nº 7 MODELO DE QUESTIONÁRIO.....	131

LISTA DE SIMBOLOS

- {-N} Qualquer sufixo do paradigma
- [] Transcrição fonética
- // Transcrição fonológica
- * Proto-forma, forma reconstruída ou forma anterior
- { } Morfemas
- ~ Alomorfia
- < > Grafemas ou fontes de escrita originais
- + Fronteira morfêmica
- . Fronteira silábica

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AC	Aimara Central
ACUS.	Acusativo
<i>Adj.</i>	Adjetivo
ADV.	Advérbio
<i>Aim.</i>	Aimara
<i>Arg.</i>	Argentina
AS	Aimara do Sul
ASP.	Aspectual
<i>Bol.</i>	Bolívia
<i>Col.</i>	Colômbia
CPP	Constituição Política do Peru
DAT.	Dativo
DET. POS.	Determinante Possessivo
DRAE	<i>Diccionario de la Real Academia Española</i>
<i>Eq.</i>	Equador
E/LE	Espanhol como Língua Estrangeira
<i>Esp.</i>	Espanhol
<i>Esp. lit.</i>	Espanhol literal
F.prep./ FP	Frase Preposicional
<i>Imp.</i>	Imperativo
IPA	International Phonetic Alphabet
<i>Jac.</i>	Jacaru
L1	Primeira língua ou língua materna
L2	Segunda língua

N	Nome
NUM	Numeral
OBJ	Objeto
<i>Pe.</i>	Peru
PL.	Plural
1PO	1ª Pessoa Objeto
1PPLEX	1ª Pessoa Plural Exclusiva
1PPLIN	1ª Pessoa Plural Inclusiva
1SG	1ª Pessoa Singular
1PS	1ª Pessoa Sujeito
2SG	2ª Pessoa Singular
3PL	3ª Pessoa Plural
3SG	3ª Pessoa Singular
3PS	3ª Pessoa Sujeito
PREP	Preposição
PROG.	Progressivo
<i>Pr.</i>	Pronome
PRON. POS	Pronome Possessivo
<i>Quech.</i>	Quechua
<i>Quech. A.</i>	Quechua Ancash-Huiallas
<i>Quech. C.</i>	Quechua Cajamarca-Cañaris
QC	Quechua Central
<i>Quech. H.</i>	Quechua de Huánuco
<i>Quech. J.</i>	Quechua Junín-Huanca
QN	Quechua do Norte

<i>Quech. PH</i>	Quechua de Pasco-Huánuco
QS	Quechua do Sul
RAE	<i>Real Academia Española</i>
S.	Substantivo
Séc.	Século
TOP	Topicalizador
Vb./ VB	Verbo

LISTA DE QUADROS

QUADRO N° 1: POPULAÇÃO DA PROVÍNCIA DE CANTA.....	37
QUADRO N° 2: CONSOANTES DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA QUECHUA E AIMARA.....	49
QUADRO N° 3: SUFIXOS POSSEIVOS E DE PESSOA DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA QUECHUA.....	53
QUADRO N° 4: SUFIXOS VERBAIS DA FAMÍLIA QUECHUA E AIMARA.....	55
QUADRO N° 5: FONEMAS CONSONÂNTICOS DA LÍNGUA ESPANHOLA..	67
QUADRO N° 6: OS FONEMAS CONSONÂNTICOS DO ESPANHOL DE CANTA, BASEADO EM MASGO (1977), RAMIREZ (1980) E BALDOCEDA (1993).....	68
QUADRO N° 7: COMPARAÇÃO ENTRE /ʃ/ DO AIMADARA DO CENTRO E /s/ DO AIMARA DO SUL.....	73
QUADRO N° 8: HIPÓTESES DE /x/ e /k/ NO ESPANHOL DE CANTA.....	99

LISTA DE FIGURAS

FIGURA N° 1: A FAMÍLIA LINGUÍSTICA AIMARA.....	42
FIGURA N° 2: A FAMÍLIA LINGUÍSTICA QUECHUA.....	44
FIGURA N° 3 A: ESTRUTURA MORFOLÓGICA DA PALAVRA EM QUECHUA E AIMARA.....	51
FIGURA N° 3 B: PALAVRA EM QUECHUA E AIMARA.....	51
FIGURA N° 4: VARIEDADES DIALETAIS DA LÍNGUA ESPANHOLA.....	55
FIGURA N° 5: ABRANGÊNCIA DO ESPANHOL ANDINO.....	55
FIGURA N° 6: O ESPANHOL PERUANO SEGUNDO ESCOBAR.....	63
FIGURA N° 7: O ESPANHOL PERUANO SEGUNDO CARAVEDO.....	63
FIGURA N° 8: MUDANÇAS NA REALIDADE LINGUÍSTICA DE CANTA.....	67
FIGURA N° 9: ORIGEM DE /ʃ/.....	74
FIGURA N° 10: ORIGEM DA PALATAL.....	79

RESUMO

A configuração atual de Hispano-América se deve à posição de vantagem que a língua espanhola teve diante das línguas indígenas americanas. No espaço andino, especialmente no Peru, esse contato e posterior substituição de línguas têm configurado um espanhol diferente do padrão, que é conhecido como o espanhol andino. Esse espanhol é obtido de duas maneiras: a primeira, como segunda língua de aprendizagem, dos falantes nativos de quechua ou aimara; a segunda, como língua materna em zonas onde antes se falava uma das línguas andinas. Sobre esse segundo aspecto, um exemplo real ocorre com os falantes da província de Canta, localizada na região de Lima, a 101 km da cidade de Lima, capital do Peru. Nossa pesquisa aborda alguns aspectos fonológicos, morfossintáticos e léxicos do espanhol de Canta. Nessa província, onde, atualmente, existem só falantes monolíngues de espanhol, sendo essa variedade de espanhol possuidora de várias marcas (ou transferências) de um antigo contato com as línguas andinas. Essas marcas são visíveis em todos os níveis, desde o fonológico e morfossintático até o léxico. No plano fonológico, encontra-se a pervivência de dois fonemas e uma aproximante; no morfossintático, chama a atenção o comportamento pronominal dos casos acusativo e dativo; no léxico, encontra-se uma grande quantidade de palavras indígenas adotadas e não adotadas, assim como a presença dos híbridos. Na construção do referencial teórico da pesquisa, foram utilizados os trabalhos de Thomason (2001), Appel e Muysken (1996) sobre o contato de línguas; as contribuições de Thomason e Kaufman (1988) sobre transferências; os aportes de Malmberg (1967), Alcaráz e Martinez (1997) sobre substrato e, por último, acerca da teoria da multicausalidade ou causa múltipla, baseamo-nos em Malkiel (1967) e, na sua aplicação no mundo hispânico, optamos por De Granda (1999).

Palavras-chave: Espanhol Andino, Canta, Peru

ABSTRACT

The current configuration of Hispano-America is due to the advantageous position that took the Spanish language in the face of American Indian languages. In the Andean area, especially in Peru, this contact and subsequent replacement of Spanish languages have a different set of pattern that is known as the Andean Spanish. This Spanish is obtained in two ways: first, as a second language learning from native speakers of Quechua or Aymara, the second mother tongue in areas where previously there was talk of the Andean languages. On this second point, a real example is the case with the speakers of the province of Canta, located in the Lima region, 101 km from the city of Lima, Peru. Our research addresses some phonological, morphosyntactic and lexicons of Spanish of Canta. This province, where there are currently only monolingual speakers of Spanish, and this variety of Spanish possession of several brands (or transfers) of an old contact with the Andean languages. These marks are visible at the phonological, morphosyntactic and even the lexicon levels. In terms of phonological, there are two new phonemes; in morphosyntactic, draws attention to the behavior of pronominal accusative and dative cases, the lexicon, there is a lot of Indian words adopted and not adopted, as well as the presence doss hybrids. Were used with theoretical work of Thomason (2001), Appel and Muysken (1996) on the language contact, the contributions of Thomason and Kaufman (1988) on transfers; intakes of Malmberg (1967), Alcaraz and Martinez (1997) on substrate and, finally, about the theory of multiple causes or multiple causes us based on Malkiel (1967) and its application in the Hispanic world we chose De Granda (1999).

Keywords: Andean Spanish, Canta, Peru

INTRODUÇÃO

No espanhol andino de Canta, encontram-se diversos “vestígios” de um antigo contato com as línguas andinas quechuas e aimara. Esse tipo de contato denomina-se, tecnicamente, transferência. Tem-se conhecimento dessas línguas por meio de fontes históricas e onomásticas, pois elas nunca foram descritas nem documentadas naquele território. Atualmente, nessa província localizada na região de Lima, no Peru, todos os seus habitantes são falantes monolíngues hispanos e não possuem lembrança de um passado linguístico andino. Por isso, este estudo pretende, de forma geral, analisar o espanhol andino dessa província por meio das principais transferências aportadas pelas línguas andinas nos diferentes níveis, do fonológico até o lexical. Com efeito, este trabalho justifica-se pelo fato de que esse tipo de pesquisa sobre o lugar nunca foi realizado, pois só existiam trabalhos independentes e isolados. De forma geral, a pesquisa também se justifica quando se procura compreender o espanhol andino dos monolíngues, uma vez que são os menos estudados no Peru.

A dissertação encontra-se estruturada em seis capítulos conforme descrevemos na sequência.

O primeiro capítulo, *Metodologia teórica e de campo*, mostra, inicialmente, os pressupostos teóricos em que se ancora a pesquisa, quais sejam: os trabalhos de Wenreich (1953), Thomason e Kaufman (1988), Silva-Corvalán (1989, 1994), Appel e Muysken (1996), Thomason (2001) e Makiel (1967). Posteriormente, apresentam-se os procedimentos adotados na realização do trabalho de campo realizado nos distritos de Canta, assim como os critérios de seleção de nossos informantes.

No segundo capítulo, *Antecedentes*, são relatadas as pesquisas anteriormente realizadas sobre Canta, tanto aquelas de perspectiva histórica (CABRERA, 1984;

ROSTWOROWSKI, 1978; VILLAR, 1982), como as de natureza linguística (ALCOCER, 1988; BALDOCEDA, 1993; CERRÓN-PALOMINO, 2008; MASGO, 1977, 1988; RAMÍREZ, 1980).

O terceiro capítulo, *Canta*, apresenta uma breve descrição geográfica, geopolítica (RAMON, 2008), demográfica (INEI, 2007), social e histórica (CERRÓN-PALOMINO, 1985; ROSTWOROWSKI, 1978; VILLAR, 1982) dessa Província.

No quarto capítulo, *As famílias linguísticas andinas*, mostramos a situação e o funcionamento linguístico particularmente das famílias quechua (CERRÓN-PALOMINO, 1987; PARKER, 1963; TORERO, 1964) e aimara (CERRÓN-PALOMINO, 2000b; OLIVA, 2002).

No quinto capítulo, situamos o espanhol de Canta dentro do chamado espanhol andino e, pois, do bloco denominado espanhol da América. (FONTANELLA, 1992; LAPESA, 1981; LÓPEZ, 1996; ZAMORA, 2009a). Assim também, utilizando critérios linguísticos, históricos e práticos, dividimos o espanhol andino em *espanhol andino lato sensu* e *espanhol andino stricto sensu*. O primeiro atingiria a extensão da Cordilheira dos Andes desde Cabo de Fornos, no sul do continente sul-americano, até a Venezuela, ao norte, passando pelo Chile, Argentina, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia (ADELAAR E MUYSKEN, 2004). O segundo seria o *espanhol andino* falado em lugares onde, no passado, estiveram as famílias linguísticas aimaras e quechuas, e que corresponderia à área de alcance do desenvolvimento do Império dos Incas. (UHLE, 1909; CERRÓN-PALOMINO, 1985).

Finalmente, no sexto capítulo, *Análise de dados: algumas transferências das línguas andinas ao espanhol de Canta*, apresentamos descrições e análises das transferências fonológicas (a presença dos segmentos [λ, ʃ, ɹ]), morfossintáticas (a interjeição, o diminutivo, o gênero, a dupla marcação de posse e o tratamento do

acusativo e dativo) e léxicas (os empréstimos e híbridos), das línguas quechua e aimara ao espanhol de Canta.

A seção de anexos contém o *léxico coletado para a análise do espanhol de Canta*, quatro mapas (da Hispano-América, do *quechua* e *aimara*, do espanhol andino e da Província de Canta) e os modelos da entrevista e questionário aplicados a nossos informantes.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA TEÓRICA E DE CAMPO

1.1 Metodologia teórica

Dentro da metodologia teórica, definimos e explicamos os pressupostos teóricos usados na realização desta pesquisa.

1.1.1 Descrição linguística

O trabalho situa-se na perspectiva sociolinguística e do contato de línguas. Esse campo de estudo foi iniciado pelos trabalhos feitos por Whitney e desenvolvido por Wenreich ([1953] 1974), Thomason e Kaufman (1988), Silva-Corvalán (1989, 1994), Appel e Muysken (1996) e Thomason (2001). A seguir, detalharemos o que entendemos por contato de línguas e que fenômenos constituem-se como causas dele.

1.1.1.1 Teoria do contato de línguas

Denomina-se contato de línguas a coexistência de duas (ou mais) línguas num mesmo espaço geográfico. Thomason (2001, p. 1) define esse conceito de maneira simplificada, dizendo que “o contato de línguas é o uso de mais de uma língua em algum lugar, em algum tempo [...]”. Efetivamente, de acordo com essa proposta e a de Garmadi (1983, p. 97), duas línguas estão em contato quando são alternativamente utilizadas pelas mesmas pessoas. Os indivíduos que utilizam essas línguas são então os lugares de contato, ou seja: são os falantes das línguas que se inter-relacionam, e não as línguas em si. Apesar disso, a expressão “contato de línguas” é uma metáfora útil que serve para explicar como os distintos sistemas linguísticos influenciam um ao outro¹.

¹ Appel e Muysken (1996) explicam que a expressão ‘contato de línguas’ é uma metáfora útil na pesquisa sociolinguística.

Por outro lado, o contato linguístico tem sido objeto de especial atenção por parte dos sociólogos da linguagem e etnógrafos da fala, bem como pelos estudos variacionistas, sobretudo na vertente empírica, mas, como aponta García (1993, p. 53):

La preocupación [...] no ha sido exclusiva de los sociolingüistas. Psicólogos, sociólogos, antropólogos o pedagogos se han ocupado de unos de los temas clave de nuestro tiempo. No menos cierto es que esta vez el campo de preocupaciones sociolingüísticas se halla bien delimitado: las características del contacto linguístico, la situación social de las lenguas implicadas en el mismo, su distribución funcional y las tensiones generadas en relación a estos factores.

Efetivamente, as pesquisas sobre línguas em contato começaram alheias à linguística e, sobretudo, à sociolinguística. Os pressupostos iniciais da análise basearam-se em conceitos psicológicos, antropológicos ou pedagógicos (ZANON, 1991).

Com efeito, o estudo das línguas em contato remonta, possivelmente, aos estudos histórico-comparativos do século XIX. Nessa época, Whitney já havia feito referência aos empréstimos na mudança linguística e Schuchardt já havia tentado explicar o contato de algumas línguas (APPEL E MUYSKEN, 1996, p. 16-17); no entanto as pesquisas de Uriel Weinreich focalizadas na área da sociolinguística tiveram como resultado o livro *Language in contact*, publicado em 1953, cujas bases eram os modernos estudos sobre o contato de línguas (MERMA, 2007, p. 21).

O fato de que as línguas estejam em contínuo contato é um fenômeno *sociolinguístico* comum. Calvet (2002, p. 35) aponta:

[...] torna-se evidente que o mundo é plurilingue em cada um dos seus pontos e que as comunidades linguísticas se costeiam, se superpõem continuamente. O plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade [...].

Não existem dúvidas de que a situação natural do mundo é a de uma realidade plurilíngue, pois, das 4000 ou 5000 línguas que existem no mundo, muitas se encontram espalhadas apenas ao redor de 150 países. Assim, essa realidade é totalmente

assimétrica, já que alguns países têm menos línguas e outros, mais; em alguns casos, mais de uma centena. (CALVET, 2002; URIBE, 1972; MACKEY, 1976; BERNÁRDEZ, 1999).

Sobre as consequências do contato de línguas, sobretudo nos países bilíngües, Weinreich (1974, p. 1) menciona a aparição das interferências nos falantes e o impacto causado por esse fenômeno:

La práctica de usar alternativamente las dos lenguas se denominará bilingüismo y a las personas implicadas se denominarán bilingües. Los casos de desviación con respecto a las normas de una u otra lengua que se da en los bilingües como resultado de su familiaridad con más de una lengua, es decir, como resultado del contacto de lenguas, se hará referencia con el término fenómenos de interferencia. Son estos los fenómenos de habla y su impacto sobre las normas de cada contacto de lengua expuesta al contacto lo que despierta el interés del lingüista.

O surgimento das interferências como estágios intermediários diferentes das normas das línguas em contato, tal como se afirma acima, pode ter um efeito muito profundo nas línguas. Segundo Weinreich (1974, p. 1), pode implicar

El reacamado de pautas resultantes de la introducción de elementos foráneos en los dominios más acabadamente estructurados de la lengua como el fuerte sistema fonemático, una gran parte de la morfología y la sintaxis y algunas áreas del vocabulario (parentesco, color, clima, etc.

O contato e a interferência podem levar à substituição de uma língua por outra ou à aparição de novas variedades linguísticas, como aconteceu com o espanhol na América. Nesse caso, os falantes das línguas ameríndias abandonaram suas línguas maternas pelo espanhol trazido da Península, configurando-se uma variedade de espanhol “com novo rosto”. Além das interferências, que é um termo mais tradicional e quase de uso específico para fenômenos e sociedades bilíngües, nós preferimos usar o termo moderno *transferência*. Sobre o uso e a definição desse termo, verifica-se, no texto de Thomason e Kaufman (1988, p. 37), que “a reduplicação de alguns fatos (item lexical, estrutura linguística, etc.) numa língua sobre o modelo de outra língua” é chamada de transferência. Da mesma maneira, para M. Clyne (1967 *apud* MORENO, 1998, p. 263), generalizar o termo e o conceito de “transferência” evitaria a conotação

(não gramatical) que implica a noção de interferência. Essa proposta não é, no entanto, absolutamente nova, porque Weinreich já fazia uso de tal denominação. No mesmo caminho, Moreno (1998, p. 263) define a transferência como

[...] la influencia que una lengua ejerce sobre otra y, concretamente, como el uso, en una lengua B, de un rasgo característico de la lengua A. En el terreno de la gramática, las transferencias son, lógicamente de naturaleza gramatical y dan lugar a resultados agramaticales en la lengua B y a reestructuraciones de su sistema. Ahora bien, el hecho de que los resultados sean agramaticales no quiere decir que sean poco frecuentes o antinaturales: en una situación de contacto las transferencias (interferencias) son tan esperables como habituales.

Moreno destaca que, no contato de línguas, é esperável, natural e habitual que as transferências gramaticais na língua A resultem em transferências agramaticais na língua B.

Silva-Corvalán (1989, 1994, p. 4-5) argumenta, todavia, que, para se falar de *transferência*, é necessário que ocorram os seguintes fenômenos:

- 1) A substituição de uma forma da língua B por uma forma da língua A ou a incorporação de uma forma de A inexistente em B. Esse fenômeno corresponde ao que tradicionalmente se chamou *empréstimo*; Silva-Corvalán fala de *transferência direta*.
- 2) A incorporação do significado de uma forma da língua A em uma forma existente na língua B. Estaríamos também diante de uma *transferência direta*.
- 3) O aumento da frequência de uma forma de B por corresponder a uma forma categórica ou majoritária na língua A. Tratar-se-ia de uma *transferência indireta*.
- 4) Perda de uma categoria ou uma forma da língua B que não existe na língua A. Também estaríamos diante de uma *transferência indireta*.

Apesar das críticas acerca da tradicional noção de interferência, isso não supõe o abandono de tal denominação, que está muito arraigada entre os que são ou não especialistas. Assim, nesta pesquisa, utilizamos o conceito de transferência (antes de

interferência), posto que, na nossa comunidade objeto de estudo, só existem monolíngues hispanos².

De forma mais ampla, denomina-se de diferentes maneiras o tipo de transferência, que depende da posição e função da língua que transfere traços sobre a outra, havendo entre eles fenômenos como superstrato, adstrato e substrato.

Quando as transferências produzidas no contato de línguas obedecem ao influxo que exerce a língua dominante sobre a oprimida, tem-se o *superstrato*. Sobre esse termo, Carreter (1973, p. 383) concebe o superstrato como

un conjunto de fenómenos producidos por una lengua llevada a otro dominio lingüístico en un proceso de invasión y que desaparece o no es adoptada ante la firmeza de la lengua aborigen. W. Von Warturg, creador del término (1933), ha hecho notar cómo, en estos casos, la lengua desaparecida puede teñir con algunos rasgos fónicos, léxicos y gramaticales a la lengua que persiste. Así por ejemplo, la distinción que el francés y el italiano hacen en la diptongación entre sílabas libres y trabadas es, según Wartburg, la consecuencia de un residuo que los hábitos articulatorios de los germanos dejaron en el latín al adoptar éstos la lengua del Imperio conquistado y abandonar la suya propia: un fenómeno de superstrato. Por tanto, se han enseñado también acciones de superstrato las ejercidas por el español sobre el guaraní, el quechua, el náhuatl..

Carreter, para explicar o superstrato como fenômeno sociolinguístico, esclarece que ele tende a aparecer pela influência exercida pelo espanhol sobre as línguas ameríndias iniciadas na época colonial.

Quando o influxo é, porém, ao contrário, de baixo para cima, da língua dominada à dominante, o que se tem é o *substrato*. De forma geral, Malmberg define esse fenômeno manifestando que:

En la teoría de los cambios lingüísticos se emplea el término SUBSTRATO para designar la conservación de ciertos hábitos lingüísticos (la forma de pronunciar cierto sonidos o el uso de ciertas construcciones o expresiones idiomáticas) que puede suceder cuando un pueblo abandona su lengua nativa y empieza a hablar otra lengua, a consecuencia de una conquista o invasión, por ejemplo. Lo que en principio eran errores se va aceptando gradualmente en el nuevo lenguaje. De esta manera, la lengua de un pueblo conquistador puede modificarse por influencia del lenguaje de los conquistados (MALMBERG, B., 1967, p. 20 *apud* ALCARÁZ, E. e MARTÍNEZ, M. 1997. p. 546).

² Neste trabalho, optou-se por não utilizar o termo “empréstimo” de uma forma geral, ou seja, empréstimo fonológico, morfossintático e léxico, mas sim em um sentido restrito: somente nas transferências lexicais ou empréstimos lexicais, tal como segue Carvalho (1989), presentes, neste caso, na língua espanhola.

Com relação ao substrato, Malmberg argumenta que é a conservação de certos aspectos da língua local presentes em outra língua. As características daquela língua local que o falante substituiu no percurso do tempo encontram-se agora na nova língua que é utilizada.

No tocante às línguas indígenas, Amado Alonso (1961) destaca os distintos tipos de substrato produto do contato do espanhol com as línguas indígenas da América.

O autor argumenta que:

las lenguas indígenas se presentan como substratum fonético del español americano, desde el grado cero (las grandes ciudades del Río de La Plata, Lima, Bogotá, Las Antillas, etc.) hasta el grado máximo en las extensas zonas de bilingüismo. El substratum morfológico y sintáctico es exclusivo de las regiones todavía bilingües. El substratum léxico se presenta muy complicado con los préstamos. La mayor parte de los indigenismos usados por toda América (y de los que pasaron a Europa) preceden de una sola región, las Antillas, primer asiento de los españoles y único durante treinta años; después el náhuatl mejicano y el quechua peruano son los principales proveedores. Las lenguas indias locales dan al español de cada región más palabras cuanto más se aproximan sus habitantes al bilingüismo. En las lenguas locales, muchas palabras han sido desplazadas por la correspondiente antillana, y menos por la mejicana o la quechua. De este modo, América resulta ser excelente campo de estudio para sorprender el proceso histórico de la acción de substratum y el de las migraciones de palabras de diferentes lenguas conjuntamente desplazadas por otra de los conquistadores. (ALONSO, 1961, p. 266).

Por último, quando as línguas do mesmo *status* se transferem, o que temos é o *adstrato*. Sobre esse termo, Lázaro Carreter (1973, p. 28) expressa o seguinte:

Adstrato/Parastrato: Término propuesto por M. Valkhoff para designar el influjo entre dos lenguas que, habiendo convivido algún tiempo en un mismo territorio, luego viven en territorios vecinos. Es sinónimo de Parastrato. El mismo término se aplica actualmente por muchos lingüistas para designar el influjo mutuo de dos lenguas o dialectos vecinos: catalán y castellano, gallego y asturiano, etc..

Efetivamente, o adstrato mostra-se nos contatos de língua em espaços geográficos vizinhos. A influência é bidirecional, sem chegar a desaparecer nenhuma das línguas. Por exemplo: na Península Ibérica, existe adstrato entre o catalão e o castelhano³ (ATIENZA *et al*, 1998); na América do Sul, entre o português e espanhol,

³ Optamos por “castelhano” aqui porque obedece à denominação aceita pelos peninsulares, mas, ao longo da dissertação, preferimos utilizá-los como sinônimos.

nas regiões de fronteira entre o Brasil e os países hispano-americanos (STEFANOVA-GUEORGUIEV, 2000).

Superstrato, substrato e adstrato são fenômenos de transferência, tal como define Silva-Corvalán (1989; 1994, p. 4-5): “produto do contato linguístico”. A aparição desses fenômenos é um processo natural, assim como o contato de línguas dentro das sociedades.

1.2 Metodologia de campo

Dentro da metodologia de campo, relatamos o processo de coleta bibliográfica e de dados empreendido para a realização desta pesquisa.

1.2.1 Pesquisa bibliográfica

Inicialmente foi realizada uma coleta de documentos com fontes primárias ou secundárias, dando preferência às contemporâneas: estudos publicados em revistas especializadas, algumas delas disponíveis na internet. A coleta de informação teórica referente ao espanhol, espanhol andino, contato de línguas, línguas andinas, fonética e fonologia, gramática e lexicologia foi realizada nos seguintes locais e datas. A coleta bibliográfica foi iniciada na *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul* (Três Lagoas, MS, Brasil), Biblioteca Câmpus I, onde encontramos materiais sobre empréstimos linguísticos, sociolinguística e dialetologia em língua portuguesa. Depois, viajamos ao Peru e fomos à *Pontificia Universidad Católica del Perú* (PUCP), em cuja biblioteca encontramos informações sobre espanhol andino e contato de línguas. Do mesmo modo, visitamos a Biblioteca Central e a Biblioteca de Educação da *Universidad Nacional Mayor de San Marcos* (Lima-Peru), onde encontramos duas teses que abordavam o espanhol de um distrito da província de Canta. A *Biblioteca Nacional del Peru* foi outro lugar visitado para a obtenção de informação histórica sobre a comunidade pesquisada.

Nos Andes da região de Lima, utilizamos a biblioteca do *Concejo Provincial de Canta*, que nos proporcionou alguns manuais de natureza histórica e geográfica sobre a zona de pesquisa. Na nossa visita à *Universidad Nacional Federico Villarreal*, obtivemos as gramáticas das diferentes variedades do quechua e do aimara, além de encontrar pesquisas toponímicas e históricas sobre Canta.

1.2.2 Pesquisa de campo propriamente dita e coleta de dados

A pesquisa de campo foi realizada na província de Canta, nos distritos de Canta e no anexo de Obrajillo, San Miguel de Paríamarca, Cullhuay e Huaros, mas também, de forma indireta, nas demais populações da província⁴. O trabalho de campo dividiu-se em três momentos:

No primeiro trabalho de campo, de 12 a 22 de janeiro de 2009, entramos em contato com as autoridades da província (o *Alcalde* provincial, o Governador provincial e o chefe da comunidade) para informá-los sobre a pesquisa que pretendíamos realizar. Após pedir-lhes audiência para conversar, manifestamos o motivo da visita, que era o de pesquisar a variedade de espanhol que possui a comunidade. O líder informou que a pesquisa poderia ser realizada na comunidade sem problemas. A primeira atividade do trabalho de campo foi realizada só na capital da província, onde foram selecionados os informantes para a entrevista.

O segundo trabalho de campo, de 9 a 18 de fevereiro de 2009, foi realizado no distrito de Obrajillo (anexo da cidade de Canta) e em San Miguel de Paríamarca, onde foram entrevistados agricultores, criadores de gado e fabricantes de queijo artesanal. Vale ressaltar que, nessas circunstâncias, percebemos a importância do *Caderno de campo*, uma vez que o informante apresenta algumas vezes certos registros linguísticos que escapam à entrevista formal, como aconteceu em nosso caso. No

⁴ Aos domingos, vinham pessoas de outros distritos da província para vender e comprar no distrito de Canta. Aproveitamos a presença deles para aplicar o nosso questionário.

Caderno de campo, foram registrados dados importantes para o desenvolvimento direto e indireto da pesquisa.

No terceiro trabalho de campo, de 10 a 20 de janeiro 2010, chegamos aos distritos de Huaros e Culhuay, onde conseguimos entrevistar, em suas casas, várias pessoas com idade acima dos 50 anos.

1.2.2.1 Coleta de dados

A coleta de dados é baseada na proposta de Garcia (2002), conhecida como a *encuesta*. Esse é um método que se realiza por meio de técnicas de interrogação, procurando conhecer aspectos relativos aos diferentes grupos humanos. Neste caso, o interesse é estritamente linguístico e cultural. Tanto para entender como para justificar a conveniência e a utilidade da *encuesta*, é necessário esclarecer que, em um processo de pesquisa, em princípio, o recurso básico que nos auxilia para conhecer nosso objeto de estudo é a observação, a qual permite a apreciação empírica das características e o comportamento do que se pesquisa (Ibidem, p. 19). O objetivo de nossa *encuesta* foi obter informação de natureza linguística (informação fonológica, gramatical e lexical). As ferramentas mais frequentes para a realização de uma *encuesta* são a entrevista e o questionário, as duas técnicas de pesquisa.

Segundo Garcia (Ibidem, p. 29-30), um questionário é um sistema de perguntas racionais, ordenadas de forma coerente, tanto do ponto de vista lógico como psicológico, expressas numa linguagem fácil e compreensível. Sabe-se que o questionário permite a coleta de dados provenientes de fontes primárias, quer dizer, de pessoas que possuem a informação pertinente ao interesse do pesquisador. Nosso questionário, que permitiu a coleta de algumas palavras nativas do léxico do espanhol de Canta, foi dividido em duas partes: na primeira, coletamos dados pessoais do informante, como nome, idade, ocupação, grau de instrução, anotando-se a data em que

o questionário foi aplicado; na segunda parte, coletamos informação estritamente linguística⁵.

Sobre a entrevista, ela se caracteriza por apresentar *perguntas gerais* de uma maneira pouco rigorosa, gerando respostas de conteúdo pouco profundo (Ibidem, p. 22). A duração de nossas entrevistas não teve um tempo limite e ela foi realizada por meio da formulação de perguntas de natureza cultural, como relatos, histórias, origens dos nomes de alguns lugares, ocupações típicas da comunidade, entre outras coisas. Com as entrevistas, obtivemos, além da informação léxica, dados fonológicos e gramaticais relevantes dessa variedade de espanhol andino⁶.

Os dados foram coletados por meio de um microfone e áudio da marca MICRONICS MIC 4840, ligado diretamente ao computador. Para salvar o material coletado, utilizamos o programa *Audacity*, e o processamento realizou-se por meio do programa *Transcriber*.

1.2.2.2 Os informantes

Os informantes são concebidos como falantes que aportam os materiais linguísticos que constituem o corpus de nosso trabalho. As características dos informantes dependem das perguntas que se tenta responder com a pesquisa. (LISTERRI, 2008).

Foram selecionados, no total, 25 informantes. A escolha foi realizada com base num critério sociolinguístico (ETXEBARRÍA, 1985, p. 256-257 *apud* MORENO, 1998, p. 84), como se menciona abaixo:

a) Ser habitante de Canta ou ter nascido obrigatoriamente nessa província.

⁵ O modelo do Questionário Léxico pode-se ver no Anexo N° 7.

⁶ Para observar as perguntas que se formularam na entrevista, pode-se ver o Anexo N° 6.

b) Ser maior de 20 anos, pois, nessa faixa etária, há maior conservação dos traços que caracterizam uma variedade linguística, em oposição aos mais novos, que são altamente inovadores.

c) Não fizemos distinção quanto ao gênero, grau de instrução e estado civil.

CAPÍTULO II

ANTECEDENTES

Entre os estudos sobre Canta, abundam trabalhos de perspectiva histórica (CABRERA, 1984; ROSTWOROWSKI, 1978; VILLAR, 1982), no entanto, dentre os estudos linguísticos, listamos aqueles de natureza onomástica e os estritamente linguísticos.

2.1 Antecedentes onomásticos

Os trabalhos de natureza onomástica⁷ foram os primeiros que, de forma indireta, abordaram as antigas línguas do lugar.

No campo antroponímico, Ramírez (1980) analisa e descreve 101 gentílicos e nomes da província de Canta a partir das *Encuestas del Atlas Lingüístico y Etnográfico del Peru* durante os anos de 1973-1974. O relevante dessa pesquisa encontra-se na mostra da alta frequência de palavras de origem quechua, sobretudo nos apelidos que recebem os povoadores. Esses apelidos são derivados dos nomes das comidas típicas de cada lugar da Província. Sobre isso, Ramírez exemplifica:

Caihuachupes (a los de Canchapilca [lugar]) o *caihuachupe* (del quechua *chupi* “caldo”) es un alimento típico del lugar preparado a base de verduras y [...] abundante *caihuas* (una especie de berenjena verde). (RAMÍREZ, 1980, p. 8; o itálico é nosso)

Sobre a toponímia, Baldoce da (1993) apresenta as origens dos diferentes nomes dos lugares dessa província, que foram coletados a partir de mapas oficiais, livros e monografias referentes ao lugar. A linguista peruana analisa não só as raízes substantivas, verbais e adjetivais dos topônimos, como também as funções que os

⁷ Segundo Solís (1997, p. 14) entende-se por Onomástica a ciência que estuda os nomes próprios, sejam estes de pessoas (antroponimos) ou de lugares (topônimos).

sufixos exercem, tanto de natureza derivativa quanto formativa. Acerca da filiação linguística que possuem os topônimos analisados, a autora explica da seguinte forma:

Las etimologías de los topónimos estudiados nos remiten a los idiomas andinos conocidos (quechua, aimara y jacaru) y, en menor grado, al español, en formaciones híbridas. Algunas veces es difícil precisar en que lengua se basa la etimología, por dos razones: a) Hay raíces comunes en los tres idiomas (por ejemplo., *marka*, *pampa*, *paqcha*, *qutu*, etc.); b) Contacto de lenguas: en la sierra de Lima [zona en que está Canta] coexistieron variedades del quechua con las lenguas aimaras, lo que aún se ve en Yauyos, donde las áreas jacaru-hablantes quedan cerca de los pueblos quechua-hablantes (BALDOCEDA, 1993, p. 1; o itálico é nosso).

Os topônimos mais comuns reconhecidos pela autora são das línguas quechuas e aimaras (o jacaru é uma variedade de aimara), e neles se pode perceber o antigo uso dessas línguas, embora seja difícil estabelecer, em algumas, a verdadeira origem de uma palavra, já que aparece nas três línguas.

Na mesma pesquisa toponímica, Cerrón-Palomino (2008, p. 166) analisa o nome “Canta” dando-lhe origem aimara e explicando o étimo. O linguista argumenta que:

[...] podemos sustentar que también muestra un cambio en su forma fónica, a partir del proto-aimara **kanča*, habiendo ocurrido la mutación **/č/ > /t/* en su desarrollo, fenómeno propio de la evolución de la proto-lengua respectiva. (o itálico é nosso).

Cerrón-Palomino mostra como o nome *Canta* pertence ao aimara⁸, mas algumas variedades de aimara que abarcam o ramo central e que nunca foram registradas de forma direta⁹, como o *jacaru de Canta*. Hardman (1983, p. 25), ao descrever a antiga área de abrangência dessa variedade linguística, explica que ainda existiam falantes em Canta no começo do século XX. Sobre isso, acreditamos que é um argumento difícil de provar, pois Hardman, em nenhum momento, apresenta as provas necessárias para datar a extinção dessa variedade linguística.

⁸ Deve-se entender aqui o termo “Aimara” como família linguística. .

⁹ Sobre a descrição dessa variedade de aimara, Cerrón-Palomino (2000b, p. 49) relata que, em 1934, o arqueólogo Toribio Mejía Xespe coletou material onomástico de toda a área *cauqui* (denominação do aimara do lugar), que ela compreendia toda a região da antiga *Nacion Yauyos* e que atualmente são as atuais províncias de Canta, Huarochirí y Yauyos.

As variedades centrais do aimara foram rapidamente assimilando-se ao quechua daquele lugar, da mesma forma que o quechua foi assimilado pelo espanhol. Argumentos favoráveis ao mencionado anteriormente podem-se encontrar nos registros dessas várias ocupações, por meio dos diferentes itens toponímicos. Um exemplo é que a cidade de Lima era antigamente um lugar de zona aimara em contacto com o quechua, e isso se sabe por informação histórica e pela sobrevivência de topônimos dessas línguas. (CERRÓN-PALOMINO, 2000a) .

2.2 Antecedentes linguísticos

Entre aqueles trabalhos que são considerados estritamente linguísticos, temos as duas teses de Humberto Masgo, *Fonología del español hablado en la Comunidad de Huaros* (1977) e *Gramática del español hablado en la Comunidad de Huaros (Canta): Consecuencias pedagógicas* (1988). Essas teses obedecem às pesquisas feitas sobre a Comunidade de Huaros, localizada dentro do distrito do mesmo nome, na província de Canta, na região andina de Lima e que foram apresentadas na *Universidad Nacional Mayor de San Marcos*. Sobre a primeira tese (1977), que versa sobre o aspecto fonológico do espanhol dessa comunidade, Masgo explica o seu funcionamento por meio de regras distribucionais, especialmente de alofones que ocorrem em distribuição complementar. Além disso, descreve os padrões da estrutura silábica (pp. 106-178) que não variam de acordo com o espanhol geral. No tocante à segunda tese (1988), que discorre sobre o aspecto gramatical e os resultados pedagógicos da mesma comunidade, o autor estabelece pontos de contato entre a linguística pura e a linguística aplicada ao ensino da língua materna espanhola a partir de comunidades concretas. Com isso, Masgo descreve e examina a estrutura e função dos traços dialetais gramaticais do espanhol de Huaros a partir da coleta de dados. A partir dessa descrição linguística, o pesquisador estende o conhecimento ao ensino-

aprendizagem da variedade particular para se aproximar a uma norma regional para, por último, atingir a norma padrão do espanhol peruano. (MASGO, 1988, p.5).

No mesmo plano linguístico, o livro de Augusto Alcocer, *Pequeño atlas léxico del cuerpo humano en la Provincia de Canta* (1988), destaca-se por mostrar a diversidade léxica apresentada nessa província. Esse trabalho resume-se no registro de mapas especiais da província, de seus distritos e anexos¹⁰, um conjunto de formas linguísticas prioritariamente léxicas. A extensão e distribuição dos fenômenos se comprovariam na forma aproximada com a delimitação geográfica da província, que atinge cerca de 23 pontos. Coletaram-se diferentes variantes lexicais por meio de um *Questionario Básico*, estruturado em campos lexicais referentes ao corpo humano. A aplicação do Questionário foi realizada de 1973 até fins de 1974, por uma equipe de professores e estudantes da *Universidad de San Marcos*, encabeçada pelo professor Alcocer.

Dessa maneira, observamos que quase não existem trabalhos de descrição linguística, tanto fonológica como morfossintática e lexical, sobre o espanhol da província em geral. No campo do léxico, somente o trabalho de Alcocer (1988). No aspecto gramatical ou morfossintático, uma exceção são os trabalhos de Masgo (1977; 1988), que abordam uma variedade de espanhol da província, do distrito de Huaros. Pelo contrário, as pesquisas toponímicas foram as mais frequentes, com destaque aos trabalhos de Ramírez (1980), Baldoceca (1993) e Cerrón-Palomino (2008), que mostram a antiga presença das línguas andinas, apesar do tempo, no espanhol local.

¹⁰ Chama-se “anexo”, no Peru, a pequenas e isoladas populações que pertencem administrativa e territorialmente a um distrito, que, por sua vez, é uma divisão da província. (ALCOCER, 1988, p. 64)

CAPÍTULO III

CANTA

3.1 Situação atual

A partir dos dados coletados em nossa pesquisa *in loco*, passamos a descrever a comunidade de Canta.

3.1.1 Aspectos físicos

A Província de Canta localiza-se, geopoliticamente, na região de Lima, Peru, na vertente hidrográfica do Pacífico, ou seja, no lado ocidental da Cordilheira, pertencente aos Andes Centrais Peruanos, e ao norte da cidade de Lima, aproximadamente a 101 km dela (RAMÓN, 2008, p. 6). Possui uma extensão de 1.687.29 km² e foi criada em 12 de fevereiro de 1821.

3.1.2 Divisão política da província de Canta

A província de Canta agrupa sete *distritos*¹¹: Canta, Arahuary, Huamantanga, Huaros, Lachaqui, San Buenaventura e Santa Rosa de Quives.¹² Limita-se, ao Norte, com a província de Huaral; ao Sul, com a província de Huarochirí; a Oeste, com a província de Lima; a Leste, com a província de Yauli, Região de Junín.

3.1.3 Altitude

Encontra-se a aproximadamente 2837 metros acima do nível do mar; mas dentro da província existem diferenças. Por isso destacamos o lugar de maior altitude e o de menor altitude: o lugar mais alto é no nevado denominado *Señal – Auquichani*, com 5,195 m.s.n.m., localizado no distrito de Huaros; o de menor altitude está no limite

¹¹ Entende-se por *distrito* o que no Brasil é um município. Segundo o DRAE (2001), o *distrito* é uma das demarcações em que se subdivide um território ou uma população para distribuir e ordenar o exercício dos direitos civis e políticos, ou das funções públicas, ou dos serviços administrativos.

¹² Dados tomados do *Plan estratégico de la Provincia de Canta* (2008, p. 5).

distrital com Carabayllo, distrito da província de Lima, sobre o rio Chillón, com 520 m.s.n.m. (RAMÓN, 2008).

3.1.4 População

De acordo com o último censo realizado em 2007¹³, na Província de Canta habitam 13513 pessoas, sendo a maioria de origem rural:

Nº	Distritos	Urbano	%	Rural	%	Total
1	Santa Rosa de Quives	568	9.20	5,605	90.80	6,173
2	Canta	2,805	94.19	173	5.81	2,978
3	Huamantanga	967	76.44	298	23.56	1,265
4	Lachaqui	816	82.84	169	17.16	985
5	Huaros	692	75.14	229	24.86	921
6	Arahuay	356	51.90	330	48.10	686
7	San Buena Ventura	250	49.50	255	50.50	505
	TOTAIS	6,454	47.76	7,059	52.24	13,513

QUADRO N°1: População da Província de Canta

3.1.5 Principais características da economia

A criação de gado é a principal atividade econômica na província, sendo o mais importante o bovino, seguido do ovino, do caprino, do asinino, do equino, dos camélidos (como a lhama e a vicunha) e do suíno. É intensiva a venda do gado nos mercados limenhos. A criação de animais menores não tem um assessoramento técnico nem responde às necessidades do mercado e serve basicamente para o autoconsumo, embora, nos últimos anos, as famílias pobres tenham deixado de consumir para vendê-los.

A segunda principal atividade é a agricultura. Nessas terras, seguem-se semeando os tradicionais tubérculos, como *la papa* ‘batata’, mas as melhores variedades delas – a *amarilla*, a *lucha*, a *negra*, a *canteña*, a *juyto*, a *jovera*, a *buena mosa*, a *shiri*, entre outras – estão se perdendo. Em menor proporção, há o *olluco*, tendo-se abandonado por completo o cultivo da *mashua* e de cereais, como *el maíz* ‘milho’, o

¹³ Dados tomados do INEI (2007). Neste site <<http://desa.inei.gob.pe/mapas/bid/>> podem-se encontrar as cifras do último censo no Peru divididas por regiões e províncias.

trigo e a cevada, que estão em queda. (MUNICIPALIDAD PROVINCIAL DE CANTA, 2008, p. 23).

3.2 Antecedentes históricos de Canta

3.2.1 Época pré-inca e inca

Segundo Ramón (2008, p.8), dentro da costa e serra norte, essa província teve suas origens históricas no *Señorío*¹⁴ de Canta, dentro do *Valle Chillón*, por volta de 1200 d.C., anterior ao Império dos Incas. Ademais, Rostworowski (1978 p. 154) aponta que esse *Señorío* estava formado por quatro ayllus e sua extensão territorial diferia da atual. Sua capital era *Kanta-Marka* ou *Cantamarca*, que se encontra localizada a 3.500 metros de altitude, acima do nível do mar. Rostworowski não menciona a possível língua desse *Señorío*, mas, conforme Villar (1982), deve ser uma variedade linguística da família aimara.

Durante o apogeu do Império dos Incas ou o *Tahuantinsuyo*, o Inca Tupac Yupanqui, que governou de 1471 a 1493, dominou numerosas regiões e organizou extensos territórios fomentando a administração e a justiça social. Túpac Yupanqui dominou aos *Yauyos*, *Wancas*, *Wuaro-chiri* e *Chicamas* e, descendo pela Cordilheira dos Andes, acabou com o Reino *Chimu*, formando seu quartel geral na costa norte, *Paramonga*, onde conquistou *Cantamarca*, capital do *Señorío* Canta. Da mesma maneira, Rostworowski não explica sobre a imposição da língua dos Incas da época¹⁵ nesse território, mas conhecedores da política linguística inca devem ter subjugado os povos dominados ao quechua, na sua variedade *Chinchay*. (CERRÓN-PALOMINO, 1985, p. 504-572).

¹⁴ Entende-se por *Señorío* a “[...] Sociedade indígena do Antigo Peru, anterior aos Incas, que os conquistadores espanhóis alcançaram a registrar...” (RAVINES, 1994, p. 375; tradução nossa)

¹⁵ Os incas da época de Inca Tupac Yupanqui falavam quéchua, ao passo que os primeiros incas falavam uma variedade de Aimara. (CERRÓN-PALOMINO, 2004).

4.2.2 Conquista e virreinato

Com a chegada dos espanhóis, os cantenhos formavam parte de um curacazgo¹⁶, reunidos sob a hegemonia dos Atavillos, no vale do Chillón. Foi o conquistador Francisco Pizarro, quando esteve em Jauja (centro andino do Peru), que reservou para si mesmo a Encomenda de Atavillos (RAMÓN, 2008, p. 9), iniciando-se o seu processo de colonização.

Durante a imposição do sistema político-econômico do Império espanhol no Peru, conhecido como Virreinato, a colonização do Vale do Chillón deu-se durante o governo do **Virrei dom Francisco de Toledo**, que enviou a Canta comissionados, os quais dispuseram os diversos *ayllus* ou grupos de família em *marcas* ou em comunidades, que desceram dos cumes das montanhas de onde estavam situados para construir suas novas populações hispanas e, assim, facilitar o governo das cidades e o pagamento do imposto à real fazenda. (ROSTWOROWSKI, 1978, p.155).

¹⁶ Entende-se por *Curacazgo* o “[Pequeno governo pré hispânico comandado por um curaca] [Proveniente de Curaçá]. Curaca (q. *Kuraka* = ‘Senhor principal’, ‘senhor de vasalhos’): Chefe político e administrativo do *ayllu*. Originariamente foi o mais idoso e sábio. [...] Os incas nomearam *curacas* para substituir aos que houvessem demonstrado resistência tenaz contra sua dominação...” (TAURO DEL PINO, 2001, p. 795).

CAPÍTULO IV

AS FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS ANDINAS

As famílias linguísticas mais estendidas atualmente nos Andes centrais são o quechua e o aimara. Essas famílias compõem as línguas maternas da maioria da população andina da Argentina, Peru, Bolívia, Equador, parte de Colômbia e Chile. No Equador e na Bolívia, desenvolveram-se o que os linguistas têm chamado de “línguas mistas”. Também na Bolívia, no estado de Oruro¹⁷, resiste ainda à extinção o *chipaya*, língua do altiplano e única sobrevivente da família *uru-chipaya*. A seguir, passamos a explicar as diferentes línguas e famílias linguísticas dos Andes Centrais, focalizando o quechua e o aimara.

4.1 Línguas mistas

O *callahuaya* (ou *callawalla*) é uma língua mista composta pelo quechua (sufixos e sintaxe) e uma variedade da extinta língua puquina (vocabulário). É usada somente como segunda língua por uns 10 ou 20 curandeiros na serra ao Norte, na província de Bautista Saavedra, no estado de La Paz¹⁸, na Bolívia (TORERO, 2002, p. 456). Seus falantes só são homens curandeiros; as mulheres e as crianças falam espanhol, quechua ou aimara.

Da mesma forma, outra língua mista é aquela que Muysken (1979) chama de *meia língua* e é falada por alguns poucos povos da parte central do Equador, sendo o número de falantes nativos cerca de mil pessoas (em 1999). Essa *meia língua* caracteriza-se por possuir um sistema gramatical quechua e um vocabulário espanhol.

¹⁷ Seguindo a divisão geopolítica da Bolívia, originariamente é o departamento de Oruro.

¹⁸ Originariamente é o departamento de La Paz.

Além dessas famílias, desenvolveram-se também as línguas *mochica* (litoral norte do Peru), *puquina* (litoral sul do Peru e o altiplano peruano-boliviano). O *mochica* extinguiu-se nos inícios do século XX (CERRÓN-PALOMINO, 1995) e o *puquina* nos inícios do século XVIII. (TORERO, 2002, p. 408).

4.2 A família *uru-chipaya*

A família *uru-chipaya* é uma das mais antigas do Altiplano; sua denominação decorre de suas duas variedades existentes: o *uru-wit'u* e o *chipaya*. O *uru-wit'u* é uma língua quase extinta, da qual, no ano de 2000, restaram apenas 2 falantes e 142 uros étnicos, castelhano ou falantes do aimara. Os uros moram na parte do Lago Titicaca, ao sul do Lago Poopó (Bolívia). A mais vital é a língua *chipaya* falada na comunidade de Santa Ana, por aproximadamente mil pessoas, no departamento de Oruro, a 3800 m.s.n.m, ao leste do Lago Poopó, na Bolívia. Eles se denominam “os homens da água”, explicitando a sua origem lacustre, em oposição aos “homens da terra”, que são os forâneos em geral, mas, especialmente, os aimaras. O uso dessa língua é vigoroso em alguns eventos (nas cerimônias religiosas, na educação), e há uma atitude positiva em relação a ela. Os falantes do *chipaya* falam também espanhol ou aimara (CERRÓN-PALOMINO, 2006, p. 18).

4.3 Possível origem comum do quechua e do aimara: o *quechumara*

O quechua e o aimara são as famílias linguísticas mais abrangentes da zona andina, e suas semelhanças formais e estruturais têm levado os pesquisadores a propor que isso se deve a dois aspectos: (1) um forte contato secular; (2) uma possível origem comum. Os partidários da hipótese da origem comum, como Lastra (1970), argumentam que esse parentesco é proposto a partir das reconstruções e comparações das duas famílias, encontrando noções e funções similares, em alguns casos formalmente iguais

(TORERO, 2002, p. 121); a própria criação do termo *quechumara* remete aos paralelismos que existem entre as duas famílias. (CERRÓN-PALOMINO, 1994).

4.4 A família *aimara*

Seguindo a proposta de Cerrón-Palomino (2000b), a família *aimara* divide-se em duas línguas. A primeira, o aimara central (AC), é composta pelos dialetos *cauqui*, com no máximo 10 falantes, todos de idade avançada (OLIVA, 2002), e pelo *jacaru*, com 2000 falantes (HARDMAN, 1983). Essa língua está localizada na serra central, na província de Yauyos, na região de Lima, Peru. A segunda é o aimara sulista (AS), formada pelo aimara altiplânico (Peru e Bolívia) e pelo aimara do norte do Chile, na região de Antofogasta (CERRÓN-PALOMINO, 1994, p. 69). Briggs (1976) divide o AS em três variedades: a nortista, a intermédia e a sulista. Para maior clareza, observemos a seguinte figura:

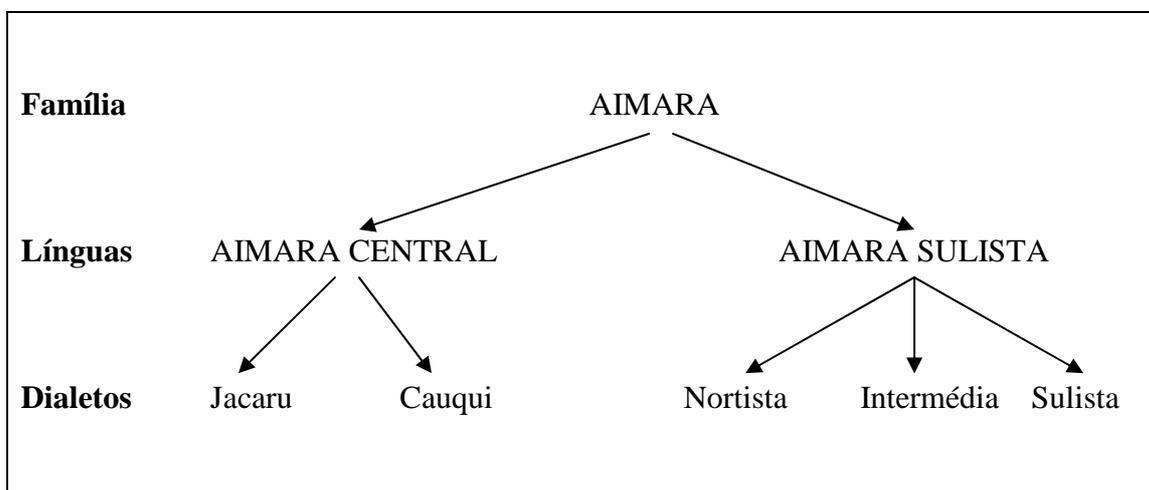


FIGURA N° 1: A família linguística aimara

Não existem números exatos para a quantidade total da população que fala aimara. Segundo Cerrón-Palomino (2000b, p. 69-70), o aimara boliviano registraria um milhão e seiscientos mil falantes, enquanto o aimara peruano possuiria quatrocentos e vinte um mil falantes (tendo o ramo central mil falantes) e o aimara do Chile se aproximaria de catorze mil falantes, chegando a uma população total de dois milhões.

Assim, o aimara corresponderia à terceira família linguística sul-americana com maior quantidade de falantes, depois do quechua e do tupi-guarani, respectivamente.

Os números anteriores não correspondem aos dados do *Ethnologue*¹⁹, aportando diferentes dados modernos sobre a quantidade de falantes do aimara. Para o *Ethnologue*, há vários anos existia um total de dois milhões e duzentos mil em todos os países: um milhão e setecentos mil na Bolívia (1985), quase meio milhão no Peru (2000) e quase mil no Chile (1994; população étnica: 20 mil em 1983). Estes dados foram confirmados por Cerrón-Palomino (2000b). Assim também, há aimaras na Argentina que chegaram à procura de trabalho. São produtivas também as porcentagens que oferecem Cárdenas e Albó (1983, p. 285), segundo as quais os falantes do aimara formavam 3% da população total peruana, 40% das regiões de Puno e Tacna e 25 % da população boliviana, 80 % dos departamentos de Oruro e La Paz.

4.5 A família *quechua*

A família linguística quechua é formada por um grande número de línguas quechuas, das quais muitas possuem uma denominação própria (ex. quechua huanca). Uma variedade de quechua, a mais estendida, foi a língua oficial do império incaico ou *Tawantinsuyu* (na língua original), que a difundiu por todas as regiões que pertenciam a esse império. O *Tawantinsuyu*, na sua maior extensão, abarcava desde o litoral até o oriente dos Andes, e vai desde o rio Angasmayo, no sul de Colômbia, até o rio Maule, no centro de Chile, um pouco mais ao sul da capital chilena. (CERRÓN-PALOMINO, 1987, p. 50).

As primeiras divisões dialetológicas da família quechua foram realizadas na década 60 do século XX, por Parker (1963) e Torero (1964). Uma revisão crítica das divisões foi realizada por Cerrón-Palomino (1987).

¹⁹ Disponível no site da *Ethnologue*: <www.ethnologue.com>

A família linguística quechua tem, segundo a bibliografia especializada, divisões dialetais, como: *Quechua A* e *Quechua B*, feita por Parker (1963, p. 241-252), ou *Quechua I* e *Quechua II*, proposta por Torero (1964, p. 446-476). Essa bipartição refere-se a questões estritamente linguísticas: a zona central dos Andes peruanos chamou-se *Quechua I* para Torero ou *Quechua A* para Parker; as zonas norte e sul chamaram-se *Quechua II* ou *Quechua B*, para Torero e Parker, respectivamente. Os linguistas citados propuseram esses termos como construções terminológicas, para não ter nenhuma relação como a realidade linguística, mas, recentemente, confirmou-se que essas divisões não são exatas, preferindo-se chamar agora de Quechua do norte, central, do sul e do oriente (CERRÓN-PALOMINO, 1987). Além dessas definições, no caso peruano, utiliza-se também como denominação o lugar onde se fala a língua: *Quechua de Cajamarca-Cañaris* (QUESADA, 1976), *Quechua Ancash Huailas* (PARKER, 1976), *Quechua de Junín-Huanca* (CERRÓN-PALOMINO, 1976a), *Quechua del Cusco-Collao* (CUSIHUAMÁN, 1976), *Quechua Ayacucho-Chanca* (SOTO, 1976) e *Quechua de San Martín* (COOMBS et al, 1976).

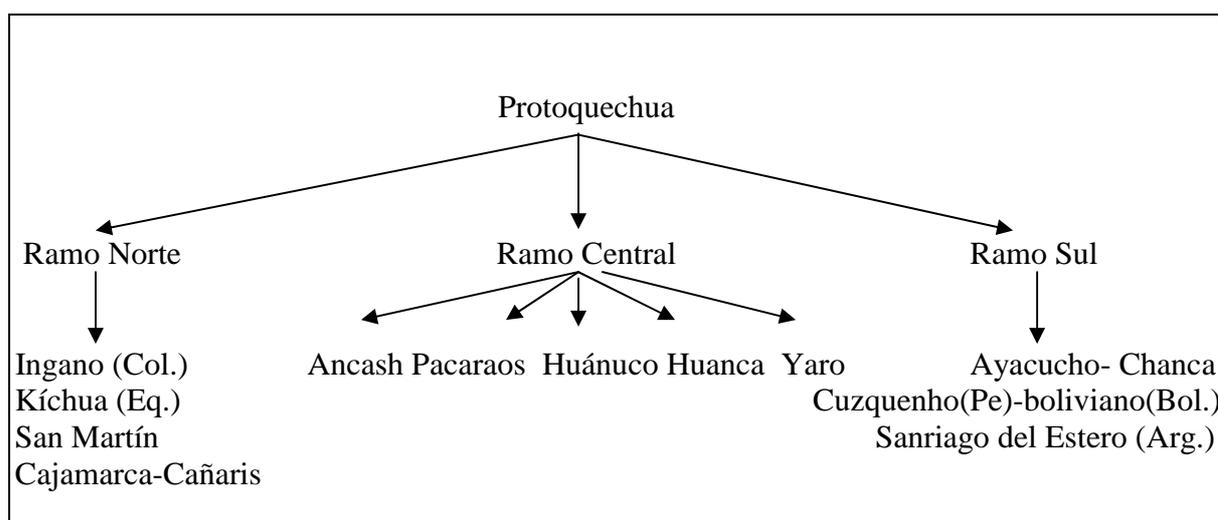


FIGURA N° 2: A família linguística quechua

Atualmente, as línguas da família quechua são faladas em cinco países andinos e foram estudadas pelos seguintes autores: Caudemont (1953), na Colômbia;

Muysken (1979), no Equador; Albó (1964), na Bolívia; De Granda (2002), na Argentina e no Peru. De igual maneira, há, segundo Cerrón-Palomino (1987, p.72), dados imprecisos e não comprovados sobre sua presença no Chile, Paraguai e Brasil. Sobre este último país, acredita-se que, na região do Acre (no Rio Chandless), existam cerca de 700 falantes do *Kíchua*²⁰, todos eles bilíngues.

De forma geral, as línguas quechuas e aimaras, em comparação ao espanhol, possuem um desigual peso social. O menor peso social que possuem as línguas andinas no Peru manifesta-se no perigo iminente de desaparecimento delas. O jornal peruano *El Comercio* (20-fev.2009) difunde que o quechua e o aimara têm sido declaradas pela UNESCO como duas das 6 mil línguas em perigo de extinção. Por isso, para salvaguardar a vitalidade das línguas, o governo peruano decretou, em 1975, o quechua como língua oficial do país e propôs o seu ensino em todos os níveis educativos e a sua utilização nos processos judiciais, cujas partes envolvidas sejam falantes do quéchua; aprovou-se um alfabeto e foram publicadas gramáticas e dicionários em vários dialetos. Da mesma maneira, o governo boliviano promulgou, em 1977, uma lei pela qual declarou línguas oficiais da Bolívia, além do espanhol, o quechua e o aimara (TORERO 1983, p. 71)

Apesar dessas decisões políticas, o uso funcional dessas línguas ainda é altamente restrito, como escreve Itier (2003, p. 163): “Esta ley [la peruana] no ha tenido mucho efecto sobre el gobierno y solo son frases porque não se utilizan suficientes recursos técnicos de implementación del quechua como lengua oficial”.

Na década de 90, do século passado, parecia que a situação das línguas andinas poderia melhorar com as mudanças legislativas ocorridas durante o governo de

²⁰ Utilizamos o termo *Quechua* para nos referir à família linguística e *Kíchua*, à variedade brasileira. A família *Quechua* é conhecida por meio das línguas pelos seguintes nomes *Quichua*, *Quechua*, *Qheshwa*, *Ingano*, *Inga* (Colômbia); *Runasimi* (Serra sul), *Runashimi* (Serra central) (SOLÍS, 2003, p.178).

Alberto Fujimori. A Constituição Política Peruana de 1993²¹ apresenta, no artigo 48, que “são idiomas oficiais o castelhano e, nas zonas onde predominem também o são o quechua, o aimara e as demais línguas aborígenes, segundo a lei”. O artigo 17 afirma:

El estado garantiza la erradicación del analfabetismo. Así también fomenta la educación bilingüe e intercultural, siguiendo las características de cada zona. Preserva las diversas manifestaciones culturales y lingüísticas del país. Promueve la integración nacional.

Quanto a esse tema, Solís (2003, p. 113-129) discute sobre a relatividade no entendimento dos artigos 48 e 17, assim como sua implementação. Solís (2003, p. 116) explica que a condição de oficialidade das línguas peruanas não é igual para todas, porque existe uma hierarquia implícita entre elas, tendo as línguas indígenas uma oficialidade de segunda classe determinadas pelo que diz a lei. Para o autor, falta explicar o que se entende exatamente, no artigo 17, por “fomentar”, mas pode-se presumir que a educação bilíngue seja uma estratégia para preservar as manifestações culturais e linguísticas diversas.

Segundo Itier (2003, p. 164-165), no ano de 2001, a educação bilíngue foi disponibilizada para aproximadamente cem mil crianças em todo o Peru. A quantidade de manuais em quechua, que foi publicada pelo Estado e distribuída gratuitamente entre os escolares, mostra graves deficiências linguísticas. Por razões políticas, os manuais foram produzidos em um prazo demasiadamente curto, e os autores não foram capazes de preparar os textos numa qualidade adequada. Itier explica que, nos manuais quéchuas, abundam hispanismos e há problemas com a padronização das diferentes variedades. Como resultado, os professores quase nunca usam esses livros porque resultam como algo incompreensível.

²¹ *Constitución Política del Perú*. Disponível em: < <http://www.tc.gob.pe/legconperu/constitucion.html> >.

4.6 Características fonológicas e gramaticais das famílias quechua e aimara

Na perspectiva linguística, as famílias quechua e aimara pertencem ao *phylum* andino-equatorial (VOEGELIN; VOEGELIN, 1978; CERRÓN-PALOMINO 1987, 1994, 2000b; ESCOBAR, 1998). Tipologicamente, de acordo com a classificação de Greenberg (1963), o quechua e o aimara são línguas Objeto-Verbo, apresentando as ordens Adjetivo-Nome, Possuído-Possuidor, Frase Nominal-Posposição. Pela perspectiva morfológica, o quechua e o aimara são famílias linguísticas tipologicamente aglutinantes²². (SAPIR, 1949).

A seguir, apresentamos características típicas da fonologia e gramática das famílias quechua e aimara, sobretudo aquelas que são importantes para explicar o espanhol de Canta. Embora nos centremos basicamente no quechua, mencionamos também de forma secundária as características linguísticas do aimara. Acreditamos que a prioridade na descrição do quechua obedece ao fato de que ela teve mais influência que o aimara na configuração do espanhol andino dessa província.

4.6.1 Fonologia

Tal como acontece com as línguas andinas em geral, o quechua e o aimara possuem um vocalismo simples e um consonantismo complexo. Elas contêm uma quantidade regular de consoantes²³ e apenas três vogais fonológicas e até cinco fonéticas. Diferente do espanhol, as línguas andinas geralmente não possuem oclusivas sonoras, alguns grupos consonânticos e, sobretudo, vocálicos.

²² Uma língua aglutinante é aquela em que há uma série de morfemas vinculados obrigatoriamente, cada um dos quais compreende um morfema único. Ou seja, há uma correspondência unívoca entre morfema e morfema nessa língua. (BAUER, 2003, p. 234).

²³ Isso se comprova comparando as variedades do *quechua* (do lado peruano). Por exemplo, o quechua Junín-Huanca e o quechua de San Martín têm 17 fonemas consonânticos e 3 vocálicos; o quechua cajamarquino possui vinte e um, porque se acrescenta o fonema /tʃ/, enquanto o quechua de Ancash, produto do forte contato com o espanhol, sobe a trinta e três: vinte e três consoantes e dez vogais (breves e longas). No A.C (aimara do centro), na sua variedade tupina, a língua *jacaru* possui quarenta e um fonemas, considerando-se até aqui, claro está, antes do chipaya, como a língua andina com mais fonemas consonânticos.

4.6.1.1 O sistema vocálico

Como foi exposto, as duas famílias distinguem três vogais, como acontece no quechua sulista:

/i/	/u/
[e]	[o]
/a/	

A alofonia das vogais médias [e] e [o] deve-se à presença de uma oclusiva uvular como /q/, como acontece em *sinqa* ['seŋqa] 'nariz', *urqu* ['orqo], para o Q.S (CERRÓN-PALOMINO, 1987, p. 116), e *uqhu* ['oq^ho] 'lodo', no A.C (HARDMAN, 1983, p. 43), e *quli* ['qoli] 'amável', no A.S (AYALA, 1988, p. 158). O aimara também possui três vogais; as vogais longas (escritas com trema <ä, ö, ï>) decorrem de processo morfofonológico em que o alongamento resulta na mudança de tempo verbal, como *saräta* [sa'ra:ta] 'irá' e *sarata* [sa'rata] 'foi'. (CERRÓN-PALOMINO, 2000).

/i/ /i:/	/u/ /u:/
[e]	[o]
/a:/	

4.6.1.2 O sistema consonântico

O consonantismo das línguas quechuas e aimaras tem muito em comum com o espanhol, porém as diferenças mais destacadas se dão nas séries de oclusivas, visto que, nas línguas andinas, não existem fonemas oclusivos sonoros /b, d, g/ e, em algumas variedades, se distinguem três classes de fonemas oclusivos surdos: uma simples /p/, uma aspirada /p^h/ e outra glotalizada /p^ʔ/, além de oclusivas uvulares /q/. O sistema consonântico do quechua e do aimara, de forma geral, compreende os fonemas

apresentados na tabela a seguir. (CUSIHUAMÁN, 1976; HARDMAN, 2001; VLASTIMIL, 2005):

PONTOS MODOS	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Uvular	Laringal
Oclusivas simples	p	t		k	q	
Oclusivas aspiradas	p ^h	t ^h	tʃ ^h	k ^h	q ^h	
Oclusivas glotalizadas	pʔ	tʔ	tʃʔ	kʔ	qʔ	
Fricativas		s	(ʃ) ²⁴	x	χ	h
Africadas			tʃ			
Nasais	m	n	ɲ			
Laterais		l	ʎ			
Vibrantes		r				
Semiconsoantes Semivogais	w		y			

QUADRO N° 2: Consoantes das famílias linguísticas quechua e aimara.

As oclusivas aspiradas e glotalizadas existem somente nos dialetos quechuas cuzquenho e boliviano e em toda a família aimara. Há uma grande diferença entre as duas línguas na distribuição desses fonemas. No A.S (aimara do sul), as oclusivas aparecem várias vezes na palavra (até duas) e em qualquer posição; no quechua, aparece, entretanto, uma oclusiva aspirada ou glotalizada, sempre na primeira oclusiva da palavra e unicamente nas raízes (CERRÓN-PALOMINO, 1987, p.118-119).

As oclusivas sonoras aparecem apenas em empréstimos lexicais do espanhol; em algumas variedades quechuas do Equador, sonorizam-se as surdas depois das líquidas e nasais. Quanto às fricativas, todas as línguas quechuas e aimaras têm um /s/; a

²⁴ Este segmento aparece somente nas variedades centrais e nortistas do quechua e aimara, por isso, ele aparece entre parêntesis.

maioria usa também uma sibilante álveo-palatal /ʃ/. No quechua dialeto cuzquenho, em geral no Q.S (quechua do sul) e A.S, essa sibilante não tem *status* fonêmico; só aparece num número limitado de palavras como alofone e no sufixo progressivo {-sha}. Aparece, no entanto, nas variedades centrais do aimara e do quechua, como, por exemplo, no A.C (aimara do centro) /'ʃiʎu/ 'unha' (BELLEZA, 2005, p. 167) e no quechua, na variedade Huanca /'ʃimi/ 'boca', /'iʃkay/ 'dois'(CERRÓN-PALOMINO, 1976b, p. 46); de igual forma, na variedade de Ancash /'ʃamun/ 'vem', /'ʃipʃi/ 'ontem de noite', /'ʃuquʃ/ 'cana'. (PARKER, 1976, p. 41).

Com respeito às líquidas, o fonema /ʎ/ possui uma alta funcionalidade em todas as línguas andinas, mas, em algumas zonas do grupo Quechua I ou Q.C, deslateralizou-se a /y/. No Equador, em Cajamarca (zona norte do Peru) e na Argentina, a palatal é pronunciada de forma fricativa, como um /ʒ/. (TORERO, 2005). Geralmente existe uma vibrante /r/, mas, no Equador, na Bolívia, em algumas regiões do Peru e no Aimara, tornou-se um fonema fricativo retroflexo (/ʀ/), passando, nos empréstimos hispanos, como vibrante múltipla /r/.

4.6.2 A morfossintaxe

Apresentamos a seguir aspectos gerais distintivos e influentes no espanhol andino de Canta das línguas quechua e aimara.

4.6.2.1 A palavra em quechua e aimara

Segundo Vlastimil (2005, p. 82), nas línguas aglutinantes as palavras quechuas e aimaras compreendem, de forma geral, lexemas e sufixos e, em nenhum caso, prefixos. Algumas palavras podem consistir só de uma raiz; outras requerem a presença de um ou vários sufixos. Sobre essa unidade gramatical, Cerrón-Palomino (1976, p. 84-86)

define-a como uma construção formada por um lexema sem e/ou com sufixos derivativos e/ou flexivos. Essas ideias se traduziriam graficamente da seguinte maneira:

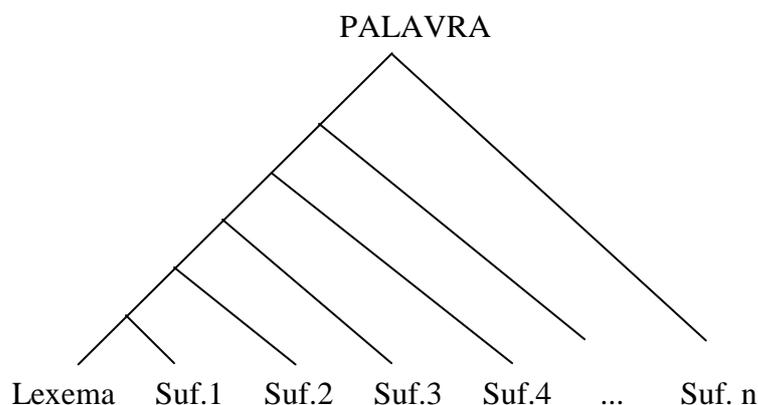


FIGURA N° 3A: Estrutura morfológica da palavra em quechua e aimara baseado em Wölck (1987)

Segundo Wölck (1987, p. 38), essa ordem de sufixos é uma característica das línguas do tipo S (sujeito) O (objeto) V (verbo), que, em sua estrutura de frase ou sua morfologia, seguem a ordem posposicional ou sufixante:

$$\text{PALAVRA} = \text{L} - (\text{SD}) - (\text{SF})$$

FIGURA N° 3 B: Palavra em quechua e aimara

Com relação a essa unidade, o único elemento necessário para sua existência seria um lexema (L), sendo opcionais os sufixos derivativos (SD) e flexivos (SF), como se observa em quechua (ZARIQUIEY, 2008, p. 36, 37), como por exemplo:

(1)

- | | |
|--|---|
| a) llaqta | ‘Povo’ |
| b) llaqta-cha | ‘Povo pequeno’ |
| c) llaqta-cha-yki | ‘Seu povo pequeno’ |
| d) llaqta-cha-yki-chik | ‘Povo pequeno (de vocês)’ |
| e) llaqta-cha-yki-chik-kuna | ‘Povo pequeno (de vocês)’ |
| f) llaqta-cha-yki-chik-kuna-manta | ‘Desde seus povos pequenos (de vocês)’ |
| g) llaqta- cha-yki-chik-kuna-manta-chá | ‘Talvez desde seus povos pequenos (de vocês)’ |

O exemplo anterior corresponde a um lexema substantivo, mas também ocorre com lexemas verbais. Por exemplo:

(2)

a) yacha	‘Saber’
b) yacha-chi-	‘Fazer saber, ensinar’
c) yacha-chi-naya-	‘Querer ensinar’
d) yacha-chi-naya-chka-	‘Estar querendo ensinar’
e) yacha-chi-naya-chka-n	‘Ele/ Ela está querendo ensinar’
f) yacha-chi-naya-chka-n-ku	‘Eles/Elas estão querendo ensinar’

Também existem palavras reduplicadas ou compostas de dois lexemas, como em. *taytamama*, cuja composição é {*tayta* + *mama*} ‘pais’. Também podemos distinguir vários tipos de lexemas e sufixos. Como se observou nos exemplos acima, os lexemas quechuas e aimaras podem ser puramente nominais ou verbais e utilizam diretamente sufixos nominais ou verbais, respectivamente.

Os lexemas correspondem às categorias lexicais quéchuas, que se dividem segundo seu comportamento gramatical. A primeira são os nominais, que compreendem os substantivos, os adjetivos, os pronomes, os adjetivos numerais e os nominais interrogativos (distinguidos só semanticamente); a segunda, os verbos; a terceira, as palavras invariáveis, como as partículas.

Da mesma forma, Zariquiey (2008) menciona a existência de lexemas ambivalentes, como *para* ‘chuva’ e *paray* ‘chover’, pois possuem dupla função. O último tipo são as partículas (*mana* ‘não’, *ña* ‘já’), que não podem tomar sufixos nominais nem verbais. Todas as raízes podem levar sufixos independentes. Assim, os sufixos dividem-se em três grupos: os nominais, os verbais e os independentes (oracionais e enclíticos). Os dois primeiros subdividem-se em derivativos e flexivos. Os sufixos independentes refletem as relações no nível interoracional ou na perspectiva funcional da oração. A ordem dos sufixos é, como se pode supor, raiz – derivativos – flexivos –, independente.

4.6.2.2 O sistema nominal quechua e aimara

Segundo Vlastimil (2005, p. 83-85), os nominais (substantivos, adjetivos, numerais, pronomes), no quechua e no aimara, distinguem pessoa (possessivos), número e caso. Neles, a flexão de gênero não existe. Já o plural forma-se regularmente com o sufixo {-kuna} ({-naka} no aimara), como em (3a). Nessas línguas, a pluralização dessa forma não é obrigatória, sobretudo quando essa pluralidade está expressa de outra maneira (p.ex., com numerais), como se observa em (3b) (ZARIQUIEY, 2008, p. 181):

(3)

- | | |
|--------------------------------|---------------|
| a) wawqi – kuna
irmão - Pl. | ‘irmãos’ |
| b) iskay wawqi
NUM. irmão | ‘dois irmãos’ |

Existe mais de uma dezena de sufixos que expressam casos; geralmente equivalem a uma ou mais preposições espanholas. Os mais importantes são {-ta} objeto direto ou indireto, {-q}/{-pa} genitivo ({-q} ou {-p} depois de uma vogal), {-paq} benefativo 'para', {-pi} locativo 'em', {-man} ilativo 'a', {-manta} ({-pita}, {-piq(ta)}) ablativo 'de, desde', {-wan} instrumental 'com'.

A flexão de pessoa refere-se, nos nominais, aos sufixos possessivos que equivalem aos pronomes possessivos indo-europeus. Cabe dizer que, na primeira pessoa do plural, distingue-se o exclusivo e o inclusivo. Este inclui o receptor (eu + você...); aquele o exclui (eu + ele, mas você não). O sistema de sufixos possessivos e os pronomes de pessoa estão resumidos no seguinte quadro:

POSSESSIVOS		PESSOA	
1SG.	-y	1IN.	-nchis
		1EX.	-yku
2SG.	-yki	2PL.	-nkichis
3SG.	-n	3PL.	-nku

QUADRO N° 3: Sufixos possessivos e de pessoa da família linguística quechua

Nas palavras terminadas em consoante, há que se inserir um morfema vazio {-ni}; p. ex. *sipas-ni-y* ‘minha namorada’, o que não ocorre quando terminadas em vogal, como em *qusa-y* ‘meu marido’. Devemos mencionar também que, numa construção genitiva, o possuído leva um sufixo possessivo e o possuidor, o genitivo (embora também possa ser um pronome), como se dá em: *Pedro-q wasi-n* ‘A casa de Pedro’, lit. ‘de Pedro sua casa’ e em *tayta-y-pa chakran* ‘A chácara do meu pai’, lit. ‘de meu pai sua chácara’. Essas construções possuem reflexos no espanhol andino (ZARIQUIEY, 2008), como explicamos mais adiante, exatamente no Cap. VI, onde é tratado o aspecto morfossintático do espanhol de Canta.

4.6.2.3 O sistema verbal quechua e aimara

Segundo Zariquiey (2008, p. 83), uma particularidade muito importante sobre a conjugação em quechua (e também em aimara) é que sempre é regular. Nessas línguas, não existem verbos irregulares, como em espanhol.

As flexões dos verbos quechuas e aimara são pessoa, número, tempo e modo. Às vezes, cada uma das categorias é representada por um sufixo particular, ou se dá uma fusão de duas ou mais categorias num sufixo, ou também pode resultar em que as partes da transição²⁵ são difíceis de distinguir. O plural geralmente deriva das formas singulares mediante os sufixos {-chis} ({{-chik}, {-chiq}, {-chi}}), quando a pessoa pluralizada é a segunda ou a contém (2ª plural e 1ª plural inclusiva), e {-ku} ({{-kuna}}),

²⁵ Chama-se “transição” à complexa quantidade de sufixos das flexões dos verbos do quechuas e aimara. (ZARIQUIEY, 2008).

nos demais casos (3ª plural e 1ª plural exclusiva), mas, igualmente para os nominais, a pluralização não é obrigatória. Nas variedades do quechua I e no aimara ({-px} ou {-pk}), pluraliza-se mediante alguns sufixos pretransitivos (derivativos), que, sobretudo no quechua, levam outros significados, além de que a pluralização é menos frequente que no Quechua II (a 1ª plural inclusiva é considerada geralmente uma quarta pessoa). Em quechua (ZARIQUIEY, 2008, p. 89), por exemplo em (4a), utiliza-se a primeira pessoa plural inclusiva (1PPLIN), no sentido de que ‘tanto eu como você somos mulheres’. Já em (4b), usa-se a primeira pessoa plural exclusiva (1PPLEX) ante a chegada de um terceiro personagem de sexo masculino, significando literalmente ‘nós, e não você, somos mulheres’.

(4)

- a) ñuqanchik warmim kanchik ‘Nós (eu e você, vocês e nós) somos mulheres’
 1PPLIN mulher somos
- b) ñuqayku warmim kaniku ‘Nós (mas não você) somos mulheres’
 1PPLEX mulher somos’

As formas de sufixos do presente indicativo (que não é marcado) dos verbos intransitivos ou dos transitivos com um objeto de 3ª pessoa compreendem a seguinte tabela (incluindo os sufixos possessivos, onde observamos que a referência pessoal é muito parecida entre os nominais e os verbos, e o futuro, que possui formas diferentes e algumas formas dialectais) (VLASTIMIL, 2005, p. 83-86; WÖLCK, 1987, p. 49-51):

	Quechua	Presente	Futuro	Aimara
1SG.	-y/-:	-ni/-:	-saq	-ta
2SG.	-yki	-nki	-nki	-ta
3SG.	-n	-n	-nqa	-i
1IN.	-nchis	-nchis	-sunchis	-(px)tan
1EX.	-yku/-:kuna	-yku/-niku	-saqku	-(px-)ta
2PL.	-ykichis	-nkichis	-nkichis	-(px-)ta
3PL.	-nku	-nku	-nqaku	-(px-)i

QUADRO N° 4: Sufixos verbais das famílias linguísticas quechua e aimara.

CAPÍTULO V

A LÍNGUA ESPANHOLA

5.1 A língua espanhola no mundo

A configuração atual da língua espanhola no mundo tem seus inícios históricos no século XVI, com a formação do Império espanhol, que estendeu seus domínios à América e à África e que viu sua decadência no século XIX; entretanto, naquelas antigas colônias, além do nexó político, ficou a língua, aquela que historicamente forma a comunidade hispano-falante mundial. (OBEDIENTE, 2000, p. 341).

Atualmente, os autores apontam que o espanhol é a língua materna de 400 milhões de pessoas e é considerada como a quarta língua mais falada do mundo, depois do chinês, inglês e hindi. Dessa quantidade de pessoas, 11 % aproximadamente estão na Espanha, 79%, na Hispano-América e 9 % restantes, em outras partes do mundo, como nos Estados Unidos (os migrantes hispanos), na África (Guiné Equatorial e Marrocos), nas Filipinas e comunidades judeu-espanholas. (*Ibidem*, p. 343).

5.2 A língua espanhola na América

Antes da chegada da língua espanhola à América, no século XV, esse idioma já se encontrava consolidado na Península, pois contribuíram diversos fatos históricos e idiomáticos para que o dialeto de Castilha se tornasse o mais sólido entre os dialetos românicos que se falavam na Espanha, como o aragonês ou o leonês. Com a chegada da língua espanhola à América, o novo continente apresentava um conglomerado de povos e línguas diferentes que foram articuladas, posteriormente, política e economicamente, como parte do império espanhol sob língua comum. (ZAMORA, 2009a). Efetivamente, a hispanização da América foi um processo lento, pois, à medida que avançava a

conquista, os espanhóis deparavam com novas línguas, as quais tiveram pouca importância para eles. Já sob o domínio da Espanha, a Coroa recomendava e obrigava evangelizar em meio ao ensino da sua língua nas novas terras; mas os missionários perceberam que isso era quase impossível em decorrência do desinteresse dos indígenas e da complexidade estrutural que possuíam (e ainda possuem) as línguas ameríndias (OBEDIENTE, 2000, p. 388). Esse acontecimento contribuiu para a descrição gramatical e lexical das línguas de maior alcance regional, como as *línguas gerais* no território americano. (ALTMAN, 2003, p. 57-83).

Atualmente, no Novo Mundo, o contato das línguas europeias com as línguas ameríndias fez originar novas configurações em ambos os grupos. (MORENO, 1998). No caso específico, a língua espanhola na América²⁶ tem uma “nova cara”, produto do contato entre as variedades do espanhol peninsular e das línguas indígenas americanas. A esse respeito, Zimmerman (1995, p. 9) expressa o panorama das pesquisas realizadas sobre o tema: “Na lingüística hispânica existe uma espécie de polêmica sobre o grau de influência que em Hispano-américa tem as línguas ameríndias no castelhano.”

Desse modo, existem duas vertentes sobre o grau do substrato das línguas indígenas em relação ao espanhol da América. Alguns ressaltam uma forte influência ameríndia na língua peninsular; outros minimizam esse influxo reduzindo-o a fenômenos lexicais e fonéticos. No primeiro grupo, listamos Rodolfo Lenz. Para o autor, o espanhol chileno, especialmente na fonética, é produto do espanhol em contato

²⁶ Do ponto de vista estritamente linguístico, segundo Alvar (1996, p. 17) não há um espanhol da Espanha e outro da América, senão muitas variedades de espanhol nos dois lados do mar, mas prefere-se utilizar essa dicotomia por questões didáticas e práticas.

com a língua indígena araucana ou mapuche²⁷. No segundo grupo, destacamos o filólogo Amado Alonso, que refuta as ideias de Lenz, pondo em dúvida o fonetismo mapuche no país do Sul. Para refutar a hipótese do pesquisador alemão, Alonso baseou-se nos pressupostos teóricos da fonética, praticada pelo linguista Bertil Malmberg. Assim, como resposta ao extremismo, surgiu, na década de 1980, uma postura medial, com os trabalhos do linguista Germán de Granda, da Universidad de Valladolid, com suas análises para uma série de fenômenos morfológicos no espanhol paraguaio pela influência do guarani. (ZIMMERMANN, 1995)

Por outro lado, quando se fala do espanhol da América em oposição ao espanhol da Península²⁸, pensa-se numa unidade, porém não é assim. Lapesa (1981, p. 535) discorda dessa posição, já que um cubano não fala da mesma forma que um argentino, nem um peruano fala como mexicano. Quanto a isso, López (1996, p. 20) trata todas estas variedades como um “mosaico dialetal”. Embora exista essa heterogeneidade no espanhol americano, ela parece formar um bloco, onde as diferenças linguísticas entre as suas variedades são menos discordantes entre si que os dialetos peninsulares. Sobre isso, Fontanella (1992) afirma que a essas alturas dos estudos do espanhol americano resulta injustificável atribuir, em termos gerais, só ao influxo do substrato, as suas peculiaridades. Pelo contrário, ela destaca que o resultado imprescindível para avançar nesse tema é a realização de rigorosos estudos parciais, que, por um lado, desenvolvam descrições científicas das diversas línguas indígenas e das características do espanhol regional e, por outro, tomem em conta os avanços nos estudos sobre as línguas de contato. (FONTANELLA, 1992, p. 31).

²⁷ A língua mapuche ou *mapudungun* é o idioma dos mapuches, um povo ameríndio que habita no Chile e na Argentina. Esta língua possui cerca de 440 mil falantes com diversos graus de competência e é considerada uma língua isolada. (SMEETS, 2008, p. 11).

²⁸ Os espanhóis preferem chamar de *castelhana* o que a bibliografia reconhece como variedade peninsular, já que na Espanha existem outras línguas oficiais como o catalão, o galego e o euskaro. Para o hispano-americano, não existem problemas: os termos “espanhol” e “castelhana” são tomados como sinônimos. (ZAMORA, 2009b).

Quanto à delimitação das regiões dialetais de hispano-américa, Zamora e Guitart (1982) consideram a existência de nove zonas dialetais, utilizando critérios fonológicos e morfológicos. Segundo Fontannella (1992, p. 127), ainda existem, entretanto, imprecisões nessa divisão²⁹. Assim, nosso trabalho leva em consideração a proposta de Pharies (2007), que utiliza critérios linguísticos e não linguísticos para a divisão do espanhol americano. Optamos por essa divisão por seu caráter prático e didático. Para Pharies (2007), o espanhol da América divide-se em quatro suprariedades: (a) espanhol do Rio da Prata; (b) espanhol do Caribe; (c) espanhol do México e do sudoeste dos Estados Unidos; (d) espanhol andino.

O espanhol do Rio da Prata é o mais estudado dentre as variedades americanas (FONTANELA, 1992, pp.178-179). Chama-se assim à variedade falada ao redor do Rio da Prata, especialmente em Buenos Aires, cuja variedade também é denominada de *portenho*, e em Montevideú (Uruguai). Fonologicamente, caracteriza-se por ser zeísta³⁰ e pela aspiração de /s/. (PHARIES, 2007, p. 211); morfológicamente, utiliza-se o *voseo*, ou seja, o uso de “vos” em lugar de “tú” como sujeito e como termo de complemento. (DONNI, 1996, p. 215).

Quanto ao espanhol falado nos territórios islenhos de Cuba, na República Dominicana, em Porto Rico e em territórios continentais de Venezuela, Colômbia e Panamá, denomina-se de espanhol do Caribe. Pharies (2007, p. 211) argumenta que essa variedade mostra, no léxico, uma forte influência das línguas da África trazida pelos escravos no século XIX. Já Vaquero (1996, p. 55) ressalta, como característica

²⁹ Da mesma forma, Palacios (2006, p. 177) argumenta que, das numerosas classificações das áreas dialetais que se têm elaborado para tentar descrever o espanhol falado na América, nenhuma se pode considerar aceitável; todas cometem erros similares que levam ao fracasso. Palacios refere-se às classificações baseadas em traços fonéticos (CANFIELD, 1981; RESNICK, 1975), em uma combinação de traços fonéticos e morfológicos (RONA, 1964; ZAMORA E GUITART, 1982), numa seleção léxica (CAHUZAC, 1980) e no substrato indígena (HENRÍQUEZ, 1921).

³⁰ Fenômeno fonológico em que se utiliza [ʒ] para substituir /y/ e /ɛ/, como nas palavras *yo* [ʒo] ‘eu’ e *llama* [ˈʒama] ‘lhama’.

fonológica dessa variedade, a aspiração e o desaparecimento de *s* no final de sílaba ou palavra ante uma pausa.

O espanhol do México e do sudoeste dos Estados Unidos é falado, entretanto, por mais de cem milhões de pessoas em quase dois milhões de quilômetros quadrados de território. Embora o México seja altamente heterogêneo, são compartilhadas muitas características, como a velarização de /x/, a sibilização de /r/ e a conservação da /s/ implosiva. (PHARIES, 2007, p. 223). Também se mostra uma forte presença das línguas indígenas, em especial o “nahuatl”, língua do povo azteca, que é a que mais tem influenciado o léxico dessa variedade. (LOPE, 1996, p. 85).

No território andino, o contato secular da língua de Castilha com as línguas indígenas dos Andes permitiu originar o espanhol andino. A definição dessa variedade de espanhol, segundo Pharies (2007), baseia-se mais em critérios geográficos do que linguísticos. Para ele, esse tipo de espanhol atinge a extensão da Cordilheira dos Andes desde Cabo de Fornos, no sul do continente sul-americano, até a Venezuela pelo norte, passando pelo Chile, Argentina, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia. Fonologicamente, distingue-se pela conservação da oposição dos fonemas /y/ e /ɲ/ e assibilação da vibrante retroflexa. Por questões práticas e didáticas, preferimos chamar essa variedade de espanhol como *espanhol andino lato sensu*: apesar de apresentar propriedades gerais, existem muitas diferenças relacionadas à área da língua indígena que se falou ao longo desse território (chibcha, quechua, aimara, mapuche, entre outras). Essa visão andina da língua espanhola é aceita também por Adelaar e Myusken (2004). &

Em oposição ao *lato sensu*, o *espanhol andino strictu sensu* é aquela variedade falada em lugares onde, no passado, estiveram somente as famílias linguísticas aimaras e quechuas. A diferenciação dessa variedade obedece, além dos critérios linguísticos, a um critério histórico-cultural, pois, ao longo desse território,

desenvolveu-se “a esfera da influência do país” dos Incas (UHLE, 1909). Esse critério é aceito também por Cerrón-Palomino (1985, p. 504-572), no momento de estabelecer um panorama da linguística andina. É por isso que o *stricto sensu* mostra um bloco relativamente homogêneo, atingindo o espanhol falado na Argentina (no norte-orientado), na Bolívia (no ocidente), no Chile (norte), na Colômbia (no sul), no Equador (centro e sudeste) e no Peru (Norte-orientado, centro e sul³¹).

De forma resumida, a figuras seguintes mostram as diversas variedades de espanhol e as duas grandes variedades do espanhol andino:

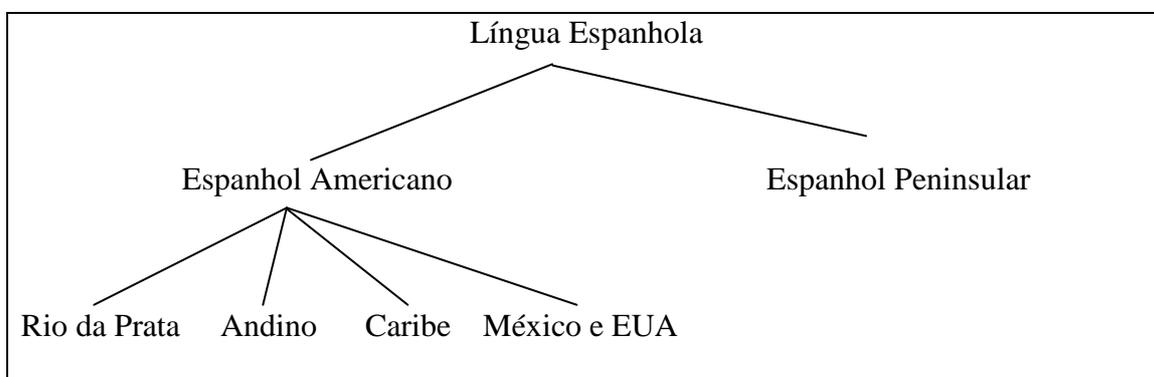


FIGURA N° 4: Variedades dialetais da língua espanhola.

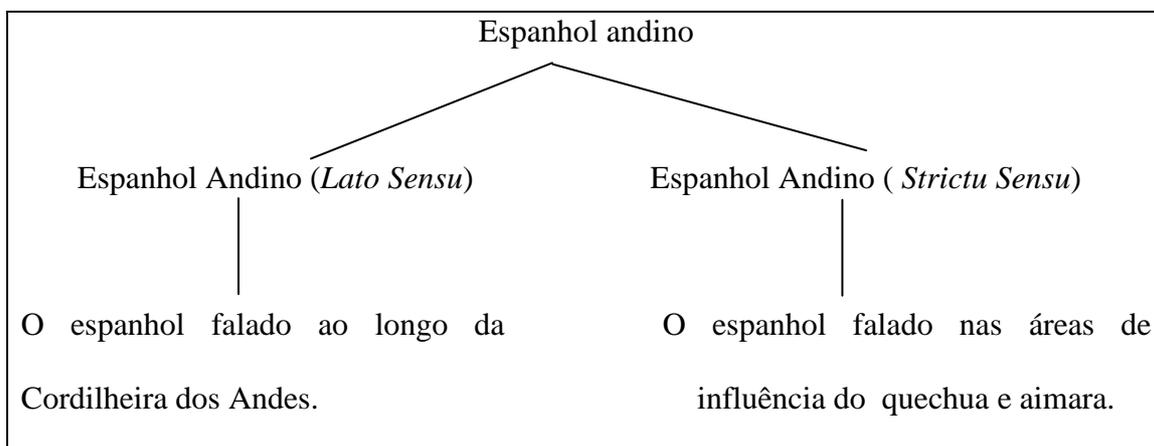


FIGURA N° 5: Abrangência do espanhol andino.

³¹ A área que o *espanhol stricto sensu* atingiria, segundo nossa proposta, seria: Argentina (nas províncias de Jujuy, Salta, Catamarca, La Rioja, Santiago del Estero, San Juan y Mendoza), Bolívia (nos departamentos de El Alto, La Paz, Oruro, Chuquisaca, Potosí, Cochabamba), Colômbia (no sul: Putumayo, Nariño), Equador (nas províncias de Carchi, Imbabura, Pichincha, Cotopaxi, Tungurahua, Bolívar, Chimborazo, Cañar, Azuay, Loja, Santo domingo de las tsachilas), Peru (nas regiões de Ancash, Cajamarca, Huancayo, Huánuco, Cerro de Pasco, Serra de Lima, Ayacucho, Arequipa, Puno, Moquegua) e Chile (a Cordilheira dos Andes está localizada na fronteira oriental, nas regiões de Tarapaca e Antofagasta).

5.3 O espanhol do Peru

O critério para nomear essa variedade linguística como “o espanhol do Peru” é estritamente sociopolítico, uma vez que existem muitas semelhanças com os demais países da região, sobretudo os da área andina. A título de esclarecimento, a seguir apresentamos as diversas classificações das distintas variedades que integram o chamado espanhol peruano.

5.3.1 O espanhol peruano e suas variedades

Segundo Pérez (2004, p. 43), estabelecer exatamente quantas variedades geográficas existem no Peru é uma tarefa impossível, já que a fala de lugares muito próximos pode distinguir-se por alguns poucos traços linguísticos.

Sobre as divisões feitas no espanhol peruano, Fontanella (1992, p. 197) explica que o trabalho pioneiro foi de Pedro Benvenuto Murrieta, *El lenguaje peruano* (1933), no qual se consideram aspectos fonológicos, morfossintáticos e léxicos. Segundo Fontanella (1992), esse material é rico em dados dialetais, no entanto é pobre em metodologia, em decorrência da não formação linguística do autor.

Posteriormente, os estudos de Escobar (1978, p. 57) dividem as variedades do espanhol como L1, no Peru, em duas grandes áreas: (1) espanhol andino com suas variedades: a) andino propriamente dito, b) altiplânico, c) do litoral e Andes Ocidentais sulistas; (2) espanhol ribeirinho ou não andino com suas variedades: a) litoral nortista e central, b) espanhol amazônico. Basicamente, Escobar utilizou o critério fonológico para dividir o espanhol peruano em andino e não andino. Esse critério caracteriza a área andina como conservadora da distinção /y/ e /ʎ/, enquanto, na não andina, os dois fonemas anteriores fundem-se em /y/. Para maior clareza, observe-se a seguinte figura:

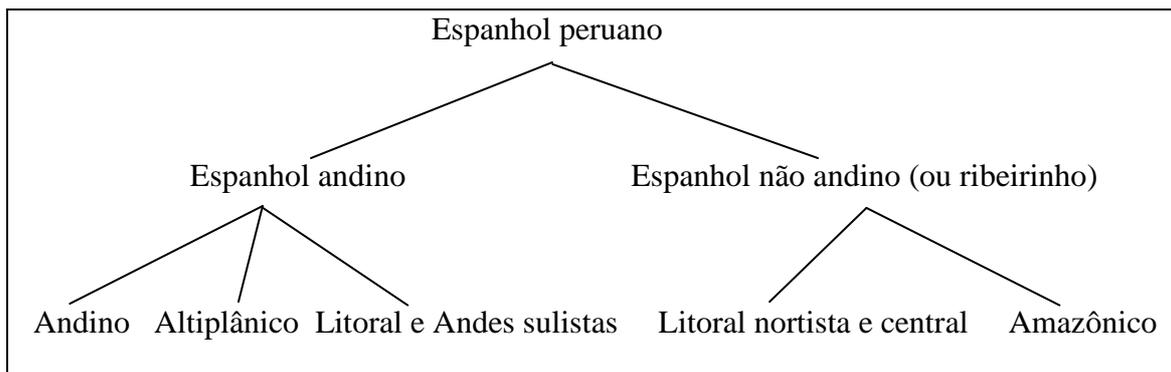


FIGURA N° 6: O espanhol peruano, segundo Escobar (1978).

No final do século XX, uma nova proposta, feita por Caravedo (1996, p. 154), estabelecería três áreas: a costeira, a andina e a amazônica. Para a autora, os diferentes tipos de assentamentos demográficos favoreceram o desenvolvimento paralelo de duas modalidades muito definidas do espanhol: a costeira (ou do litoral), nas áreas de concentração hispânica, e a andina, nos lugares majoritariamente indígenas em situação de contato de línguas. Por último, tem-se o espanhol amazônico desenvolvido em contato com um amplo grupo de línguas de variada tipologia.

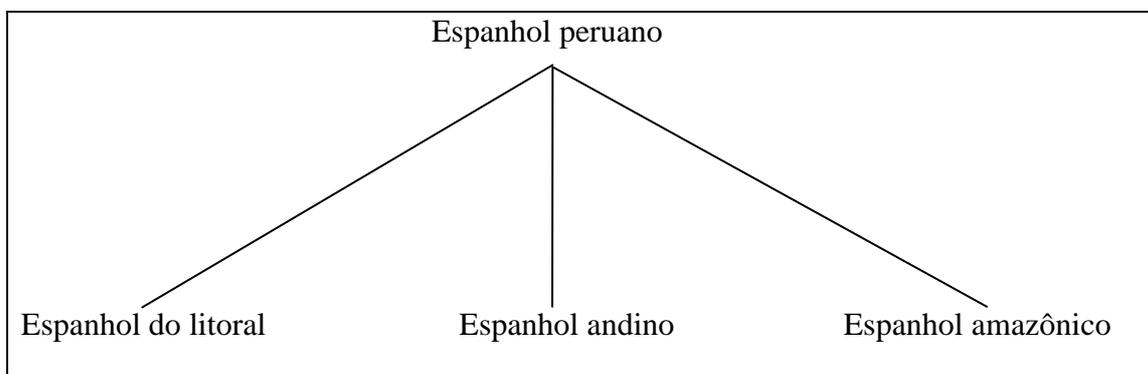


FIGURA N° 7: O espanhol peruano segundo Caravedo (1996).

Da mesma forma, Ramírez (2003) classifica em três áreas o espanhol peruano. Depois de vários anos, Calvo (2008, pp. 189-212) concorda com as divisões propostas por Ramírez e Caravedo. Nesta pesquisa, seguimos as posturas de Caravedo (1996), Ramírez (2003) e Calvo (2008), sendo importante explicar que as classificações

não são exatas e independentes, pois as variedades entraram (e ainda entram) em contato com diferentes partes linguísticas do Peru. Um exemplo disso é Lima, a capital, onde não se pode dizer que seus habitantes utilizam somente o espanhol costeiro, já que os distintos movimentos migratórios vindos de todos os cantos do Peru fazem que o espanhol falado em Lima seja a somatória de todas as variedades ou uma síntese delas. (CARAVEDO, 1989).

5.3.2 O espanhol andino peruano

Essa variedade do espanhol peruano pertence ao espanhol andino sul-americano, que teve a sua origem no bilinguismo espanhol e línguas indígenas (sobretudo as famílias linguísticas andinas quechua e aimara) durante vários séculos. (RIVAROLA, 1989, p. 157). Pode-se chegar ao espanhol andino de duas formas. Primeiro, como L2, tendo como L1 as línguas andinas (própria dos bilíngues); segundo, como L1. O espanhol andino como L1 é aquele adquirido como língua materna e cujos falantes desconhecem o quechua ou o aimara, mas procedem de lugares rurais, onde antes se falavam essas famílias linguísticas. (CERRÓN-PALOMINO, 2003, p. 98-99).

Entre os aspectos linguísticos mais relevantes dessa variedade, mencionamos: no nível fonológico, a diferenciação /y/ e /ɣ/, e a presença de vibrantes assibiladas. Também se destaca a utilização de *lo* como marca de pronome objeto, fenômeno denominado como *loísmo*, e o duplo possessivo ou possessivo redundante. (CARAVEDO, 1998, p. 156-163). No léxico, verifica-se uma forte presença de palavras das famílias das línguas quechua e aimara, que ingressam com foneticismo hispano. Muitas dessas palavras são compartilhadas por outros países andinos e muitas têm-se convertido em palavras de uso comum em todo o Peru. (LUNA, 2009).

CAPÍTULO VI

ANÁLISE DOS DADOS: ALGUMAS TRANSFERÊNCIAS DAS LÍNGUAS ANDINAS AO ESPANHOL DE CANTA

Concordando com Cerrón-Palomino (2003), existem duas formas de aprender o espanhol andino. A primeira, como segunda língua, ou seja, logo após aquisição do quechua ou aimara; a segunda, o espanhol andino como língua materna. Na segunda forma de aprendizagem, encontram-se os monolíngues hispanos de Canta.

A realidade linguística atual de Canta, onde se apresenta o monolinguismo hispano, é produto da sobrevivência do espanhol, em substituição às línguas andinas que se falavam nessa província. Da mesma forma, pensa Masgo, que trabalhou em Huaros, um distrito de Canta. A esse respeito, ele diz:

[...] la lengua española que en la actualidad funciona como instrumento de relación social, cultural, etc. en Santiago de Huaros, que está localizada en zona andina de la provincia de Canta, Departamento. de Lima. Pueblo fundado en el siglo XVI por la unión de Ainas y Huishco que eran comunidades *quechua-hablantes*, que utilizaban una variedad de *Quechua I* (siguiendo la clasificación de A. Torero) o del Quechua B (siguiendo la clasificación de G. Parker). Hay evidencias de que en un tiempo pasado se habló o *cauqui* (MASGO, 1988, p. 2; itálico nosso).

Assim, o espanhol andino de Canta reflete marcas que pertenceriam a essas variedades de línguas andinas, agora mortas. Acreditamos que, pela proximidade geográfica, as línguas indígenas que se falaram nessa região possuíam quase as mesmas características estruturais que as atuais línguas quechua central (ou quechua I) e aimara central. Isso fica demonstrado por meio do registro onomástico (BALDOCEDA, 1993; CERRÓN-PALOMINO, 2008), documental (HARDMAN, 1983) e linguístico (MASGO, 1977, 1988). Essas línguas agora mortas influenciaram todos os níveis do espanhol que chegou a Canta, porque se podem encontrar marcas, em vários níveis (pode-se observar isso com maior detalhe nos subcapítulos seguintes).

No plano fonológico, destacamos: a forte presença do fonema /ʃ/, que não existe atualmente como fonema no espanhol em geral, e do fonema /k/, que é uma marca identificadora do espanhol de tipo andino, fonema fusionado com /y/, no espanhol padrão peruano, e as vibrantes fricativizadas. No plano morfossintático, mencionamos a presença das interjeições de origem quechua, e a variabilidade do gênero e número como marca morfológica; dentro da frase nominal chama atenção a dupla marcação de posse ou duplo possessivo como se dá nas línguas andinas (em especial o quechua). No plano léxico, encontramos empréstimos de filiação quechua ou aimara, que são de difícil compreensão para o forasteiro, mas esse vocabulário é reduzido no que respeita à fauna, flora, culinária e topônimos.

Finalmente, mostramos, neste trabalho, em anexo, uma breve lista de palavras devidamente estruturada em forma de vocabulários, a partir do alfabeto espanhol, que serviu como base para realizar nossa análise em outros níveis.

Além da variedade de espanhol que serviu como base para a configuração do espanhol andino de Canta, existe outra variedade que chegou (e continua chegando) a essa província, mas agora de forma superestrática. Essa variedade de espanhol possui maior prestígio que a da própria província, já que é o espanhol da capital e que é a variedade padrão do espanhol peruano.

Como resumo, apresentamos a figura N° 10, que desenvolvemos baseados em Baldoceda (1993), Cerrón-Palomino (2008), Hardman (1983) e Masgo (1977, 1988), para mostrar as mudanças das possíveis realidades linguísticas pelas quais passou o espanhol de Canta até chegar ao atual monolinguismo:

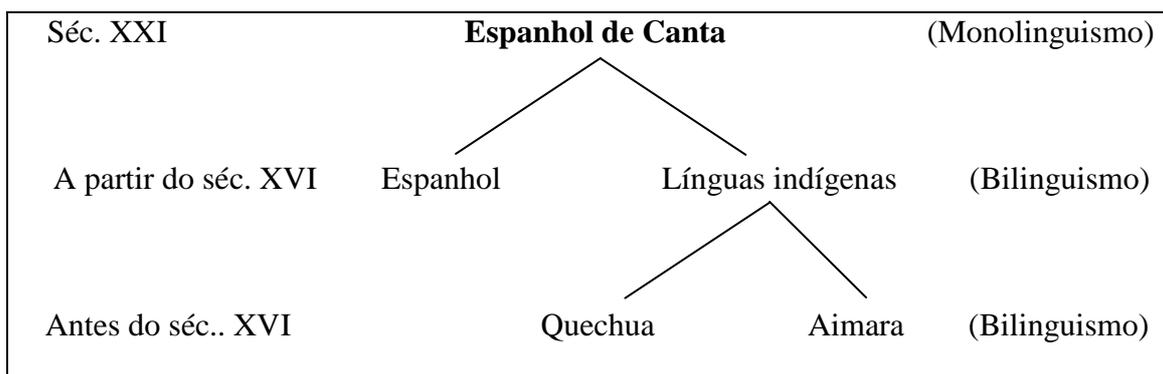


FIGURA N° 8: Mudanças na realidade linguística de Canta.

6.1 Transferências fonológicas

O espanhol padrão é refletido nas gramáticas e dicionários da língua. Assim, na fonologia, utilizamos a *Gramática de la lengua española* de Emilio Alarcos (2000, p. 31³²), para realizar o contraste com o espanhol de Canta. Alarcos (2000) apresenta, no nível fonológico, as seguintes consoantes:

		Labial	Dental	Alveolar	Palatal	Palato-alveolar	Velar
Oclusivas	Surdas	p	t			tʃ	k
	Sonoras	b	d				g
Fricativas	Surdas	f	θ	s			x
	Sonoras				y		
Nasais		m	n		ɲ		
Laterais				l	ʎ		
Vibrantes	Simples	r					
	Múltipla	r					

QUADRO N° 5: Fonemas consonânticos da língua espanhola

³² No texto, o autor apresenta os fonemas consonânticos utilizando os símbolos da *Revista de Filologia Hispânica* (RFH). Nós preferimos atualizá-los utilizando os símbolos do *International Phonetics Alphabet* (IPA), disponível em: <<http://www.omniglot.com/writing/ipa.htm>>.

Para estabelecer um contraste, nós nos remetemos apenas ao aspecto funcional de três segmentos consonânticos [ʃ], [ʎ] e [ɾ], que aparecem no espanhol de Canta. Tais segmentos distinguem-se da fonologia espanhola geral proposta por Alarcos e do espanhol padrão peruano. Para o espanhol de Canta, não teríamos [θ], já que ele é característico da península e, no novo continente, o fone interdentel fundiu-se em [s] (HAENSCH, 2001, p. 70). O espanhol padrão peruano baseado no espanhol da cidade capital de Lima não possui [ʎ] porque ali se fundiu em [y], provocando o fenômeno conhecido na bibliografia hispânica como *yeísmo*, como será explicado em 6.1.2. A seguir, apresentamos um quadro representativo sobre os fonemas consonânticos do espanhol de Canta:

		Labial	Dental	Alveolar	Palatal	Palato-alveolar	Velar
Oclusivas	Surdas	p	t			tʃ	k
	Sonoras	b	d				g
Fricativas	Surdas	f	θ	s		ʃ	x
	Sonoras				ʎ		
Nasais		m	n		ɲ		
Laterais				l	ʎ		
Vibrantes	Simples		r				
	Múltipla		r				

QUADRO N° 6: Os fonemas consonânticos do espanhol de Canta, baseado em Masgo (1977), Ramirez (1980) e Baldoce da (1993) ; grifo nosso.

Com o processamento e resultado da análise dos dados, verificamos que, entre as marcas mais influentes da fonologia das línguas andinas deixadas ao espanhol de Canta, temos a presença de três segmentos /ʃ/, /ʎ/ e /r/ (onde [ɾ] funciona como alofone)

A seguir, explicamos sua funcionalidade e possível origem nessa variedade de espanhol, tendo como fontes os dados proporcionados por nossos informantes e por Masgo (1977), Ramírez (1980) e Baldoce da (1993).

6.1.1 O segmento /ʃ/

6.1.1.1 Descrição e análise

Normalmente escrito como <sh>, esse som fricativo palato-alveolar surdo possui, nessa variedade hispana, dupla funcionalidade. Inicialmente, funciona como fonema /ʃ/ (MASGO, 1977, p. 75) e, depois, como alofone de /s/.

Aparece como [ʃ] formando pares mínimos com [s], em (5):

(5)

a) /'ʃala/	→	['ʃala]	'terreno cheio de guijarros'
b) /'sala/	→	['sala]	'parte de uma casa. Imp. salar'
c) /pa'ʃar/	→	[pa'ʃar]	'carregar'
d) /pa'sar/	→	[pa'sar]	'mover-se de um lugar a outro' 'cruzar'
e) /pi'ʃar/	→	[pi'ʃar]	'urinar'
f) /pi'sar/	→	[pi'sar]	'apisoar'
g) /'piʃta/	→	['piʃta]	'Imp. matar'
h) /'pista/	→	['pista]	'asfalto'

A existência desses pares mínimos mostra que o falante do espanhol de Canta distingue entre [ʃ] e [s], de modo que os exemplos (5a), (5c), (5e) e (5g) são de origem quéchua, conforme informações dos dicionários (CERRÓN-PALOMINO, 1976b; PARKER, 1976).

Importa evidenciar que foram encontradas palavras com [ʃ] que não fazem contraste com [s], como em (6):

(6)

a) ['wiʃla]	'colherão'
b) ['miʃki]	'doce'
c) ['ʃiri]	'espécie de batata branca'

d) ['puʃpo]	‘fava torrada e cozida’
e) ['ʃukuy]	‘chinelo feito de couro de vaca’
f) ['ʃulka]	‘filho caçula’
g) ['ʃikro]	‘sacola rústica feita de intestino de carneiro’
h) ['ʃoŋgo]	‘topônimo’ ‘lugar húmido’
i) ['ʃokia]	‘topônimo’ ‘lugar de pedras’
j) [ʃwi'toʃo]	‘topônimo’ ‘lugar de grande extensão’
k) [wayʃa' rima]	‘pessoa que pouco visita’
l) ['xiʃa]	‘preguiçoso’

Essas palavras coletadas do espanhol de Canta foram encontradas nos dicionários das variedades centrais do quechua (CERRÓN-PALOMINO, 1976b; PARKER, 1976; WEBER *et al*, 1998; TOLIVER, 2005) e do aimara (BELLEZA, 1998; AYALA, 1988), como se constata abaixo:

(7)

a) /'wiʃla/ <i>Quech. A</i>	> ['wiʃla] ‘colherão’
b) /'miʃki/ <i>Quech. J.; Quech. A</i>	> ['miʃki] ‘doce’
c) /'ʃiri/ ³³ <i>Quech. H.</i>	> ['ʃiri] ‘espécie de batata branca’
d) /'puʃpu/ <i>Jac., Quech. J., Quech. A.</i>	> ['puʃpo] ‘fava torrada e cozida’
e) /'ʃukuy/ <i>Quech. J.; Quech. PH</i>	> ['ʃukuy] ‘chinelo feito de couro de vaca’
f) /'ʃulka/ <i>Quech. J.; Quech. A. Quech. H.; Aim.</i>	> ['ʃulka] ‘filho caçula’
g) /'ʃikra/ <i>Quech. A.; Quech. H.</i>	> ['ʃikro] ‘sacola feita de intestino de carneiro’
h) /'ʃuŋku/ <i>Jac.</i>	> ['ʃoŋgo] ‘topônimo’ ‘lugar húmido’
i) /'ʃuqya/ ‘amontoamento de pedras’ <i>Quech. J.</i>	> ['ʃokia] ‘topônimo’ ‘lugar de pedras’
j) /'ʃuytuku/ ‘lugar de vivenda’ <i>Jac.</i>	> [ʃwi'toʃo] ‘topônimo’ ‘lugar de grande extensão’
k) /wayʃaw' rima/ <i>Quech. Aim.</i>	> [wayʃa' rima] ‘pessoa que pouco visita’
l) /'xila/ <i>Quech. A;</i> /xiʃa/ <i>Quech. J.</i>	> ['xiʃa] ‘preguiçoso’

Observa-se, em (7), que [ʃ] aparece só em palavras de origem indígena, tanto em quechua como em aimara. De (7a) até (7j), o [ʃ] presente no espanhol de Canta provém de [ʃ] nas línguas andinas, enquanto em (7k) ele provém de [tʃ] e em (7l), de [l]

³³ Esta palavra foi encontrada só na variedade *Quech. de Huánuco* (um tipo de quechua central), também num *site* referindo-se a “um tipo de batata branca denominada <Shiri> própria das Punas e tendo a qualidade de resistir às eladas”. Maior detalhe em: <http://wiki.sumaqperu.com/es/La_papa>.

ou [λ]. Não acreditamos que esses dois últimos exemplos sejam casos isolados, mas não nos deteremos nessa questão por não ser foco de nossa pesquisa.

Também foi encontrado o fonema álveo-palatal em outras palavras do espanhol de Canta, mas, diferente dos exemplos em (7), essas palavras, em (8), não se encontram registradas nos dicionários modernos consultados³⁴ das línguas indígenas.

(8)

- | | |
|----------------|-----------------------|
| a) [xaʃxa'lin] | ‘intestino de porco’ |
| b) [ra'niʃ] | ‘mulher não arrumada’ |
| c) ['ʃalpe] | ‘pelagem abundante’ |
| d) [ʃa'yaɾo] | ‘salamandra’ |

As palavras em (8), pela forma linguística que apresentam, possibilitam, no entanto, a hipótese de que pertencem às línguas indígenas. Para isso, contamos com três argumentos. O primeiro baseia-se no fato de que a língua espanhola não possui, atualmente, /ʃ/ dentro do seu inventário fonológico e, portanto, não existiriam palavras com [ʃ]. O segundo argumento obedece ao fato de que as palavras em (8) não se encontram registradas nos dicionários modernos das línguas indígenas porque as línguas indígenas de Canta (as variedades de quechua e aimara) nunca foram descritas nem documentadas antes da sua extinção; ao menos não se tem notícia disso (MASGO, 1977, 1988). Por último, nosso conhecimento como falante nativo da língua espanhola nos permite perceber a natureza exógena de (8).

Outra ocorrência do segmento álveo-palatal é como alofone de /s/. Neste caso, ele é restrito a palavras que se referem a nomes, ou seja, formas hipocorísticas. Segundo Gonçalves (2001, p. 1), os hipocorísticos são aqueles nomes abreviados afetivamente, resultando numa forma diminuta que mantém identidade com o prenome ou com o sobrenome original e devem ser interpretados como apelidos, conforme

³⁴ Cerrón-Palomino (1976b), Parker (1976), Weber *et al* (1998), Toliver (2005), Belleza (1998) e Loayza (1988).

acontece com os hipocorísticos encontrados no espanhol de Canta, como apresentamos a seguir:

(9)

a) Zenaida /se'naiða/	→	['fena]
b) Santiago /san'tjajo/	→	['fanti]
c) Saturnino /satur'nino/	→	['fate]
d) Asunciona /asun'sjona/	→	['fona]
e) José /xo'se/	→	['xoʃe]

Podemos observar, em (9), que, além da simplificação léxica, o fator decisivo na utilização de um ou outro alofone é o critério semântico, ou seja, a atitude com função subjetiva. (BASÍLIO, 1987), tendo como resultado a presença de [ʃ] ante um hipocorístico³⁵.

6.1.1.2 Origem

Diante do que foi apresentado, é possível afirmar que o surgimento de /ʃ/ no espanhol de Canta deve-se ao contato que teve essa variedade de espanhol com as línguas andinas. Essas línguas deixaram /ʃ/ como substrato no espanhol cantenho, que o incorporou em seu inventário fonológico. Além disso, é importante esclarecer que quase todos os exemplos mostrados encontram-se tanto nas línguas das famílias quechua como em aimara, tornando difícil estabelecer uma filiação linguística exata.

Podemos observar que, nas línguas do ramo central das famílias quechua e aimara, aparece esse fonema. Por exemplo, tal como foi apontado por Cerrón-Palomino (1976a, p. 67), aparece /ʃ/ no quechua Junín-Huanca, em palavras como: <shansha> /ʃanʃa/ 'brasa', <ashuy> /aʃuy/ 'arrimar-se' e <ukush> /ukuf/ 'rato'. Da mesma forma, Hardman (1985, p. 41) registra a sua existência no aimara central (AC) ou na língua

³⁵ Nesse caso, a hipocorização não leva à formação de uma nova palavra, não apresentando, portanto, função lexical. (GONÇALVES, 2006). Por seu caráter essencialmente afetivo, esse processo assemelha-se à linguagem infantil, fazendo emergirem formas não marcadas (McCARTHY; PRINCE, 1994).

jacaru, como em /ʃimi/ ‘boca’. Esse fonema álveo-palatal não aparece, todavia, nas variedades de quechua e aimara sulistas (CUSIHUAMÁN, 1976; SOTO, 1976) . Por exemplo, no aimara do sul (AS) existem palavras com /s/, porém, no centro, este seria equivalente a /ʃ/. Sobre isso, Cerrón-Palomino (2000, p. 146) faz a seguinte comparação entre as duas variedades:

AC	AS
/ʃanq ^h a/ ‘laringe’	/sanqa/ ‘ganguear’
/iʃi/ ‘cobertor’	/isi/ ‘vestido’
/tʃ ^h uʃi/ ‘terso’	/tʃusi/ ‘cobertor’

QUADRO N° 7: Comparação entre /ʃ/ do Aimara do Centro e do Aimara do Sul

O autor explica que as correspondências apontam para a proposição de * /ʃ/ como protofonema comum, do qual se produz a despalatização no AS para se fundir com /s/ (CERRÓN-PALOMINO, 2000, p. 147). Como foi visto acima, tanto o quechua central como o aimara central possuem /ʃ/ dentro do seu inventário fonológico e, portanto, também nas variedades de quechua e aimara faladas em Canta deveria estar presente esse fonema. Nos exemplos acima, observa-se que /ʃ/, no atual espanhol de Canta, vem de [ʃ] do Quech./ Aim. (5a, 5c, 5e, 5g, 7a até 7j), de [tʃ] do Quech. / Aim. (7k) e de [l]~[ʎ] do Quech. / Aim. (7l). No entanto, que o [ʃ] aparece como alofone de /s/ quando se utilizam hipocorísticos. Assim, a origem de /ʃ/ em Canta pode-se ver na seguinte figura:

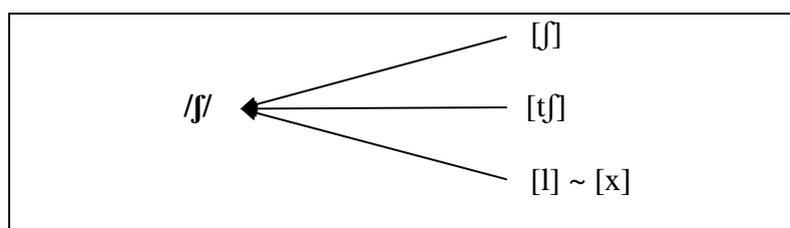


FIGURA N° 9: Origem de /ʃ/

Por outro lado, é importante destacar que a sobrevivência de /ʃ/ no espanhol de Canta deve-se a que a língua espanhola, até o século XVI, tinha, em seu inventário, o fonema /ʃ/, que era escrito como <x> pelos espanhóis que chegaram à América (LAPESA, 1981, p. 377; LATHROP, 1980, p. 93). Sobre isso, Landerman (1982) e Torero (2005) explicam que, desde os anos iniciais da empresa conquistadora espanhola nos Andes, em torno de 1530 até aproximadamente meados do século XVI, o <x> representava o fricativo palato-alveolar /ʃ/. Landerman (1982, p. 230) afirma que a variedade predominante de espanhol na região andina, no século XVI, foi o andaluz, e essa variedade diferenciava entre /s/ e /ʃ/ grafadas como <s> e <x>, sendo utilizada nas descrições e na elaboração das *Artes* das línguas indígenas americanas pelos missionários hispanos.

Sendo as línguas andinas de Canta possuidoras de /ʃ/, tal como se observou nas gramáticas do quechua e aimara do ramo central, a chegada do espanhol no século XVI, por meio do superstrato, permitiu a sobrevivência desse segmento na configuração do espanhol andino de Canta. A teoria que nos ampara é proposta por Malkiel (1967), denominada *multiple causation* ou causalidade múltipla: a origem e sobrevivência de certos fenômenos numa língua é pluricausal e não monocausal, como tradicionalmente se pensa; há, portanto, diferentes origens ou fatores para um mesmo fenômeno³⁶. Neste caso, a presença dos mesmos segmentos em espanhol, quechua e aimara confirmam a nossa proposta.

³⁶ Com essa proposta, Malkiel coloca em discussão a complexidade das causas (internas) que podem motivar o desenvolvimento de uma mudança linguística. (CARRERA, 1984, p. 280)

6.1.2 O segmento /ʎ/

6.1.2.1 Descrição e análise

Normalmente escrito como <ll> no espanhol, esse fonema lateral palatal /ʎ/ registra-se no espanhol de Canta especialmente nos topônimos e em palavras de origem indígena. A presença de /ʎ/ em oposição a /y/, ou seja, estabelecendo um contraste por meio dos pares mínimos, é de baixa frequência. Em geral, observa-se a tendência de que /ʎ/ passe a /y/ por questões geográficas e sociais.

A diferença entre [y] e [ʎ] passa quase despercebida. Durante nossa coleta encontramos somente um par mínimo (10), tal como apresentamos na sequência:

(10)

- | | | |
|------------|---------|---|
| a) ['poʎo] | <pollo> | ‘frango’ |
| b) ['poyo] | <poyo> | ‘tipo de objeto para sentar-se’ ‘banco’ |

O par mínimo em (10) mostra a oposição distintiva entre [ʎ] ≠ [y], escritos como <ll> e <y>, respectivamente, e, embora seja de escassa funcionalidade, essa oposição conserva-se nas palavras proferidas por pessoas adultas e idosas. Os mais novos e as pessoas que moram em lugares mais próximos à cidade de Lima não fazem tal diferença, com isso a palavra ['poyo] tanto pode designar ‘frango’ quanto ‘tipo de objeto para sentar-se’. Assim, a única forma de desambigüizar é o contexto. Também /'poyo/, com o significado de ‘objeto’, está se tornando desconhecido por muitas crianças, fato que foi comprovado *in loco* durante nossas entrevistas.

Do mesmo modo, realiza-se [λ], em Canta, em palavras comuns com letra <ll>, itens do espanhol geral e aqueles que se referem a vegetais e topônimos de filiação indígena, como se vê nos seguintes exemplos:

Itens que possuem <ll> no espanhol geral

(11)

- | | | |
|---------------|------------|--------|
| a) [a'ʎi] | <allí> | 'ali' |
| b) [kutʃi'ʎo] | <cuchillo> | 'faca' |

Itens que possuem <ll> de origem indígena

(12)

- | | | |
|----------------|-------------|-------------------------------|
| a) ['ʎikʎa] | <lliklla> | 'prenda de vestir' |
| b) ['paʎxa] | <pallja> | 'um par' |
| c) [ampa'ʎuko] | <ampalluco> | 'flor da batata' |
| d) ['kuʎpe] | <cullpe> | 'tumba de origem pré- inca' |
| e) ['tʃakʎa/ | <chaclla> | 'armação feita de paus' |
| f) ['waʎki] | <huallqui> | 'sacola feita de couro ou lã' |

Itens de topônimos que possuem <ll> com origem indígena

(13)

- | | | |
|-------------------|-----------------|------------------------|
| a) [rjo'tʃikʎa] | <Río Chiclla> | 'Nome de um rio' |
| b) [siʎa'rume] | <Sillarume> | 'Montanha com pedras' |
| c) [kaʎa'koto] | <Callacoto> | 'Nome de uma montanha' |
| d) [waʎa'pukjo] | <Huallapuquio> | 'Nome de uma lagoa' |
| e) [aʎawka'loksa] | <Allauca-Locsa> | 'Nome de um nevado' |

Um caso especial são (13a) e (13b), topônimos de natureza híbrida, nos quais o primeiro lexema é espanhol <rio> 'rio' e <silla> 'cadeira' e o segundo é quechua:

['tʃikʎa] 'nome de um rio' e ['rume] 'pedra'.

O yeísmo [ʎ] > [y]

A tendência observada em Canta a utilizar [y] em vez de [ʎ] é conhecida no mundo hispânico como *yeísmo* (RAMÍREZ, 1994; QUILIS, 1999, p. 316). Essa tendência decorre, em Canta, de dois fatores: geográfico e social. O fator geográfico porque as pessoas que moram em Canta, em comunidades próximas à cidade de Lima, como a capital da província de Canta e o distrito de Obrajillo, tendem a utilizar [y] em vez de [ʎ], como ocorre no espanhol de Lima. O fator social observa-se no fato de que, em Canta, é sinônimo de prestígio ser *yeísta*, porque pertence à fala da capital e porque os programas de rádio e televisão de alcance nacional utilizam [y]. Também no âmbito social, a faixa etária é uma das causas do uso de um elemento e outro. Os idosos conservam [ʎ], enquanto os mais novos já utilizam [y]. Por exemplo, em (14) a maioria das palavras passaram a ser usadas com [y], como se pode verificar nos dados da informante na faixa etária de 20 anos:

(14)

a) [kaste'ɣano]	<castellano>	'castelhano'
b) [ya'maron]	<llamaron>	'chamaram'
c) [ye'garon]	<llegaron>	'chegaram'
d) [ye'βo]	<llevó>	'levou'
e) [ye'ɣa]	<llega>	'chega'
e) [rio tʃi'yon]	<Rio Chillón>	'nome de um rio'
f) [ka'βayos]	<caballos>	'cavalos'
g) [so'riyo]	<zorrillo>	'gambá'
h) [pa'riya]	<parrilla>	'churrasqueira'
i) ['kuʎes]	<culles>	'povo da costa norte de Lima' ³⁷ ,

Todas essas palavras de origem espanhola são faladas utilizando [y]. No entanto, em nossos dados coletados de um determinado informante, houve vestígios da

³⁷ Os *culles* foram um grupo indígena da costa norte-central de Lima (ROSTWOROWSKI ,1978).

oposição entre [y] e [ʎ]. O segmento [ʎ] apareceu só como referência a um grupo de natureza indígena, como em (14i).

Também as pessoas acima de 60 anos que tiveram ou têm muito contato com a cidade de Lima, tornam-se *yeistas*, mas ainda mostram vestígios de que utilizaram a distinção /ʎ/ ≠ /y/. Podemos notar isso por meio dos dados de nossos informantes de 62 anos, dos quais registramos palavras como:

(15)

a) [desa'roya]	<desarrolla>	'desenvolve'
b) ['deyos]	<de ellos>	'deles'
c) [kas'tiyo]	<castillo>	'castelo'
d) ['eyos]	<ellos>	'eles'
e) [a'ʎi]	<allí>	'ali'

6.1.2.2 Origem

O surgimento do [ʎ] no espanhol de Canta, se assemelha ao mesmo processo de /j/, obedece também a uma dupla origem. (MAKIEL, 1967). A existência desse segmento nessa variedade deve-se a sua presença tanto nas línguas indígenas como em algumas variedades de espanhol, como aquela que chegou a Canta há séculos.

Nas línguas do ramo central da família quechua (CERRÓN-PALOMINO, 1976a, p. 47; PARKER, 1976, p. 43; TOLIVER, 2005, p. 48; WEBER *et al*, 1998, p. 162), [ʎ] mostra-se com alta funcionalidade, como se observa nas seguintes palavras:

(16)

a) /'tuʎpa/	<tullpa>	'terra' <i>Quech. J.</i>
b) /'ʎika/	<llicka>	'teia-de-aranha' <i>Quech. A.</i>
c) /'tʃuʎuk/	<chulluk>	'calado' <i>Quech. H.</i>
d) /'waʎpa/	<huallpa.>	'galinha' <i>Quech. PH.</i>

O mesmo ocorre com a família aimara, em que o jacaru (BELLEZA, 1995, p. 19) e o aimara do sul (AYALA, 1988, p. 132) mostram a presença desse elemento:

(17)

- | | | |
|--------------------------|----------|------------------------------------|
| a) /'iʎfu/ | <illshu> | ‘procurar bem o lugar’ <i>Jac.</i> |
| b) /'ʎap ^{hi} / | <llapi> | ‘morno’ <i>Aim.</i> |

A existência e conservação de [ʎ] no espanhol de Canta deve-se também à língua espanhola. Lapesa (1981, p. 571) menciona que a oposição /y/ e /ʎ/ é prestigiosa numa faixa interior da Colômbia que compreende as cidades de Bogotá e Popayan, na parte sul da serra equatoriana; em amplas zonas e terras altas e costa meridional do Peru, em quase toda a Bolívia, em parte das províncias argentinas de San Juan e La Rioja e nas fronteiras do Paraguai, assim como há focos isolados no sul do Chile. Nós concordamos totalmente com Lapesa (1981, p. 552): a conservação de /ʎ/ no espanhol de regiões andinas deve-se ao adstrato e substrato das línguas quechua e aimara, pois essas línguas possuem esse fonema lateral palatal sonoro. A presença de /ʎ/ no espanhol de Canta também se deve a uma característica multicausal, conforme destaca Malkiel (1967). Como resumo, apresentamos a seguinte figura:

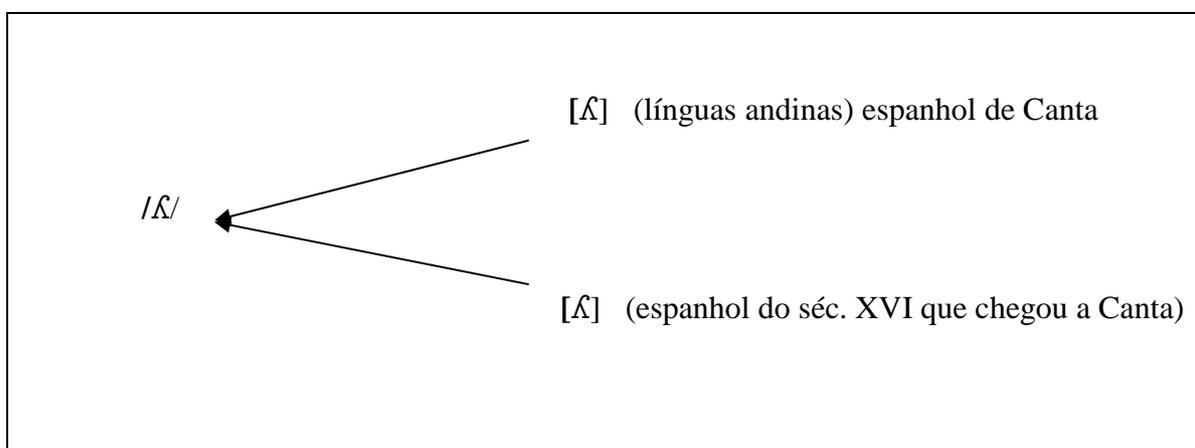


FIGURA N° 10: Origem da palatal

6.1.3 O segmento [ɾ]

6.1.3.1 Descrição e análise

O aproximante [ɾ] no espanhol de Canta funciona como alofone de /s/ e majoritariamente aparece em palavras de origem indígena. Além disso, nota-se que [ɾ] está em um processo de perda nessa variedade, em decorrência de fatores estritamente sociais.

Observemos agora o uso do [ɾ]:

(18)

a) [ɾam'ɾam]	<Ram Ram>	'topônimo' 'nome de uma chácara'
b) [ɾa'ɾan]	<Rarán>	'topônimo' 'nome de um curral'
c) [ɾuma]	<ruma>	'grupo de objetos' 'pilha'
d) [aɾɾɾaɾ'sin]	<Arguarsín>	'topônimo' 'nome de um córrego'
e) [ɾaɾɾa'ɾɾani]	<Rangrachani>	'topônimo' 'nome de um riacho'
f) [ɾa'miɾes]	<Ramírez>	'sobrenome'
g) [supe'ɾioɾ]	<superior>	'superior'
h) [ka'toɾse]	<catorce>	'catorze'

Nesse pequeno corpus, existem dois grandes grupos que utilizam o segmento aproximante: os topônimos de origem indígena e os nomes hispanos. No exemplo (18), de (a) até (e), aparece [ɾ] em palavras de origem indígena. Embora não tenham sido encontradas nos dicionários quechua (CERRÓN-PALOMINO, 1976a; PARKER, 1976; WEBER *et al*, 1998; TOLIVER, 2005) e aimara (BELLEZA, 1995; LOAYZA, 1988), refletem uma forma linguística exógena à língua espanhola. Também aparece [ɾ] só no início de palavra (ou início de sílaba inicial), com exceção de (g), no interior da sílaba e em posição final de palavra.

Já os nomes hispanos, em (18), de (f) até (h), além de apresentarem a aproximante, possuem também uma consoante fricativa alveolar [s] que contém o traço [+ estridente], sendo possível a assimilação de [s] a [r] tanto no início de palavra quanto no início e final de sílaba.

O uso desse segmento em Canta, em comparação a outras áreas andinas peruanas³⁸, é de funcionalidade baixa. Pode-se ouvir em uma ou outra palavra falada pelos cantenhos que viajam pouco à cidade de Lima e têm acima de 40 anos. Ou seja, o fator idade é muito importante, pois, na fala dos jovens, é nula a presença da vibrante. É possível que a aproximante [ɹ] está-se assimilando em [r], produto da estigmatização social negativa que essa variedade possui em comparação ao espanhol padrão de Lima, que contém a vibrante múltipla, que também é utilizada nacionalmente pela mídia³⁹.

6.1.3.2 Origem

Nenhuma das línguas andinas possui o segmento aproximante [ɹ] como fonema nem alofone (CERRÓN-PALOMINO, 1976a; PARKER, 1976; WEBER *et al*, 1998; TOLIVER, 2005, BELLEZA, 1995; AYALA, 1988), porém, segundo os dados, no espanhol de Canta a presença de [ɹ], tanto nos topônimos de origem indígena, como em palavras do espanhol, obedece a uma dupla origem. É difícil afirmar, mas é possível que [ɹ] seja produto da evolução interna dessa variedade vigente pelo contato com as línguas andinas. Por exemplo, nos nomes do espanhol geral, origina-se pela assimilação do traço estridente que possui [s]. Segundo a bibliografia coletada, ainda não existem propostas sobre a origem de [ɹ] no espanhol andino (*lato sensu*).

Também vale ressaltar aqui que a presença da aproximante não é uma característica única do espanhol andino, visto que, em outras variedades de espanhol localizadas fora dessa área, encontra-se esse tipo de som, como em: (a) Espanha: às margens do rio Ebro, desde Logroño até quase Zaragoza (LLORENTE, 1965 *apud* QUILIS, 1999, p. 348); (b) América Central: no México, na cidade de México

³⁸ Por exemplo, no espanhol de Cuzco, especialmente na comunidade rural de Calca, mostra-se uma alta frequência no uso dessa vibrante. (KLEE, C. *et al*, 2005, p. 27-45).

³⁹ O fato de ser um pesquisador falante nativo do espanhol peruano, na sua variedade limenha, permite perceber que, por exemplo, nas notícias e nas novelas quase nunca se usa [ɹ]. Raramente ele é usado quando se tenta imitar uma pessoa de origem andina.

(LASTRA e BUTRAGUEÑO, 2003); (c) América do Sul: na Argentina, na cidade de Rosário (DONNI, 1972); na Venezuela, na Cordilheira de Mérida (OBEDIENTE, 2009). Ou seja: tanto nas variedades de espanhol da Espanha, como México, Argentina e Venezuela, utiliza-se [ɾ] em seu inventário fonético-fonológico de forma isolada e não como ocorre no espanhol andino, que é de forma compacta.

6.2 Transferências morfossintáticas

Dentro do campo da morfologia e da sintaxe, entre as características abordadas do espanhol de Canta e que foram transferidas das línguas andinas e diferenciadas em relação ao espanhol geral, temos as interjeições, e a flexão de gênero. Dentro da sintaxe, a dupla marcação de posse e o comportamento pronominal dos casos acusativo e dativo chamam a atenção nessa variedade.

6.2.1 Transferência de alguns morfemas

6.2.1.1 As interjeições

No espanhol de Canta (e no espanhol geral), as interjeições cumprem um papel gramatical (ALARCOS, 2000). Nessa província, as interjeições chamadas de expressão ou sintomáticas (Ibídem, p. 242) – aquelas que dão informação sobre sensação térmica –, utilizam-se da seguinte forma:

(19)

- a) ¡**alalau!**, el agua está helada.
‘Que frio!, A água está gelada’
- b) ¡**achachau!**, me quemé con la tetera caliente.
‘Que calor!, Eu me queimei com a chaleira quente’
- c) ¡**atatau**, mamita⁴⁰!, te debió doler mucho.
‘Que dor, mocinha!, Deveu te doer muito’

⁴⁰ A palavra *mamita* significa literalmente ‘mãezinha’, mas no espanhol andino, além desse significado, pode corresponder também a uma expressão de afeto para nomear qualquer pessoa comum, de diferente idade. Neste caso, o contexto limita o significado da palavra a uma mocinha.

Nessas interjeições, observa-se, conforme prévia consulta nos dicionários das línguas andinas (BELLEZA, 1995; CERRÓN-PALOMINO, 1976a; LOAYZA, 1988; PARKER, 1976; WEBER *et al*, 1998; TOLIVER, 2005), que possuem uma origem quechua. Assim, /ala'law/ significa ‘que frio’, /atʃa'tʃaw/, ‘que calor’ e /ata'taw/, ‘que dor’. A filiação quechua dessas interjeições não é percebida pelo cantenhos, pois dizem sempre que “falam só espanhol”.

Sobre o uso dessas interjeições em Canta, depende muito do fator idade, já que são usadas majoritariamente por pessoas adultas e idosas, mas não por jovens e crianças. Desse modo, resulta difícil explicar o porquê da conservação das interjeições sintomáticas quechuas em Canta, coisa que não aconteceu com os outros tipos de interjeições, como as assertivas, as de admiração ou expressivas (ALARCOS, 2000).

6.2.1.2 O gênero

A flexão de gênero está presente em quatro classes de palavras da língua espanhola: nos artigos, pronomes, adjetivos e substantivos. Basicamente, focalizamos aqui o gênero que diferencia levemente do espanhol-padrão e que é marcado pelos substantivos por meio da presença dos artigos (ALARCOS, 2000, p. 60). A partir dos exemplos encontrados, notamos que passa quase inadvertida a presença deles, como em:

(20)

- a) **La** coliflor ‘o couve-flor’
- b) **La** alba le dan (à Padroeira do povo, Virgen de las Mercedes) ‘o alva’

O peso dessa observação para o espanhol de Canta é que, no espanhol-padrão, as duas palavras do exemplo (20) seriam de gênero masculino, ou seja, seria *El coliflor* ‘o couve-flor’ e *El alba* ‘o alva’. A mudança de gênero mostrada em (20) parece decorrer do contato que teve o espanhol que chegou a Canta com as línguas andinas. O argumento em favor do contato se deve a que tanto o quechua quanto o aimara não

possuem artigos e marcam o gênero das frases nominais só lexicalmente, e não morfologicamente como em espanhol (CERRÓN-PALOMINO, 1976a, p. 114-115). Esse fato de mudança de gênero ocorre com frequência nos bilíngues espanhol-línguas andinas (ESCOBAR, 1998), enquanto o fato de que os cantenhos sejam todos monolíngues se reflete na quase extinção do fenômeno de mudança de gênero a partir dos poucos dados encontrados.

6.2.2 Transferência na ordem de palavras

6.2.2.1 A dupla marcação de posse

Tal como foi explicado brevemente em 4.2.2.2 sobre os possessivos em aimara e, sobretudo, em quechua, estes se marcam gramaticalmente duas vezes. Por exemplo, no quéchua, pelo genitivo {-pa} e pelo pronome possessivo preso, segundo o paradigma de sufixos mostrado no Quadro N° 3 (p. 54). Na oração *Juan-pa wasi-n* ‘A casa de Juan’, pode-se notar que os sufixos {-pa} genitivo ‘de’ e {-n} ‘sua/seu’ marcam posse e que a frase completa de *Juan-pa wasi-n* significaria literalmente ‘de Juan sua casa’, e em espanhol, *de Juan su casa*, marcada também duas vezes. Essa expressão foge ao espanhol-padrão, porque é suficiente dizer somente *la casa de Juan*, da mesma forma que na oração (21), em que o sufixo {-y} significa ‘meu/ minha’; literalmente quer dizer ‘de mim minha casa’ e, em espanhol, ‘de mí mi casa’ (ZARIQUIEY, 2008, p. 90-91):

(21)

ñuqa - pa	wasi - y	
1P - GEN	CASA - 1POS	(lit. De mim minha casa)
‘minha casa’		

No espanhol de Canta, registra-se presença funcional baixa da dupla marcação de posse. Isso se encontra sobretudo nos lugares altos da província (de 3000 a 4500 m.s.n.m), como Huaros e Cullhuay, lugares em que coletamos os seguintes dados:

(22)

a) En **mi** caso **mío**,
PREP. DET. POS. N PRON. POS
'No meu caso'

b) Hoy **me** siembro **mis** papas
ADV. PRON. POS VB DET. POS N
'Hoje semeio minhas batatas'

c) **Su** fiesta **se** celebra
DET. POS N PRON. POS VB
'A sua festa se comemora'

d) **De** la señora Luisa **su** vaca
PREP. DET N N DET. POS N
'A vaca da senhora Luíza'

e) **De** **mí** **mi** tío es albañil
PREP. PROP. POS DET. POS N VB N
'O meu tio é pedreiro'

Nessas orações, existem diferentes tipos de dupla marcação de posse e, seguindo a classificação de Merma (2004, p. 197-199), dividimo-las em até quatro tipos: 1) *possuidor + possuído*, como *de mi hijo su escuela*; 2) de estrutura formal *de + possuidor + possuído*, como na expressão *de mí mi mamá es trabajadora*; 3) *possuído + de + possuidor*, fenômeno que se apresenta na variedade padrão do espanhol peruano, na qual a ordem é inversa em relação aos demais tipos de possessivo; 4) uma forma em que se usa o possessivo no lugar do artigo, como em *me lavé mi cara*, que, no espanhol-padrão, seria *me lavé la cara*. Quase da mesma forma, Escobar (1998, p. 100) apresenta uma quantidade maior de classes de duplo possessivo, com destaque àquele que possui dois possessivos, um antes e outro depois do substantivo, como em *esta es tu hoja tuya*.

Assim, o exemplo (22a) é uma oração formada pela estrutura *possessivo + nome + possessivo*. Já (22b) e (22c) possuem o quarto tipo de dupla possessão em *Hoy me siembro mis papas* e *Su fiesta se celebra*, que, no espanhol padrão, é *Hoy siembro las papas* e *La fiesta se celebra*. Substituindo, no espanhol andino, os possessivos pelos artigos, nesse caso por *la* e *las* antes de *papa* e *fiesta*, (22d) possui a estrutura *possuidor + possuído*, que é o primeiro caso, e, em (22e), marca-se pela estrutura *de + possuidor + possuído*.

6.2.2.2 O tratamento do acusativo

Entre as distintas formas de marcar o acusativo em espanhol, existe uma que se realiza por meio dos pronomes pessoais. A forma pronominal básica do acusativo no espanhol é *lo* para o masculino; no feminino, é *la* e seus plurais *los*, *las* (ALARCOS, 2000, p. 198, 199). É o que se observa nas orações a seguir:

(23)

a) ¿Compró el carro?, Sí, él lo compró.

ACUS.



‘Comprou o carro? Sim, ele o comprou’

b) Me gusta este carro, ¿puedo comprármelo?

ACUS.



‘Eu gosto desse carro, posso comprá-lo?’

c) ¿María tiene la mochila?, Sí, ella la tiene.

ACUS.



‘Maria tem a mochila? Sim, ela a tem’

d) Me gusta esta mochila, ¿puedo comprármela?

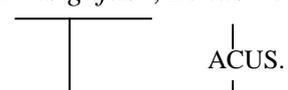
 ‘Eu gosto dessa mochila, posso comprá-la?’

e) ¿Juana traerá los libros?, sí, ellas *los* traerá.

 ‘Juana trará os livros? Sim elas os trará’

f) Me gustan estos libros, ¿puedo comprármelos?

 ‘Eu gosto desses livros, posso comprá-los?’

g) ¿Dónde están mis gafas?, no *las* veo

 ‘Onde é que estão meus óculos? Não os encontro’

h) Me gustan estas gafas, ¿puedo probármelas?

 ‘Eu gosto desses óculos, posso experimentá-los?’

Nas orações acima, vemos como os pronomes tônicos possuem até duas localizações: antes e depois do verbo. O primeiro dos fenômenos, chamado *próclise*, é aquele que possui o pronome tônico de maneira autônoma antes de verbo, como se observa nas orações (23a), (23c), (23e) e (23g); entretanto nota-se *ênclise* quando o pronome está ligado depois do verbo, como em (23b), (23d), (23f) e (23h)⁴¹.

⁴¹ A língua espanhola, em comparação a outras línguas românicas, como o português, não possui *mesóclise*.

Em relação à marca acusativa pronominal no espanhol de Canta, temos dois fenômenos que chamam a atenção: o duplo acusativo e o fenômeno conhecido pela linguística hispânica como *loísmo*. O primeiro verifica-se nas seguintes orações:

(24)

a) Ese *lo* que *lo* sé
 | |
 ACUS. ACUS.
 └─────────┘

‘Isso é o que eu sei’

b) Eso es *lo* que *lo* quiero
 | |
 ACUS. ACUS.
 └─────────┘

‘Isso é o que eu quero’

c) Hasta ahora *lo* tenemos *eso*
 | |
 ACUS. ACUS.
 └─────────┘

‘Até agora o temos’

d) *Lo* trajimos *en burro*
 | |
 ACUS. ACUS.
 └─────────┘

‘Trouwemo-lo a burro’

O duplo acusativo caracteriza-se por ser marcado duas vezes dentro de uma mesma oração. Primeiro, pelo pronome átono *lo*; depois, por outro pronome, que pode ser *lo*, como se vê em (24b) e (24c) ou *eso* em (24d) ou uma FP como (24a). Também se observa que só existe duplicação do acusativo quando *lo* está proclítico, contudo não encontramos exemplos que demonstram o contrário. Assim, podemos ver que, entre as pesquisas realizadas anteriormente nessa província, como a de Masgo (1988), não se informa nada sobre esse fenômeno. Essa propriedade pode ser atribuída às línguas

andinas, sobretudo ao quéchua, visto que o objeto está explícito e é marcado duas vezes, tal como diz Vlastimil (2005, p. 156-157), em:

(25)

a) ñuqa - ta - n maqa- wa – sha - n
1PS-OBJ-TOP VB bater-OBJ-PROG-3PS (Esp. lit.: ‘(Él) me está pegándome’)
‘Ele está me batendo’

b) Pedro - ta - n maqa - sha - Ø - n
N-OBJ-TOP VB bater-PROG-OBJ- 3PS (Esp. lit. ‘Lo pega a Pedro’)
‘Ele bate a Pedro’

As duas marcas de objeto – no sujeito, {-ta-} e no verbo, {-wa} ou {Ø} – são vistas em (25), em que se nota o duplo acusativo ou objeto por meio da tradução ao espanhol literal, que é como se dá no espanhol andino de Canta. De um ponto de vista mais abrangente, Julio Calvo (1996, p. 539 *apud* VLASTIMIL, 2005, p. 157) afirma que esse fenômeno linguístico é comum no espanhol dos Andes e se deve à influência do quechua (ou aimara):

... La reduplicación pleonástica de la conjugación objetiva hispánica, así como la carencia del clítico en algunas anteposiciones del objeto o la total ausencia de cualquier argumento objeto y hasta sujeto tiene poco que ver con la diacronía del español y mucho más con el problema de las lenguas en contacto, porque muchos de estos fenómenos se observan solamente entre el sur de Colombia y el norte de Chile, territorios hasta donde se expandió la lengua de los incas.

O duplo acusativo ou “reduplicação pleonástica da conjugação objetiva hispânica”, como chama Calvo, obedece aos fatores relativos ao contato com as línguas andinas. O espanhol-padrão obteve uma nova configuração naqueles lugares da América onde essas línguas andinas foram faladas.

Sobre o *loísmo*, chama-se assim dentro do mundo hispânico ao uso de *lo* e *los* na função de objeto indireto ou dativo quando o substantivo referido é de gênero masculino (ALARCOS, 2000, p. 204). No espanhol-padrão, o pronome típico da marca objeto indireto é *le* e seu plural *les*. A seguir, fazemos um contraste entre as orações coletadas em Canta e seus equivalentes no espanhol-padrão.

(26)

a) *Lo* había mandado a Rosa.

|
OI

‘(Ele) tinha mandado a Rosa’

Lit.: ‘O tinha mandado a Rosa’

b) *Le* había mandado a Rosa

|
OI

‘Tinha mandado ele a Rosa’

Lit.: ‘Lhe tinha mandado a Rosa’

c) No *lo* mates a él

|
OI

‘Não o mate’

Lit.: ‘Não o mate a ele’

d) No *le* mates a él.

|
OI

‘Não lhe mate’

Lit.: ‘Não lhe mate a ele’

As orações (26b) e (26d) correspondem ao uso padrão da língua, pois *le* refere-se ao OI que seria o beneficiário da ação, no entanto observa-se o *loísmo* em (26a) e (26c), em que *le* é substituído por *lo* na mesma função. Sobre a origem dessa característica no espanhol andino geral, existem duas propostas.

A primeira é de Cerrón-Palomino (2003, p. 157-159) e De Granda (1993, 1999), que afirmam que o afixo {-qlu-} origina-se de uma transferência dos morfemas quechuas {-rqu}, {-pu} e {-ka} nas variedades sulistas e na central, exatamente no quechua huanca, como em:

(27)

a) li - qlu - n

VB. SER-ASP.-3PS

‘Ele foi’

Esp. lit ‘Lo fue’

b) asi - qlu - n

VB. RIR-ASP.-3PS

‘Ele riu’

Esp. Lit. ‘Lo rió’

c) wañu - q̄lu - n
VB. MORIR-ASP.-3PS
'Ele morreu'

Esp. lit. 'Ya lo murió'

Tal como se vê em (27), o afixo verbal {-q̄lu-}, que provém da metátese de {-lqu} e, por sua vez, de {-rqu}, possui função aspectual de um processo realizado de forma rápida, total e definitiva. (CERRÓN-PALOMINO, 2003, p. 158).

Uma segunda proposta sobre a origem do *loísmo* no mundo andino é aquela apresentada por Merma (2007, p. 210), Kany (1994, p. 139) e Godenzi (1986, p.187). Para eles, esse fenômeno corresponde a uma característica do espanhol geral antigo que permaneceu nessa variedade de espanhol e que se resiste à mudança presente no espanhol-padrão.

De acordo com nossa análise, podemos compreender que, da mesma forma como explicamos as transferências fonológicas, seguindo a Malkiel (1967, p. 1246), podemos fazê-lo com o *loísmo*. Segundo a teoria, o *loísmo*, visto em (26a), (26c) e (27), tem dupla origem, à medida que permaneceu no mundo andino por fazer parte do espanhol antigo. Assim, as línguas andinas que entraram em contato possuíam estruturas semelhantes ao espanhol que chegou a Canta desde o século XVI. Portanto, no espanhol de Canta conserva-se porque ainda cumpre uma função produtiva diferente do espanhol-padrão e semelhante às línguas andinas que estiveram nessa província.

6.2.2.3 O tratamento do dativo

Da mesma maneira que o acusativo, entre as distintas formas de marcar o caso dativo existe aquela que se realiza por meio de pronomes pessoais átonos⁴². A forma pronominal básica do dativo no espanhol é *le* e o plural *les*. (ALARCOS, 2000, p.

⁴² Um estudo sobre a semântica e sintaxe dos dativos em espanhol, pode-se ver na dissertação de Patriau (2007).

201). Pode-se notar, no espanhol de Canta, igual funcionamento do dativo nas orações a seguir:

(28)

a) *Le pagaron a la mujer* hasta que diga su nombre

DAT. DAT.
└──────────────────┘

‘Bateram na mulher até que diga o nome dela’

b) *Le curó sus herida*

└
DAT.

‘Curou as feridas dele’

c) *Le ayudó*

└
DAT.

‘Ajudou-lhe’

Além das orações acima, os sintagmas oracionais em Canta podem ser descritos pela linguística hispânica como *leísmo*. Esse fenômeno linguístico consiste no emprego de *le* e, com menor frequência, do seu plural *les* como referentes da função de objeto direto, ou seja, de acusativo (ALARCOS, 2000, p. 202). Vejamos:

(29)

a) Que *le llaman la rejilla*

└──────────────────┘ ACUS.

‘Que a chamam picareta’

b) Los chunchitos llevan *unas túnicas* que *les llaman* ...

ACUS.
└──────────────────┘

‘Os indígenas (amazônicos) levam umas túnicas que as chamam...’

c) Bueno señor, ya *le terminé* (*con la entrevista*) cualquier cosita ...

└──────────────────┘ ACUS.

‘Bom senhor, já acabei (com a entrevista) qualquer coisa ...’

Em face dos escassos dados encontrados, pode-se afirmar que esse fenômeno aparece com baixo uso no espanhol dessa província. A presença do *leísmo* nessa variedade é o que Fernández-Ordoñez (1999, p. 9) chama de *leísmo de contato* ou adstrato e deve-se ao contato do espanhol com as línguas indígenas⁴³. Neste caso, o contato realizou-se entre o espanhol com as línguas andinas, em especial o quechua, em séculos passados. O argumento do *leísmo* de contato é que, nas línguas indígenas andinas, não há marca de gênero.

Efetivamente baseados nos argumentos de Klee e Lynch (2009, p. 143), percebemos que, no caso de Canta, não se pode atribuir o *leísmo* só ao quechua (ou ao aimara), já que o ambiente de línguas em contato terá fomentado esse uso como uma forma de sintetizar o complexo sistema clítico do espanhol. Uma pista disso seria, por exemplo, a sua ausência na norma culta limenha.

O *leísmo*, como se observa, não é privativo do espanhol de Canta, nem da língua espanhola⁴⁴. No espanhol peruano, ele se apresenta fundamentalmente nos Andes⁴⁵, nos falantes monolíngues e bilíngues. Os trabalhos de Caravedo (1999) e Valdez (2002) mostram a sua existência no norte-oriental, na região de Cajamarca. No centro do Peru, encontra-se na região Junin (CERRÓN-PALOMINO, 1989); entretanto Godenzi (1986, 1991) registra-o no sul, na região de Puno. Em Lima, o fenômeno não

⁴³ Os exemplos mais conhecidos do *leísmo por contato* na América do Sul são do Equador e Paraguai. Nesses países, o contato se realizou entre o espanhol e o quechua ou espanhol e guarani. Sobre o Equador, Toscano (1953, p. 205) afirma que, nesse país, a influência do quechua sobre o espanhol favorece a modificação do sistema pronominal átono de terceira pessoa, generalizando as formas *le*, *les* com independência sintática e gênero do referente. No Paraguai, onde o conhecimento do guarani é geral entre a população, De Grandá (1982, p. 263) explica que o *leísmo* é comum nos estratos mais populares e na fala informal dos estratos médios e superiores e é abandonado progressivamente segundo o aumento do nível cultural do falante.

⁴⁴ Um fenômeno semelhante ocorre no português do Brasil: segundo Nascentes (1990), é comum o uso do pronome *lhe* (equivalente ao *le* em espanhol) como marca acusativa. Da mesma maneira, Matos (2003, pp. 44-48) cria o termo *lheísmo*, seguindo a forma do espanhol, para se referir a esse fenômeno que foge da norma-padrão do português brasileiro.

⁴⁵ Embora não existam muitas pesquisas sobre a área amazônica peruana, o trabalho de Campos (1991 *apud* CARAVEDO, 1999, p. 254) analisa o problema do *leísmo* em um lugar amazônico (fronteira com a área andina).

ocorre na norma culta; só aparece nos falantes bilíngues que residem na capital. (PAREDES, 1996, p. 30).

Fora do Peru, o *le* como marca de acusativo registra-se atualmente no espanhol do centro e norte da Espanha⁴⁶ e, de forma menos compacta, em alguns países da América Central e do Sul⁴⁷ (FERNÁNDEZ-ORDOÑEZ, 1999). Além do alcance pan-hispânico desse fenômeno, a *Real Academia Española*, no seu *Diccionario Panhispánico de Dudas* (2005, p. 392-396) expressa que o *leísmo* é “um uso impróprio de *le* em função de complemento direto”, portanto a realização desse fenômeno é uso não acadêmico porque foge da norma padrão⁴⁸.

Sobre a origem do *leísmo* e em geral sobre a insegurança e variação dos pronomes objeto, aceitamos a proposta de Clavería (1994, p. 168), para quem ele é multicausal, pois, além do *leísmo de contato*, existe o *leísmo etimológico*. Clavería explica que já desde o latim existia essa variação pronominal entre o acusativo e o dativo e passou ao espanhol medieval (naquela época chamado castellhano), como se documenta em diversos textos da época e que posteriormente foram analisados pelos filólogos hispanos Rufino Cuervo, Salvador Fernández e Rafael Lapesa (FERNÁNDEZ-ORDOÑEZ, 1999, p. 2). A presença do *leísmo etimológico* encontrava-se no centro e norte da Espanha, excetuando o país basco, dado que essa comunidade autônoma onde se apresenta o *leísmo* obedece ao contato secular entre a língua espanhola e o basco. (URRUTIA, 2003, p. 518).

⁴⁶ Encontra-se exatamente em Castilha-León, Santander, parte da Rioja, Madri e Castilha-La Mancha, nas Ilhas Canárias e no País Vasco (GARCIA, 2004, p. 93).

⁴⁷ Na América, além do Equador e do Paraguai, emprega-se também na Bolívia (MENDOZA, 1992, pp. 457-461), na região andina da Argentina (VIDAL, 1964, pp. 160-161) e de forma isolada em algumas regiões do Chile (CONTRERAS, 1974, pp.157-176), Venezuela (D'INTRONO, 1978, p. 53-76) e o México (CANTERO, 1979, p. 305-308).

⁴⁸ Embora o *leísmo* fuja do padrão, são vários os especialistas e professores que recomendam o seu ensino para estudantes de E/LE (Espanhol Língua Estrangeira). Isso é justificado pelo espaço geográfico que atinge esse fenômeno no mundo hispânico. Um exemplo disso é o trabalho de Garcia, C. (2004), que considera importante incluir o *leísmo* nos programas de E/LE de nível intermediário ou superior para italófonos.

Resumindo, constata-se, por meio dos dados mostrados, que, no plano morfossintático, o espanhol de Canta apresenta uma forte influência do quechua (e levemente do aimara), embora já não seja falado mais no lugar. Dentro do campo da morfologia, vimos como as interjeições de expressão ocorreram tal qual são em quechua. Sobre o gênero de algumas palavras coletadas, houve mudanças, diferenciando-se do padrão da língua. Essa mudança decorreu do contato com as línguas andinas, porque elas não possuem artigos e marcam o gênero só lexicalmente.

Na sintaxe, há dupla marcação de posse e o comportamento pronominal dos casos acusativo e dativo parece ser configurado também a partir do contato. Isso é válido, pois ocorreu o mesmo no aspecto fonológico dessa variedade de espanhol. Assim, confirma-se a proposta de Malkiel (1967, p. 1246) sobre a causa múltipla desses fenômenos desviados da norma: devem-se ao contato do quechua (e às vezes do aimara) com o espanhol.

Segundo Thomason (2003, p. 694) entre todos os níveis linguísticos, o morfológico e o sintático são aqueles que se mostram tão resistentes à mudança, já o fonológico e o léxico mostram são permeáveis. Sendo assim, é mais fácil que um falante substituía uma palavra por outra, entanto fica difícil que se substitua uma construção sintática ou morfema por outras. Sobre isso, Sáez (1993-1994, p. 489), argumenta que a maior permeabilidade do léxico se relaciona por sua natureza denominadora e por interpretar o mundo externo gerando proximidade ao homem e a sua cultura. Dessa forma, apresentamos a seguir o nível léxico do espanhol de Canta, sendo ele de caráter informativo, mas não definitório.

6.3 Transferências léxicas

Entendemos por transferência léxica, segundo Bermudez (1997, p. 18), a passagem de uma palavra de uma língua ao léxico de outra língua. Esse processo pode realizar-se por meio dos empréstimos, dos híbridos e decalques. A seguir, só nos deteremos nos empréstimos e os híbridos.

6.3.1 Empréstimos léxicos

De acordo com Moreno de Alba (1992, p. 196), os empréstimos léxicos constituem o fenômeno mais recorrente e visível associado ao contato linguístico e cultural. Sobre a origem dos empréstimos, Carvalho (1989, p. 42) argumenta que eles têm a “sua origem no momento em que os objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura”. Os empréstimos tentam cobrir um vazio, como aquele que está relacionado com uma nova técnica ou um conceito desconhecido pelos falantes. Como consequência, toda língua sempre possui em seu léxico uma quantidade de empréstimos, pois não existem línguas puras, ou seja, aquelas que não tenham no seu interior alguma palavra de origem estrangeira. (GARCIA YEBRA, 1984, p. 335).

Por outro lado, sobre a classificação dos empréstimos, seguindo as propostas de Prieto (1992, p. 84-87), eles podem ser de dois tipos: por *adoção* e por *adaptação*. Os empréstimos por adoção foram transferidos de uma língua a outra sem sofrer nenhuma mudança de forma ou de conteúdo no sistema da língua receptora. Já os empréstimos por adaptação foram adaptados ao sistema fonológico, morfológico ou ortográfico da língua receptora. Castillo (2002, p. 474) também distingue os empréstimos entre adaptados (aqueles que sofreram alguma adaptação) e não adaptados. Embora concordemos com a divisão feita por Prieto, optamos pela proposta de Castillo, por ser mais geral, didática e clara, a qual vemos a seguir.

6.3.1.1 Por sua natureza

6.3.1.1.1 Empréstimos adaptados

Os empréstimos adaptados são aqueles que “mudam de roupa” para entrar no novo sistema. Eles se amoldam às regras da estrutura da língua receptora. A adaptação, segundo Castillo (2002, p. 473), inicia-se intuitivamente pelos próprios falantes, fundamentalmente nos níveis fonético e fonológico. No espanhol de Canta, encontramos várias palavras de origem quechua ou aimara que passaram por esse processo de adaptação. Tal é a mudança que seus falantes atuais consideram-nas como verdadeiras palavras “hispanas”. Por razões didáticas, dividimos os empréstimos adaptados pelo tipo de adaptação que foi realizada na própria palavra. Assim, temos primeiro os de adaptação vocálica e depois os de adaptação consonântica. Por último apresentamos aquelas palavras que possuem as duas adaptações.

6.3.1.1.1.1 Adaptações vocálicas

Aqui, as palavras das línguas andinas que passam ao sistema da língua espanhola mudaram de timbre vocálico seguindo uma ordem. A seguir, vemos o percurso somente das vogais quechuas e aimaras no espanhol a partir de nossos dados coletados:

i > e

As palavras emprestadas pelo espanhol de Canta que possuem [e] derivam de [i], em posição final de palavra, das línguas andinas. Essa mudança observada só atinge empréstimos de filiação quéchua, como em (30).

(30)

- | | |
|-----------------------------|--|
| a) <cuche> ['kutʃe] | < quech. <i>kuchi</i> /'kutʃi/ 'cerdo' |
| b) <sillarume> [siɫa' rume] | < esp. <i>silla</i> /'siɫa/ e quech. <i>rumi</i> /'rumi/ 'pedra' |

u > o

As palavras que possuem [o] no espanhol de Canta derivam de [u], tanto do quechua como do jacaru (um tipo de aimara).

(31)

- a) <marco> ['marko] < quech. *marku* /'marku/ 'tipo de arbusto que serve de alimento para cavalos e burros'
- b) <matico> [ma'tiko] < jac. *matiku* /ma'tiku/ 'erva medicinal que serve para curar infecções'
- c) <pishtaco> [piʃ'tako] < quech. *pishtaaku* /piʃ'ta:ku/ 'pessoa que tira a gordura dos corpos para vendê-los'
- d) <pushpo> ['puʃpo] < quech., jac. *pushpu* /'puʃpu/ 'fava torrada e cozida'
- e) <tuco> ['tuko] < quech. e jac. *tuku* /'tuku/ 'coruja'

a > o

Talvez esse processo de mudança seja o menos verificável, pois encontramos poucos exemplos que nos permitem ver a força dessa alteração. Esse mesmo processo ocorre com palavras de origem aimara e quéchua:

(32)

- a) <muño> ['muño] < quech. *muña* /'muɲa/ 'Planta medicinal'
- b) <shicro> ['ʃikro] < quech. e aim. *shikra* /ʃi'kra/ 'sacola ou custal de malha'

Tal como foi explicado em 4.6.1.1, os sistemas fonológicos do quechua e do aimara são trivocálicos, enquanto o sistema fonológico espanhol é pentavocálico, ou seja, possui 5 fonemas: /a,e,i,o,u/. No espanhol de Canta, vemos, segundo os dados apresentados, que a presença de várias palavras que possuem [e] e [o] originam-se de /e, o/ das línguas quechua e aimara. As adaptações ocorreram onde /i/ do quech. aim. passou a /e/ do espanhol de Canta (**i > e**). Já os fonemas /u/ e /a/ do quechua e aimara passaram a /o/ no espanhol de Canta (**u > o; a > o**).

6.3.1.1.2 Adaptações consonânticas

As palavras de origem indígena, ao serem absorvidas pelo espanhol, sofreram um processo de adoção de acordo com os fonemas do espanhol.

q > k

(33)

- a) <carcamate> [karka'mate] < quech. *qarka* /'qarka/ 'sujo' e *mate* /'mate/
'vasilha feita de madeira'
b) <cuchicara> [kutʃi'kaɾa] < quech. *kuchi* /'kutʃi/ 'cerdo' e *qara* /'qara/
'pele'

q > x

(34)

- a) <jalachaqui> [xala'tʃaki] < quech. *qala* /qala/ 'pele' e *chaqui* /'tʃaki/ 'pé'.

É possível que esses processos de adaptação sejam um só. Em algumas variedades do quechua do norte e do sul, sobretudo na zona amazônica peruana, no Equador, na Colômbia e na Argentina, o fonema /q/ dessa língua tem passado a /k/ (CERRÓN-PALOMINO, 1987; TORERO, 1964; 2002). Da mesma forma, nas variedades sulistas quechuas peruanas, como em Ayacucho, o fonema /q/ é pronunciado como [x] (SOTO, 1976; ZARIQUIEY, 2008); todavia o fonema /q/ não existe em espanhol. Possivelmente, de [q] mudou a [k], em espanhol, por sua proximidade, pois as duas pertencem à mesma classe natural, as oclusivas e surdas, como em (35). Já em (36) ocorreu que, no antigo quechua falado em Canta, a mudança, dentro da própria língua, de /q/, que é pronunciado como [x], passou ao espanhol sem nenhum problema, pois ele pertence ao inventário fonológico do espanhol.

Resumindo, teríamos duas possibilidades sobre a origem de /k/ e /x/ no espanhol andino de Canta, como se apresenta no quadro a seguir:

Possibilidade N° 1	Línguas indígenas	Espanhol
	q > k	k
	q > x	x
Possibilidade N° 2	Línguas indígenas	Espanhol
	q > k	k
	q > x	x

QUADRO N° 8: Hipóteses de /x/ e /k/ no espanhol andino de Canta.

Nessa primeira possibilidade, /q/ passa a /k/, como em (33), e a /x/, como em (34), por estarem próximos quanto ao ponto de articulação, no entanto, na segunda, a mudança ocorre nas próprias línguas indígenas, passando da mesma forma ao espanhol. Acreditamos que a melhor hipótese é a segunda, uma vez que temos em conta o critério dialetológico e geográfico das variedades das línguas indígenas propostas por Cerrón-Palomino (1987), Torero (1964, 2002), Soto (1976) e Zariquiey (2008).

$\lambda > l$; $\emptyset > g$

(35)

- a) <chalguas> ['tʃalgwas] < quech. *challwa* /'tʃaʎwa/ 'peixe'
b) <huishla> ['wiʃla] < quech., jac. e aim. *wishlla* /'wiʃʎa/ 'colherão'
c) <shulca> ['ʃulka] < quech. e aim. *shullka* /'ʃuʎka/ 'filho caçula '

Em todas essas palavras, ocorreu um processo de despalatalização de /ʎ/ em [l] ao entrar na língua espanhola. Um caso especial é a palavra (35a), que, além de apresentar uma despalatalização, insere também [g]. A nossa avaliação desses comportamentos permite-nos comentar que o processo de inserção de /g/ é comum no hábito articulatorio dos hispanos: por exemplo, *huevo* 'ovo', é pronunciada tanto ['weβo], como ['gweβo].

6.3.1.1.3 Adaptações vocálicas e consonânticas

As palavras que têm sofrido processos de mudança tanto no timbre vocálico como no consonântico são aquelas que passaram por adaptações vocálicas e consonânticas. Acreditamos que a primeira mudança ocorrida deve ser a vocálica, pois, segundo a fonologia quechua (ZARIQUIEY, 2008) e aimara (CERRÓN-PALOMINO, 2000b), o segmento uvular /q/ permite o abrimento das vogais /i,u/ em [e,o], como ocorre na palavra quechua /qiru/, que é pronunciada como [ˈqɛɾo] ‘madeira’, podendo-se observar aquela abertura como em (36). Sobre a presença de /g/ nos empréstimos (37), eles vêm de /k/ ~ /q/ do quechua e do aimara, ou seja, tornam-se sonoras entre vogais ou entre uma vogal e uma consoante, que são sons que compartilham o traço [+sonoro], conforme se observa na seguinte regra:

$$\begin{array}{l} /k/ > /g/ / \text{ V_V} \\ /q/ > /g/ / \text{ V_C [+Son.]} \end{array}$$

u > o ; q > k

(36)

- a) <callacoto> [kaɫaˈkoto] < quech. *kallaqutu* /kaɫaˈqutu/ ‘Nome de uma montanha’
b) <chupacocha> [tʃupaˈkotʃa] < quech. *chupa* /ˈtʃupa/ ‘cola, rabo’ e *qucha* /ˈqutʃa/ ‘lagoa’ ‘Nome de uma lagoa’

u > o ; k > g

(37)

- a) <sogocha> [sogotʃa] < quech. *suqucha* /suˈqutʃa/ ‘Nome de um curral’
b) <shongo> [ˈʃoŋgo] < quech. e jac. *shunku* /ˈʃuŋku/ ‘Parte plana de uma ladeira. Meseta’ ‘Nome de um lugar úmido’
c) <shuitogo> [ʃwiˈtogo] < quech. e jac. *shuytuku* /ʃuyˈtuku/ ‘lugar de vivenda’

6.3.1.1.2 Empréstimos não adaptados

Segundo Garcia Yebra (1984, p. 333-352), os empréstimos não adaptados são conhecidos também como estrangeirismos, pois essas palavras diferem do restante do léxico da língua receptora ou da língua que empresta. Nesse caso, as palavras conservam suas próprias características típicas da língua-fonte. No espanhol de Canta, que separamos tendo em conta a sua formação:

6.3.1.2 Por sua formação

Entre os empréstimos não adaptados, temos, do ponto de vista da sua formação morfológica, os lexemas simples e compostos.

6.3.1.2.1 Empréstimos não adaptados de lexemas simples

Segundo González (2000), são lexemas simples aquelas palavras cuja estrutura morfológica está formada por um lexema nominal ou verbal. A seguir, dividimos os empréstimos seguindo o critério de filiação linguística (quechua e aimara):

A) quechua

(38)

- | | |
|---------------------------|----------------------------------|
| a) <achachau> [atʃa'tʃaw] | < quech. 'Que calor' |
| b) <chaclla> [tʃakla] | < quech. 'Armação feita de paus' |

B) aimara

(39)

- | | |
|------------------------|--|
| a) <macha> [matʃa] | < jac. <i>macha</i> 'Tubérculo oriundo dos Andes. |
| b) <huachhua> [watʃwa] | < jac. <i>huachhua</i> [watʃ ^h wa] 'Ave que mora na altitude' |

C) quechua e aimara

A palavra representada no exemplo (40) registra-se tanto em quechua quanto em aimara; no entanto não nos é possível estabelecer de qual língua partiu o empréstimo.

(40) <shukuy> ['ʃukuy] 'Chinelo feito do couro da vaca' < quech. e jac. *shukuy* /'ʃukuy/

6.3.1.2.2 Empréstimos não adaptados de lexemas compostos

Entendemos por lexema composto, seguindo González (2000), a união de dois lexemas com valor de uma palavra. Assim, os empréstimos de lexema composto são aqueles lexemas emprestados das línguas andinas ao espanhol de Canta e que são formados por dois lexemas:

A) quechua + quechua

(41)

a) <Allaucalocsa>	[aɫawka + lɔksa]	'nome de um curral'
b) <Callacoto>	[kaɫa + koto]	'nome de uma montanha'
c) <cuchicara>	[kutʃi + kara]	'pele de porco'
d) <chupacocha>	[chupa + cocha]	'nome de uma lagoa'
e) <huancaruna>	[wanka + runa]	'nome de um curral'
f) <huallapuquio>	[waɫa + pukjo]	'nome de um córrego'
g) <huaysharima>	[wayʃa + rima]	'pessoa que pouca visita'
h) <piquichanca>	[piki + tʃanka]	'pés curtos'
i) <jalachaqui>	[xala + chaki]	'pé descalço'
j) <yacochupe>	[yako + tʃupe]	'variedade de comida'

Não foram encontrados, no nosso léxico, lexemas compostos de aimara.

6.3.1.2.3 Empréstimos híbridos

Segundo Carvalho (1989, p. 48), os híbridos são aqueles compostos de elementos que provêm de duas línguas diferentes e que se formam entre dois lexemas ou entre um lexema e um afixo.

6.3.1.2.3.1 lexema + lexema

A) quechua + espanhol

(42)

a) <carcamate>	[karka + mate]	'vasilha feita de madeira'
b) <Paccha cruz>	[pax'tʃa + kruz]	'nome de um poço de água'

c) <motepelado> [ˈmote + peˈlaðo] ‘caldo preparado com carne de
carneiro e milho pelado e cozido’

B) espanhol + quechua

(43) <sillarume> [siˈlaˈrume] < esp. *silla* /ˈsiˈla/ e quech. *rumi* /ˈrumi/
‘pedra’

6.3.1.2.3.2 lexema + afixo

A) quechua + espanhol

(44)

a) <chumar>	[tʃuˈmar]	‘espremer’
b) <aychamar>	[ajtʃaˈmar]	‘trabalho realizado que será devolvido da mesma forma’
c) <huachito>	[waˈtʃito]	‘diminutivo da ovelha’
d) <huachos>	[ˈwatʃos]	‘ovelhas’
e) <pashar>	[paˈʃar]	‘carregar’
f) <pishtar>	[piʃˈtar]	‘matar’

Em (44a), (44b), (44e) e (44f), mostram-se as palavras formadas pelo lexema verbal quechua {chum-}, {aycham-}, {pash-}, {pisht-} e a desinência verbal infinitiva da primeira conjugação da língua espanhola {-ar}. Já em (44c) e (44d) encontra-se a raiz nominal {watʃ-} e os sufixos hispanos {-it-}, {-o-}, {-s}. Finalmente, não se encontraram palavras com esta estrutura morfológica: espanhol + quechua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espanhol analisado nesta pesquisa abrangeu a Província de Canta (os distritos de Canta, Obrajillo [anexo], San Miguel de Paríamarca, Cullhuay e Huaros), na região de Lima, Peru. Essa variedade de espanhol pertence ao espanhol andino peruano e de igual maneira ao espanhol andino *stricto sensu*.

O principal objetivo da pesquisa foi o de coletar e analisar as influências deixadas pelas línguas andinas na atual configuração do espanhol de Canta. O levantamento teórico sociolinguístico, ancorado em Thomason e Kauffman (1998), Silva-Corvalán (1989, 1994), Appel e Muysken (1996) e Thomason (2001), contribuiu para reconhecer que a variedade de espanhol utilizado em Canta se deve ao contato secular que tiveram as línguas andinas originárias (quechua e aimara central) dessa província e à variedade de espanhol que chegou a Canta desde o século XVI. Nas perspectivas de Alonso (1961) e Malmberg (1967), a presença de “marcas linguísticas” das línguas andinas no espanhol de Canta obedece ao *substrato* deixado por elas antes da sua extinção. Clyne (1967), Moreno (1998), Thomason e Kauffman (1988) e Silva-Corvalán (1989, 1994), por sua vez, preferiram utilizar, tal como nós optamos, o termo *transferência* para representar a influência que uma língua exerce sobre outra.

Os antecedentes a este trabalho, tanto os de perspectiva histórica (CABRERA, 1984; ROSTWOROWSKI, 1978; VILLAR, 1982) quanto os de natureza linguística (ALCOCER, 1988, BALDOCEDA, 1993; CERRÓN-PALOMINO, 2008; RAMIREZ, 1980, MASGO, 1977, 1988), remetem a um passado indígena andino.

A partir da consulta às fontes, em Canta as famílias linguísticas andinas que se desenvolveram foram as variedades centrais do quechua (CERRÓN-PALOMINO, 1987; PARKER, 1963; TORERO, 1964) e aimara (BELLEZA, 2005; HARDMAN,

1983, TORERO, 1983). Essas famílias linguísticas caracterizam-se por serem estrutural e funcionalmente distintas do espanhol (língua românica). O quechua e o aimara são famílias que pertencem ao *phylum* andino-equatorial (VOEGELIN; VOEGELIN, 1978; CERRÓN-PALOMINO, 1987, 1994, 2000a; ESCOBAR, 1998); são línguas Objeto-Verbo (GREENBERG, 1963); possuem a ordem possuidor-possuido e são aglutinantes (BAUER, 2003).

O espanhol de Canta pode ser circunscrito dentro do espanhol andino peruano (PÉREZ, 2004; ESCOBAR, 1978; CARAVEDO, 1996; CALVO, 2008; RAMÍREZ, 2003), por sua vez pertencente, segundo as propostas de Uhle (1909), ao espanhol andino *strictu sensu*, por ser uma “esfera de influência” do quechua e aimara.

A partir dos dados coletados, as transferências identificadas feitas pelas línguas andinas ao espanhol de Canta foram encontradas nos diferentes níveis linguísticos.

No nível fonológico, identificamos a presença dos segmentos /ʎ/, /ʝ/: tanto o quechua, como aimara central possuem esses segmentos em seu inventário fonológico e, portanto, também nas variedades de quechua e aimara faladas em Canta deveram estar presentes esses fonemas. Assim, o espanhol do século XVI que chegou a Canta por meio do superstrato permitiu a sobrevivência desses segmentos. Já sobre a presença do alofone [ɾ] (do fonema /s/) no espanhol de Canta, a partir do pequeno córpus elaborado podemos afirmar que existem dois grandes grupos que utilizam essa aproximante: os topônimos de origem indígena e os nomes hispanos. Ao que parece, [ɾ] é produto da evolução interna dessa variedade pelo contato com as línguas andinas. Por exemplo, nos nomes do espanhol geral, origina-se pela assimilação do traço estridente que possui /s/, entretanto a presença da aproximante [ɾ] não é uma característica privativa do espanhol

de Canta e menos do espanhol andino, pois também é identificada em outras variedades (embora menos compacta) de espanhol, localizadas tanto na Espanha como na América.

No plano morfossintático, destacamos que as interjeições, de origem claramente quechua, são usadas, em Canta, majoritariamente por pessoas adultas e idosas, mas não por jovens e crianças. Quanto à falta de concordância de gênero na frase nominal no espanhol de Canta, deve-se à influência do quechua e do aimara central, pois essas línguas não possuem artigos e marcam o gênero das frases nominais só lexicalmente e não morfologicamente, diferente do que ocorre em espanhol. Quanto ao comportamento pronominal dos casos acusativo e dativo ou à presença do duplo possessivo produzindo os fenômenos conhecidos no mundo hispânico como *leísmo* e *loísmo*, devem-se ao substrato andino.

No nível léxico, o espanhol de Canta apresenta com maior legibilidade a presença das línguas indígenas através dos híbridos (língua indígena quechua + língua indígena aimara) e (língua indígena + língua espanhola), os quais refletem uma convivência antiga entre estas línguas. No espanhol de Canta, encontram-se palavras de natureza linguística aimara restritas aos topônimos, nomes de raízes, ervas e aves.

Até agora, temos como resultado que o espanhol de Canta tem uma dupla origem, ou seja, é multicausal, pois ele é produto da variedade de espanhol que chegou a esse lugar no séc. XVI mais as línguas indígenas andinas que se falavam nesse território antes da chegada da língua romance. Essa hipótese se sustenta teoricamente na proposta realizada por Malkiel (1967) e foi aplicada também em outras zonas andinas por De Granda (1982, 1993, 1999, 2002), Klee *et al* (2005) e Merma (2007, 2009).

Desse modo, a nossa pesquisa sobre o espanhol dessa variedade pretende preencher um dos vazios nos estudos parciais de que tanto reclamam os linguistas especialistas em espanhol americano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA MAYOR DE LA LENGUA QUECHUA. *Diccionario Quechua-Español-Quechua*. 2. ed. Cuzco-Peru: s. n., 2005.
- ADELAAR, W. E MUYSKEN, P. *The Languages of the Andes*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- ALARCOS, E. *Gramática funcional de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 2000.
- ALBÓ, X. *El quechua a su alcance*. La Paz: Alianza para el Progreso, 1964.
- ALCARÁZ, M e MARTÍNEZ, M. *Diccionario de lingüística moderna*. Barcelona: Ariel, 1997.
- ALCOCER, A. *Pequeño atlas léxico del cuerpo humano en la Provincia de Canta*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1988.
- ALONSO, A. *Estudios lingüísticos*. Temas Españoles. Madrid: Gredos, 1961.
- ALTMAN, C. As línguas gerais sul-americanas e a empresa missionária: linguagem e representação nos séculos XVI e XVII. In: FREIRE, J e ROSA, M. (Orgs.) *I Colóquio sobre Línguas: Política linguística e catequese na América do Sul no período colonial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, p. 57-84.
- ALVAR, M. Introducción. In: _____. (Org.) *Manual de dialectología hispánica: El español de América*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996, p. 3-18.
- APPEL, R. E MUYSKEN, P. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.
- AYALA, J. *Diccionario español-aymara, aymara-español*. Lima: Editorial. Juan Mejía Baca, 1988.
- BALDOCEDA, A. *Topónimos de Canta*. Lima: INVEL, 1993.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BAUER, L. *Introducing linguistic morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.
- BELLEZA, N. *Vocabulario jacaru-castellano, castellano-jacaru (aimara tupino)*. Cuzco: Bartolomé de Las Casas, 2005.
- BERMUDEZ, J. El estudio del préstamo interlingüístico: Otra propuesta taxonómica. In: *Interlingüística*. Nº 6, 1997, p. 17-22.
- BERNÁRDEZ, E. *¿Qué son las lenguas?*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

BRIGGS, L. *Variación dialectal en la lengua aymara de Bolivia y de Peru*. Dissertação de Linguística. Universidade de La Florida, Gainesville, 1976.

BUENO, C. “Canta”. *El peruano*. 1º de agosto de 1827.

CABRERA, H. *Historia de Canta a través de sus fuentes escritas*. Segunda parte. Lima. Amaru Editores, 1984.

CAHUZAC, P. La división del español de América en zonas dialectales. Solución etnolingüística o semántico-dialectal. *Lingüística Española Actual*, II, 1980, p.385-461.

CAUDMONT, J. *Los fonemas del inga*. In: *RCA*. Vol. 1/1, 1953, p. 375-389.

CALVET, L. *Sociolingüística: Uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CALVO, J. Pronominalización en español andino: ley de mínimos e influencia del quechua y del aimara. *Anuario de Lingüística Hispánica XII–XIII*, 1996, p. 521–543.

_____. Peru. In: PALACIOS, Azucena (Org.). *El español en América: contactos lingüísticos en Hispanoamérica*. Barcelona: Ariel, 2008, p. 189-212.

CAMPOS, M. *El uso de los pronombres objeto en el español de Moyobamba*. Tese de Licenciatura em Linguística. Lima: PUCP, 1991.

CANFIELD, D. *Spanish pronunciation in the Americas*. Chicago: University Chicago Press, 1981.

CANTERO, S. Casos de leísmo en México. *Anuario de Letras*. Vol. XVII, 1979, p. 305-308.

CARAVEDO, R. *El español de Lima. Materiales para el estudio del habla culta*. Lima: PUCP, 1989.

_____. Perú. In: ALVAR, Manuel. (Org.) *Manual de dialectología hispánica*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996, p. 152-168.

_____. *La lingüística del corpus*. Cuestiones teórico-metodológicas aplicadas al español. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1999.

CÁRDENAS, V. e ALBÓ, J. El aymara. In: POTTIER, B. (ed.): *América Latina en sus lenguas indígenas*. Caracas: UNESCO/Monte Ávila, 1983, p. 283–291.

CARRERA, M. De lo particular a lo general en lingüística. A propósito de una obra reciente de Yakov Malkiel. *Revista de Filología Románica*. Vol. II. Editorial Universidad Complutense de Madrid, 1984, p. 277-290.

CARRETER, F. *Diccionario de términos filológicos*. Madrid: Gredos, 1973.

CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CASTILLO, N. El préstamo léxico y su adaptación: Un problema lingüístico y cultural. *ONOMAZEIN*. No 7, 2002, p. 469-496.

CERRÓN-PALOMINO, R. *Gramática Quechua Junín-Huanca*. Lima: Ministerio de Educación - Instituto de Estudios Peruanos, 1976a.

_____. *Diccionario Quechua Junín-Huanca*. Lima: Ministerio de Educación - Instituto de Estudios Peruanos, 1976b.

_____. Panorama de la lingüística andina. *Revista Andina*. N° 6, 1985, p. 504-572.

CERRÓN-PALOMINO, R.. *Lingüística Quechua*. Cuzco: Bartolomé de Las Casas, 1987.

_____. *Lengua y sociedad en el Valle del Mantaro*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1989.

_____. *Quechumara. Estructuras paralelas del quechua y del aymara*. La Paz: CIPCA, 1994.

_____. *La lengua de Naymlap. Reconstrucción y obsolescencia del mochica*. Lima: PUCP, 1995.

_____. Nota etimológica: el topónimo Lima. *LEXIS XXIV*, 1. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2000a, p. 151-162.

_____. *Lingüística aimara*. Cuzco: Bartolomé de Las Casas, 2000b.

_____. *Castellano Andino. Aspectos sociolingüísticos, pedagógicos y gramaticales*. Lima: PUCP, 2003.

_____. El aimara como lengua oficial de los incas. *Boletín de Arqueología*. N° 8. Lima: PUCP, 2004, p. 9-21.

_____. El chipaya o las lenguas de los hombres del agua. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006.

_____. La naturaleza probatoria del cambio lingüístico: A propósito de la interpretación toponímica andina. pp. 163-180. *Voces del Ande: Ensayos sobre onomástica andina*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2008.

CLAVERIA, C. Sobre el uso de los pronombres objeto lo, le y la en español (loísmo, leísmo, laísmo). *ANALECTA MALACITANA: Revista de la Sección de Filología de la Facultad de Filosofía y Letras*. Vol. 17, No 1, 1994, pp. 167-174.

CLYNE, M. *Transference and triggering*. La Haya: Nijhoff, 1967.

CONSTITUCIÓN POLÍTICA DEL PERÚ. Disponible em: <<http://tc.gob.pe/legconperu/constitucioncompleta.html>>. Acesso em 21 janeiro 2009.

CONTRERAS, L. Usos pronominales no-canónicos en el español de Chile. *Estudios filológicos y lingüísticos. Homenaje a Ángel Rosenblat en sus 70 años*. Caracas: Instituto Pedagógico, 1974, p. 157-176.

COOMBS, D. et al. *Gramática Quechua: San Martín*. Lima: Ministerio de Educación, 1976.

COROMINAS, J. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1976.

CUSIHUAMÁN, A. *Gramática quechua: Cuzco-Collao*. Lima: Ministerio de Educación, 1976.

DE GRANDA, G. Origen y formación del leísmo en el español de Paraguay. Ensayo de un método. *Revista de Filología Española*. Vol 62, 1982, p. 259-283.

_____. Quechua y español en el noroeste argentino. Una precisión y dos interrogantes. *LEXIS 17*. Lima: PUCP, 1993, p. 259-274.

_____. *Español y lenguas indoamericanas en Hispanoamérica*. Estructuras, situaciones y transferencias. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1999.

_____. *Lingüística de Contacto: Español y quechua en el área andina suramericana*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial de la Universidad de Valladolid, 2002.

D'INTRONO, Fr. Alternancia lo/le en el español de Venezuela: análisis transformacional. In: López H. (Ed.) *Actas del primer simposio de corrientes actuales en la dialectología del Caribe hispánico*. San Juan: Editorial Universitaria de Puerto Rico, 1978, p. 53-76.

_____. et al. *Fonética y fonología actual del español*. Madrid: Cátedra, 1995.

DONNI, N. Diferencias internas en el español del sur del litoral argentino. *Revista española de lingüística*. Año nº 2, Vol. 2, 1972, p. 273-284.

_____. Argentina – Uruguay. In: ALVAR, M. (Org.) *Manual de dialectología hispánica: El español de América*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996, p. 3-18.

DUBOIS, J. et al. *Diccionario de lingüística*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

ESCOBAR, A. *Variaciones sociolingüísticas del Castellano*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1978.

_____. *Contacto social y lingüístico*. Lima Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1998.

ETHNOLOGUE. : *Mapa do Quechua e do Aimara e outras línguas do Peru*. Disponível: <http://www.ethnologue.com/show_map.asp?name=PE&seq=10>. Acesso 5 de mar. 2010.

- ETXEBARRÍA, M. *Sociolingüística urbana*. El habla de Bilbao. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1985.
- FERNANDEZ-ORDOÑEZ, I. Leísmo, laísmo, loísmo. In: BOSQUE, I. e DEMONTE, V. (Eds.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999, p. 1-26.
- FERREIRA, A. *Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FONTANELLA, B. *El español de América*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.
- GARCIA, C. El leísmo y el laísmo en la enseñanza-aprendizaje del E/LE. In: CUSATO, D. et al. (Orgs.). *Atti del XXI Convegno Associazione Ispanisti Italiani*. Vol. 2, 2004, p. 93-106.
- GARCIA, F. *El cuestionario: Recomendaciones metodológicas para el diseño del cuestionarios*. México: Editorial Limusa, 2002.
- GARCÍA, Fr. *Nociones de Sociolingüística*. Barcelona: Ediciones Octaedro, 1993.
- GARCÍA YEBRA, V. *Teoría y práctica de la traducción*. Madrid: Gredos, 1984.
- GARMADI, J. *Introdução à sociolinguística*. Tradução de Eugénio Cavalheiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- GODENZI, J. Pronombres de objeto directo e indirecto em el español de Puno. *LEXIS* X, 2. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1986, p. 187-202.
- _____. Variantes sociolectales de español en el espacio andino de Puno, Peru. In: KLEE, C. e RAMOS-GARCIA, L. *Sociolinguistics of the Spanish-speaking world: Iberia, Latin America, the United States*. Arizona: Bilingual Press, 1991, p. 182-206.
- GONÇALVES, C. A. Condições de minimalidade no molde da Hipocorização. *Anais do Congresso da ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001. p. 215-22.
- _____. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá*. n.º. 21, vol. 2. 2006. p. 219-241,
- GONZÁLEZ, J. Sobre la palabra y las clases de palabra. *Revista Española de Lingüística*. N.º 30. Vol 2. 2000, p. 309-330.
- GORDON, A. Notas sobre la fonética del castellano en Bolivia. In: GORDON, Alan e RUGG, Evelyn (eds.): *Actas del Sexto Congreso Internacional de Hispanistas*. Toronto: University of Toronto, 1980, p. 349-352. Disponível: <http://cvc.cervantes.es/obref/aih/pdf/06/aih_06_1_090.pdf>. Acesso 29 de abr. 2009.
- GORDON, Jr. (ed.): *Ethnologue: Languages of the World*. Dallas, Tex.: SIL International, 2005. Disponível: <<http://www.ethnologue.com>>. Acesso 5 de mar. 2009.

GREENBERG, J. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. *Universals of language*. Editado por Joseph Greenberg. Cambridge, MA: MIT Press. p. 73- 113, 1963.

HAENSCH, G. Español de América y Español de Europa. 1era Parte. *Panacea*. Vol. 2, N° 6, 2001, p. 63-72.

HARDMAN, M. *Jaqaru*: Compendio de estructura fonológica y morfológica. Perú: IEP Ediciones, 1983.

_____. *et al.* *Aymara*. Compendio de estructura fonológica gramatical. La Paz: ILCA, 2001. Disponível em: <<http://www.ilcanet.com/aymara.htm>>. Acesso: 20 maio de 2009.

HEGGARTY, P. *Quechua Language and Linguistics* . Act. 7/4/2004. Disponível em: <http://www.shef.ac.uk/q/quechua/i_HOME.HTM> . Acesso 19 dez. 2008.

HENRÍQUEZ, P. Observaciones sobre el español de América. *Revista de Filología Española*, N°8, Madri, 1921, pp. 350-390.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

INEI - INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA. *Censo del Peru 2007*. Disponível em: <<http://desa.inei.gob.pe/mapas/bid/>>. Acesso: 10 dez. 2008.

ITIER, C. Quechua, Aymara and Other Andean Languages: Historical, Linguistic and Socio-linguistic Aspects. *EnterText* Summer 2003, vol. 2, no. 2, p. 136–165. Disponível em: <http://www.brunel.ac.uk/faculty/arts/EnterText/2_2_pdfs/itier.pdf>. Acesso 18 fev. 2009.

KANY, Ch. *Sintaxis hispanoamericana*. Madrid: Gredos, 1984.

KLEE, C. *et al.* La (r) asibilada en el español andino: un estudio sociolingüístico. *Lexis*. Vol. XXIX. Lima: PUCP, 2005, p. 27-45.

_____ e LYNCH, A. *El español en contacto con otras lenguas*. Washington D.C: Georgetown University Press, 2009. p. 142-143.

LANDERMAN, P. Las sibilantes castellanas, quechuas y aimaras en el siglo XVI: Un enigma tridimensional. In: CERRÓN-PALOMINO, R. (Org.) *Aula Quechua*. Lima: Ediciones Signo, 1982, p. 203-234.

LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. Madrid: Editorial Gredos, 1981.

LASTRA, Y. e BUTRAGUEÑO, M. Un posible cambio en curso: El caso de las vibrantes en la ciudad de México. In: CESTERO, Ana *et al.* (Orgs.) *Estudios sociolingüísticos del español de España y América*. España: Alcalá de Henares, 2003, p. 35-68.

LATHROP, Th. *The evolution of spanish*. USA: Juan de la Cuesta-Hispanics Monographs, 1980.

LISTERRI, J. *Los informantes*. España: Universidad de Barcelona, 2008. Disponível em:
<http://homepage.mac.com/joaquim_llisterri/phonetics/fon_met_exper/informant.html>
. Acesso 28 abr. 2009.

LOPE, J. México. In: ALVAR, Manuel (Org.) *Manual de dialectología hispánica*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996, p. 81-88.

LÓPEZ, H. Rasgos generales. In: ALVAR, Manuel (Org.) *Manual de dialectología hispánica*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996, p. 19-27.

LUNA, A. *El español del Perú*. 2009. Disponível em:
<http://www.geocities.com/esp_peru/>. Acesso 20 out. 2009.

LLORENTE, A. Algunas características lingüísticas de la Rioja en el marco de las hablas del Valle del Ebro y de las comarcas vecinas de Castilla y Vasconia. *Revista de Filología Española*. No XLVIII, 1965, p. 321-350.

MACKEY, W. *Bilinguisme et contact des langues*. Paris. Klincksieck, 1976.

MALKIEL, Y. Multiple versus simple causation in linguistic change. *To Honor Roman Jakobson*. II, La Haya, 1967, p. 1228-1246.

MALMBERG, B. *Los nuevos caminos de la lingüística*. Madrid: Alianza Editorial, 1967.

MARLET, E e SALAMANCA, G. *La fonología general: una visión panorámica*. Disponível em <<http://sil.org/training/capacitar/Fonologia/FonolMirada.html>> . Acesso 14 dez. 2008.

MASGO, H. *Fonología del español hablado en la comunidad de Huaros*. Tesis para optar el grado de Bachiller en la especialidad de Lingüística. Programas Académicos de Lingüística, Filología y Literatura. Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima-Peru, 1977.

_____. *Gramática del español hablado en la Comunidad de Huaros (Canta): Consecuencias pedagógicas*. Tesis para optar el grado de Doctor en Educación en la especialidad de Castellano y Literatura. Programa Académico de la Facultad de Educación. Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima-Peru, 1988.

MATOS, D. *O pronome lhe: Seu funcionamento na estrutura frásica*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Rio de Janeiro: PUCP/RJ, 2003.

MCCARTHY, J. e PRINCE, A. The emergency of unmarked. *Proceedings of NELS*. v. 24, n. 1, 1994, p. 333-379.

MENDOZA, J. Aspectos del castellano hablado en Bolivia. In: De Granda (Org.). *Historia y presente del español de América*. Valladolid, 1992, p. 437-499.

MERMA, G. Lenguas en contacto: Peculiaridades del español andino peruano. Tres casos de interferencia morfosintáctica. *ELUA*, 18, 2004, pp. 191-211. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6137/1/ELUA_18_10.pdf>. Acesso 30 nov. 2009.

_____. *Contacto lingüístico entre el español y el quechua. Un enfoque cognitivo-pragmático de las transferencias morfosintácticas en el español andino peruano*. Tese de Doutorado. España: Universidad de Alicante, 2007.

MORENO, Fr. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel S.A, 1998.

MORENO DE ALBA, J. Anglicismos léxicos en España y América. In: *Diferencias léxicas entre España y América*. Madrid: Mampfre, 1992, p. 195-230.

MUNICIPALIDAD PROVINCIAL DE CANTA. *Plan estratégico de la Provincia de Canta*. S/E. 2008.

MUYSKEN, P. *La mezcla entre quichua y castellano*. *Lexis* N° 3: Vol1, pp. 41-56. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Departamento de Humanidades, 1979.

NASCENTES, A. *Estudos filológicos*, Vol. II, Rio de Janeiro, 1990, p.172.

OBEDIENTE, E. *Biografía de una lengua: Nacimiento, desarrollo y expansión del español*. Cártago: Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe, 2000.

_____. *Datos sobre la r asibilada en Venezuela*. Disponível em: <<http://www.ing.ula.ve/~lourdes/obedien2.html>> Acesso: 3 out. 2009.

OLIVA, D. *Jacaru y Cauqui al Borde del Silencio*. La República, Lima, Perú, 2002. Disponível em: <http://www.shef.ac.uk/q/quechua/e_JAQRU.HTM>. Acesso 18 jun. 2009.

PALACIOS, A. Variedades del español hablado em América: Una aproximación educativa. In: BUITRAGO, M. *Las lenguas españolas: Un enfoque filológico*. Madrid: Ministério de Educação e Ciência, 2006, p. 175-198.

PAREDES, L. *The Spanish Continuum in Peruvian bilingual speakers: A study of verbal clitics*. Dissertação. Los Angeles: University of Southern California, 1996.

PARKER, G. La clasificación genética de los dialectos quechuas. *Revista del Museo Nacional*. N° 32, Lima, 1963, p. 241-252.

_____. Falacias y verdades acerca del quechua. In: ESCOBAR, Alberto (Org.) *El reto del multilingüismo en el Perú*. Lima: IEP, 1972, p. 111-121.

- _____. *Gramática quechua: Ancash-Huailas*. Lima: Ministerio de Educación-Instituto de Estudios Peruanos, 1976.
- PATRIAU, A. *Semántica y sintaxis de los dativos de interés del castellano*. Tese de Licenciatura em Linguística. Lima: Pontificia Universidad Católica del Peru, 2007.
- PÉREZ, J. *Los castellanos del Perú*. Lima: PROEDUCA-GTZ, 2004.
- PHARIES, D. *Breve historia de la lengua española*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- PRIETO, L. Galicismos léxicos en la prensa de Santiago de Chile. *BFUCh*. Vol XXXIII, 1992, pp. 79-749.
- QUESADA, F. *Gramática quechua Cajamarca-Cañaris*. Lima: Ministerio de Educación-Instituto de Estudios Peruanos, 1976.
- QUILIS, A. *Tratado de fonología y fonética españolas*. Madrid: Editorial Gredos, 1999.
- RAMÍREZ, C. El yeísmo. In: *Documentos Lingüísticos y Literarios* 20: 47-56. Facultad de Humanidades-Universidad Austral de Chile, 1994. Disponível em: <www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=386>. Acesso: 13 out. 2009.
- RAMÍREZ, L. *Gentilicios y apodos tópicos en la provincia de Canta*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Departamento de Linguística. Publicaciones del Atlas Lingüístico y Etnográfico del Perú, 1980.
- _____. *El español Amazónico hablado en el Perú* (Hacia una sistematización de ese dialecto). Lima. Gutenberg. Editores, 2003
- RAMÓN, S. *Compendio turístico de la Provincia de Canta*. Mimeografiado. 2008.
- RAVINES, R. Las culturas preincas. In: *Historia General del Perú*. Lima: Editorial Brasa S.A, Vol. II, 1994, p. 375.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Real Academia Española*. Madrid: Espasa Calpe, 2001.
- _____. *Diccionario panhispánico de dudas*. Colombia: Editorial Aguilar, Altea, Taurus y Alfaguara, 2005.
- RESNICK, M. *Phonological Variants and Dialects Identification in Latin American Spanish*, The Hague, 1975.
- RIVAROLA, J. Bilingüismo histórico y español andino. In: NEUMEISTER, Sebastián (Org.) *Atas do IX Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Berlín, Vol. 1, 1989, pp. 153-164.
- ROBINS, R. *Lingüística general*. Madrid: Gredos, 1976.

RODRIGUES, B. *Estudo descritivo dos usos do clítico lhe na variedade formal do Português*. Dissertação de Mestrado em Letras. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

RONA, J. El problema de la división del español americano en zonas dialectales. *Presente y futuro de la lengua española*, I, Madrid, 1964, pp. 215–226

ROSTWORSKI, M. *Señoríos indígenas de Lima y Canta*. Lima. Instituto de Estudios Peruanos, 1978.

SÁEZ, L. El léxico del español de Chile. El léxico periodístico. In: *BFUCh* N° XXXIV: 1993-1994, p. 489-509.

SAPIR, E. *Lenguaje*. México: Fondo de Cultura Económica, 1949.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: Teoría y análisis*. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

_____. *Language Contact and Change*. Spanish in Los Angeles. Oxford: Clarendon Press, 1994.

SMEETS, I. *A Grammar of Mapuche*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

SOLÍS, G. *La gente pasa, los nombres quedan: Introducción en la Toponimia*. Lima: G. Herrera Editores, 1997.

SOTO, Cl. *Gramática quechua: Ayacucho-Chanca*. Lima: Ministerio de Educación-Instituto de Estudios Peruanos, 1976.

STEFANOVA-GUEORGUIEV, I. *Español y portugués en la Península Ibérica y en América Latina: Dos situaciones de contacto lingüístico*. Thesis of Master of Art. Department of Sociology and Anthropology, Simon Fraser University, 2000. Disponível em: <<http://209.61.249.46/documentos/tesis.pdf>>. Acesso: 22 nov. 2009

TAURO DEL PINO, A. *Enciclopedia Ilustrada del Perú*. Lima: Editorial Peisa, vol. V, 2001.

THOMASON, S. *Language Contact. An Introduction*. Edinburgh. Edinburgh University Press, 2001.

_____. Contact as a Source of Language Change. In: JOSEPH, B. e JANDA, R. (eds.): *The Handbook of Historical Linguistics*. Malder (Mass.)/Oxford: Blackwell, 2003, p. 686-712.

THOMASON, S. e KAUFMAN, T. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley, Calif.: University of California Press, 1988, p. 65–109 e 21–28.

TOLIVER, R. *Palabras útiles: pequeño diccionario Quechua de Ambo – Huánuco / Pasco – Pasco*. Perú: Asociación Cristiana JAWCA, 2005.

TORERO, A. Los dialectos quechuas. *Anales Científicos de la Universidad Agraria*. Vol. II/4. Lima: UNAM, 1964, p. 446–476.

_____. La familia lingüística quechua. POTTIER, B. (Org.): *América Latina en sus lenguas indígenas*. Caracas: UNESCO/Monte Avila Editores, 1983, p. 61-92.

_____. *Idiomas de los Andes: Lingüística e Historia*. Lima: Instituto Francés de Estudios Andinos – Editorial Horizonte, 2002.

_____. Historia de X: El proceso de velarización de */š/ castellana según su uso en escrituras de lenguas andinas en los siglos XVI y XVII. *FABLA*. Lima: INVEL-UNMSM, 2005, p. 85-128.

TOSCANO, H. *El español en el Ecuador*. Madrid: CSIC, 1953.

UHLE, M. La esfera de influencia del país de los Incas. *REVISTA HISTÓRICA*. V. Lima, 1909.

URIBE, O. *Situaciones de multilingüismo en el mundo*. México. Universidad Autónoma de México, 1972.

URRUTIA, H. Los clíticos de tercera persona em el País Vasco. *CAUCE, Revista de Filología y su Didáctica*. No° 26, 2003, pp. 517-538.

VALDEZ-SALAS, M. *Clitics in the speech of monolingual Andean Spanish speakers*. Dissertação. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2002.

VAQUERO, M. Antillas. In: ALVAR, Manuel (Org.) *Manual de dialectología hispánica*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996, pp. 51-67.

VIDAL, B. Zonas de leísmo en el español de la Argentina. *Communications et rapports du Premier Congrès International de Dialectologie générale*, II, Louvain: Centre International de Dialectologie générale, 1964, pp.160-163.

VILLAR, P. *Arqueología del departamento de Lima*. Lima: Ediciones Atusparia, 1982.

VLASTIMIL, R. *La influencia del quechua en el español andino*. Diplomová práce. Masarykova Univerzita. Filozofická fakulta Katedra romanistiky, 2005.

VOEGELIN, C.F.; F. M. VOEGELIN. *Classification and index of the world's languages*. New York: Elsevier, 1978.

WEBER, John *et al.* *Rimaycuna: Quechua de Huánuco*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1998.

WEINREICH, U. *Lenguas en contacto*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, [1953] 1974.

WÖLCK, W. *Pequeño breviario quechua*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1987.

ZAMORA, J. e GUITART, J. *Dialectología Hispanoamericana*. Salamanca: Almar, 1982.

ZAMORA, S. *Historia del español en América*, 2009a. Disponible en: <<http://www.geocities.com/szamora.geo/>> . Acceso: 21 out. 2009.

_____. ¿Castellano o español?. 2009b. Disponible en: <<http://www.elcastellano.org/castesp.html>>. Acceso: 22 out. 2009

ZANON, J. Aspectos psicolingüísticos de la enseñanza/aprendizaje de una lengua extranjera en edades tempranas. *Signos Teoría y Práctica de la Educación*. No 1, 1991, p. 22-32.

ZARIQUIEY, R. *Contactos entre quechua y castellano en la cuenca peruana del río Napo*. Aspectos históricos, gramaticales y sociolingüísticos. Tese de Licenciatura em Linguística. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2004.

_____. *Qayna, Kunan, Paqarin*: Una introducción al quechua chanca. Lima: Pontificia Universidad Católica Del Peru, 2008.

ZIMMERMANN, K. Aspectos teóricos y metodológicos de la investigación del contacto de lenguas en Hispanoamérica. In: _____. (Org.) *Lenguas en contacto en hispanoamérica*. Frankfurt: Vervuert, 1995.

ANEXOS

Nº 1: Léxico coletado para a análise do espanhol de Canta

A

acuncar [akuŋ'kar] *vb.* Amarrar um terneiro às extremidades dianteiras da vaca, para a extração do leite.

achicoria [atʃi'koria] ~ **achicora** [atʃi'kora] *s.* (Do esp. chicória) **1.** Planta da família das Compostas, de folhas recortadas, ásperas e comestíveis, também conhecida como *diente de león*. **2.** Bebida que se prepara com esta erva medicinal.

achachau [atʃa'tʃaw] *interj.* (Do quech.) Que calor!.

Arguarsín [aɾɣuar'sin] *s.* Topônimo.

ajiaco [a'xiako] *s.* (Do esp. *aji*). Guiso de caldo e carne, frutos e raízes picadas. *Ex. : Ajiaco de calabaza.*

ajocharle [axo'tʃarle] *vb.* Acoessar a alguém.

alalau [ala'law] *interj.* (Do quech.). Expressa sensação de frio.

Aleja [a'lexa] *s.* Hipocorístico de *Alejandra*.

aliso [a'liso] *s.* **1.** Árvore da família das Betuláceas, contém até dez metros de altitude, flores brancas, frutos pequenos e vermelhos. **2.** Madeira extraída desta árvore empregada para elaborar instrumentos musicais.

Allaucaloca [aʎawka + loksa] *s.* (Do quech. *allaucaluqsa* [aʎawka + luqsa]). Topônimo.

allí [a'li] *adv.* (Do esp.). Ali.

ampalluco [ampa'ʎuko] *s.* (Do quech. *ampa* 'mandioca seca'). Batata e flor.

añaco [a'ɲako] *s.* Gambá.

añas ['aɲas] *s.* Milho de produção

arracusa [ara'kusa] *s.* Ferramenta que serve para fazer buracos na terra.

atatau [ata'taw] *interj.* (Do quech.) Que dor!

aychama [ajt'ʃama] *adj.* (Do quech.). Pessoa que devolve com trabalho da

mesma forma, que ele recebeu quando precisava.

aychamar [ajtʃa'mar] *vbj.* (Do quech.). Trabalho realizado que será devolvido da mesma forma.

B

barbechar [barbe'tʃar] *vb.* (Do esp.). Remover a terra sem semear.

biga ['biga] *s.* Pau

boliche [bo'litʃe] *s.* (Do esp. *bola*) Brinquedo de forma esférica e pequena usado pelas crianças.

borregos [bo'reɾos] (Do esp.) *s.* Cordeiro de um ou dois anos.

bron suis [bron'swis] *s.* Tipo de raça de gado.

C

caballo [ka'βayo] *s.* Cavalo.

Callacoto [kaʎa'koto] *s.* (Do quech. *kaʎa'qutu*). Topônimo.

callana [ka'ʎana] *s.* Panela de barro.

carcamate [karka + mate] *s.* (Do quéchua *qarka* 'sujo' + esp. *mate* 'vasilha feita de madeira'). Mate sujo.

carona [ka'rona] *s.* Estribo.

castellano [kaste'jano] *s.* (Do esp.). Castelhana.

castillo [kas'tiyo] *s.* (Do esp.). Castelo.

catorce [ka'toise] *ad.* (Do esp.). Catorze.

cocamuña [koka'muɲa] *s.* Planta medicinal para a tosse.

cochinilla [kotʃi'niʎa] *s.* Tinta que se obtém da planta do mesmo nome.

crucita [kru'sita] *s.* (Do esp.) Cruz pequena.

cuibe ['kwiβe] *s.* Planta que comem as cabras.

colén [ko'leɲ] *s.* Planta medicinal.

corralitos [kora'litos] *s.* (Do esp. *corral*). Currais pequenos.

cuche ['kutʃe] *s.* (Do quech. *kuchi*). Porco, cerdo.

cuchicara [kutʃi+kara] *adj.* Do quechua *kuchi* “cerdo” + *qara* “pele”. Pele de cerdo.

cuchillo [kutʃi'ʎo] *s.* (Do esp.) Faca.

cullpe ['kuʎpe] *s.* Tumba de origem pré- inca.

culles ['kuʎes] *s.* Povo étnico da costa norte da região Lima.

cuyes ['kuyes] *s.* Porquinhos da Índia.

CH

chacalla ['tʃakʎa] (Do quech.).

Armação feito de paus.

chilco ['tʃilko] *s.* Planta para a dor estomacal.

chompita [tʃom'pita] *s.* Blusa pequena.

chupacocha [tʃupa + kotʃa] *s.* (Do quech. *chupa* ‘cola, rabo’ e *qucha* ‘lagoa’). Nome de uma lagoa.

chalguas. ['tʃaʎwa] *s.* (Do quech. *challwa*). Peixe.

chuncho ['tʃuntʃo] *adj.* Pessoa com fantasias no rosto na dança típica.

chaulle ['tʃawʎe] *s.* Curral fora da casa.

champa ['tʃampa] (Do quech.) *s.* Pasto seco.

champear [tʃampe'ar] *vb.* Limpar o curral pasa semear.

chicura [tʃi'kuria] ~ **achicoria**

[atʃi'korja] *s.* Planta medicinal que serve para a desinflamação.

chucullo [tʃuku'ʎo] *s.* Lagartija.

chumar ['tʃuma] *vb.* (Do quechua *chumay*). Espremer .

chaperito [tʃape'rito] *s.* Santo patrão da cidade de Canta que se adora todos os 26 de junho de cada ano.

D

de ellos ['deyos] *fr. pr.* (Do esp. *de + ellos*). Deles

desarrollar [desa'royar] *vb.* (Do esp.). Desenvolver.

desconsonero [deskonso'nero] *s.*

Planta medicinal que cresce na altitude.

E

ellos ['eyos] *pr.* (Do esp.). Eles.

F

fanalis [fa'nalis] *s.* Tipo de planta.

G

grana ['grana] *s.* Tipo de planta

gabera [ga'βera] *s.* Molde para madeira

atun huasi ['atun 'wasi] *s.* (Do quech. lit. ‘grande casa’). Nome de um curral.

H

huachito [wa'tʃito] *s.* Diminutivo da ovelha.

huachos ['watʃos] *s.* Ovelhas.

huallhua ['waʎwa] *s.* Erva medicinal para o estrenhimento, em outros lugares é conhecido como *colén*.

huachhua ['watʃwa] *s.* (Do jac.) Ave que mora na altitude.

huancaruna ['wanka + runa] *s.* (Do quech. *wanka* ‘pedra grande’ e *runa* ‘homem’) Nome de um curral.

huaramas [wa'ramas] *s.* Madeira para lenha.

huanchaco [wan'tʃako] *s.* (Do quech.). Tipo de ave.

huantara [wan'tara] *s.* Nome de um rio.

Huallapuquio [waʎa + pukjo] *s.* (Do quech.). Topônimo.

huillca ['wiʎka] *s.* (Do quech.) Zona de altitude.

huallqui ['waʎki] *s.* (Do quech.) Sacola feita de couro ou lã.

huaysharima [wayʃa + rima] *adj.* (Do quech. e aim. *waytʃaw* ‘tipo de ave’ e

do quech. *rima* ‘falar’). Pessoa que realiza poucas visitas.

huishla [ˈwiʃla] s. (Do quech., jac. e aim. *wiʃla*). Colherão.

J

jalachaqui [xala + tʃaki] adj. (Do quechua *qala* ‘pele’ + *chaqui* ‘pé’). Pé descalço.

jashjalín [xaʃxaˈlin] s. Intestino de porco.

jisha [xiʃa] adj. (Do quech. e aim. *qila* e do jac. *xila*). Preguiçoso.

Joshe [ˈxoʃe] ~ [xoˈʃe] s. Hipocorístico do nome José.

justán [xusˈtan] s. (Do esp. *fustán*). Tecido grosso de algodão.

LL

llamar [yaˈmar] vb. (Do esp.). Chamar.

llegar [yeˈɣar] vb. (Do esp.). Chegar.

llevar [yeˈβar] vb. (Do esp.). Levar

lliklla [ˈlikʎa] s. (Do quech.). Prenda de vestir.

M

macha [ˈmatʃa] s. (Do jac. *macha* ‘oca’). 1. Tubérculo oriundo dos Andes. 2. *Mazamorra* doce preparada com este tubérculo.

mantonaja [mantoˈnaxa] adj. (Do esp. *mantón*). Carneira gorda e nova.

mallas [ˈmaʎas] s. Lugar onde se leva ao gado quando tem escassez de pasto.

marco [ˈmarko] s. (Do quech. *marku*). Tipo de arbusto que serve de alimento para os cavalos e burros.

matico [maˈtiko] s. (Do jac. *matiku*). Erva medicinal que serve para curar infecções.

mishki [ˈmiʃki] adj. (Do quech. *mifki*). Doce.

moya [ˈmoya] s. (Do quechua *mullaka*). Planta pequena de fruto comestível parecida ao molle.

morocho [moˈrotʃo] adj. Comida do frango e da galinha.

motepelado [mote + pelaðo] s. (Do quech. *mote* ‘milho cozido’ + hisp. *pelado*) Caldo preparado com carne de carneiro e milho pelado e cozido. Conhecido também nas terras andinas como *patasca*. Porque principalmente o caldo é feito com a pata do carneiro.

muca [ˈmuka] s. Rato de cor preto e amarelo oriundo das zonas andinas.

muchay [ˈmutʃay] vb.tr. (Do quech.) Beijar.

muñiga [muˈɲiɣa] s. Excremento da vaca.

muño [ˈmuɲu] s. (Do quech. *muña*). Planta medicinal.

O

Obrajillo [obraˈxiyo] s. (Do esp. *obraje*). Obraje Pequeno. Topônimo. Anexo da cidade de Canta.

P

paila [ˈpaila] s. (Do esp. ‘vasilha grande de metal, redonda e pouco profunda’). Panela de grande tamanho feita de barro, no qual se coze o *mote*.

pallja [ˈpaʎxa] s. Um par. Conjunto de duas coisas iguais.

pampanas [pamˈpanas] s. Utensílio.

parrilla [paˈriya] s. Churrasqueira.

pasar [paˈsar] vb. Passar. Mobilizar-se de um lugar a outro.

pashar [paˈʃar] vb. Carregar

patache [paˈtatʃe] s. Caldo composto por favas, carne seca e feijões, embora também possa ser preparado com trigo.

paucaldo [pawˈkalðo] adv. Zona de altitude.

pirca [ˈpirka] s. (Do quech. *pirka* ‘parede’). Madeira para lenha.

pisar [piˈsar] vb. (Do esp.) Pissar. Apissonar.

pishar [piˈʃar] vb. Orinar

pishtaco [piʃˈtako] s. (Do quech. *pishtaaku*) ‘Pessoa que mata a nativos que viajam de noite sozinhos, para lhes tirar a gordura do corpo e vende-las nas cidades onde se usa na fabricação de sabões, etc.’. Segundo a mitologia

andina, é uma pessoa estrangeira, especialmente americano, que mata a outras para extrair o óleo deles.

pichana [pi'tʃana] *s.* (Do quech. *pichay* 'varrer'). Vassoura.

pichi ['pitʃi] *adj.* Cachorro muito pequeno.

piquichanca [piki + tʃanka] *adj.* (Do quech. *piki* 'pulga' + *chanka* 'perna'). Pés curtos.

pista ['pista] *s.* Asfalto.

pishtar [piʃ'tar] *vb.* (Do quech *piftay*). Matar

ponchito [pon'tʃito] *s.* (Do esp.). Poncho pequeno.

pollo ['poʎo] *s.* (Do esp.). Frango.

poyo ['poyo] *s.* (Do esp.). Objeto para sentar-se, banco.

purutu [pu'rutu] *s.* Feijão.

pushpo ['puʃpo] *s.* (Do quech. e do jac. *puʃpu*). Fava torrada e cozida

Pueblo viejo [pweblo + bjexo] *s.* (Do esp.) Ruínas nas alturas da Província de Canta, em Paríamarca.

puchero [pu'tʃeɾo] *s.* (Do esp. *puches* 'tipo de mingau'). Caldo feito com menestras, legumes e couve-flor tudo isso misturado. .

R

Ram Ram [ɾam'ɾam] *s.* Nome de um curral. Topônimo.

Ramírez [ra'miɾes] *s.* Sobrenome.

Rarán [ɾa'ɾan] *s.* Topônimo.

ruma [ɾuma] *s.* (Do esp.) Grupo de objetos. Pilha.

Rangrachani [ɾangra'tʃani] *s.* (Do quech.). Topônimo.

ranish [ra'niʃ] *adj.* Mulher não arrumada.

restrojo [res'troxo] *s.* Alfalfa cortada.

rejilla [re'xiʎa] *s.* (Do esp. *reja*). Pico.

Rio Chiclla [rjo'tʃikʎa] *s.* (Do esp. *rio* e do quech. *tʃikʎa*). Topônimo.

Rio Chillón [rio'tʃi'yon] *s.* (Do esp. *rio* e do quech *Chillon*). Nome do rio que cruza a província de Canta.

S

sala ['sala] *s.* (Do esp. *sala*). Parte de uma casa. Imp. do verbo *salar* 'dar azar'.

sauco [sa'wko] *s.* (Do esp. *saúco*). Variedade de planta silvestre.

Sillarume [siʎa'rume] *s.* (Do esp. *silla* 'cadeira' e do quech. *rumi* 'pedra'). Topônimo.

sogocha [so'ɣotʃa] *s.* (Do quech. *suqucha*). Nome de um curral.

suchuchaura [sutʃu'tʃawɾa] *s.* Zona de altitude

superior [supe'rjor] *adj.* (Do esp.) Superior.

SH

shala [ʃala] *s.* Terreno cheio de pedras ou cantos rodados.

shala shala [ʃala'ʃala] *s.* Zona de pastoreio.

shalpe [ʃalpe] *adj.* Pelagem abundante.

shante [ʃante] ~ **shanti** [ʃanti] *s.* Hipocorístico. Nome derivado de *Santiago*.

shate [ʃate] *s.* Hipocorístico. Nome derivado de *Saturnino*.

shayaro [ʃa'yaɾo] *s.* Salamandra.

shena [ʃena] *s.* Hipocorístico. Nome derivado de *Zenaida*.

shicro [ʃikro] *s.* (Do quech. e do aim. *ʃikra* 'sacola ou costal de malha'). Sacola rústica feita de intestino de carneiro.

shiri [ʃiri] *s.* (Do quech. *ʃiri*). Espécie de batata branca.

Shokia [ʃokja] *s.* Do quech. e jac. *ʃuqya* 'amontoamento de pedras'). Topônimo.

shona [ʃona] *s.* Hipocorístico. Nome derivado de *Asunciona*.

Shongo [ʃoŋgo] *s.* (Do quech. e jac. *ʃuŋku* 'parte plana de uma ladeira, meseta'). Topônimo

Shuitogo [ʃwi'toɣo] *s.* (Do jac. *ʃuytu* 'grande' + *-ku* 'estar sentado', *ʃuytuku* 'lugar de vivenda'). Topônimo.

shukuy [ʃukuy] *s.* (Do quech e do jac. *ʃukuy* 'chinelo feito de pele de animal ou

camélido'). Chinelo feito do couro da vaca.

shulca ['ʃulka] s. (Do quech. e aim. *ʃulka*). Filho caçula.

T

torge ['torxe] s. Variedade de planta.

totorcocha [totor'kotʃa] s. Zona de altitude.

trozando [tro'sando] vb. Cortando, especialmente carnes.

tuco ['tuko] s. (Do quech. e do jac. *tuku*). Coruja .

Y

yacochupe [yako + tʃupe] s. Variedade de comida.

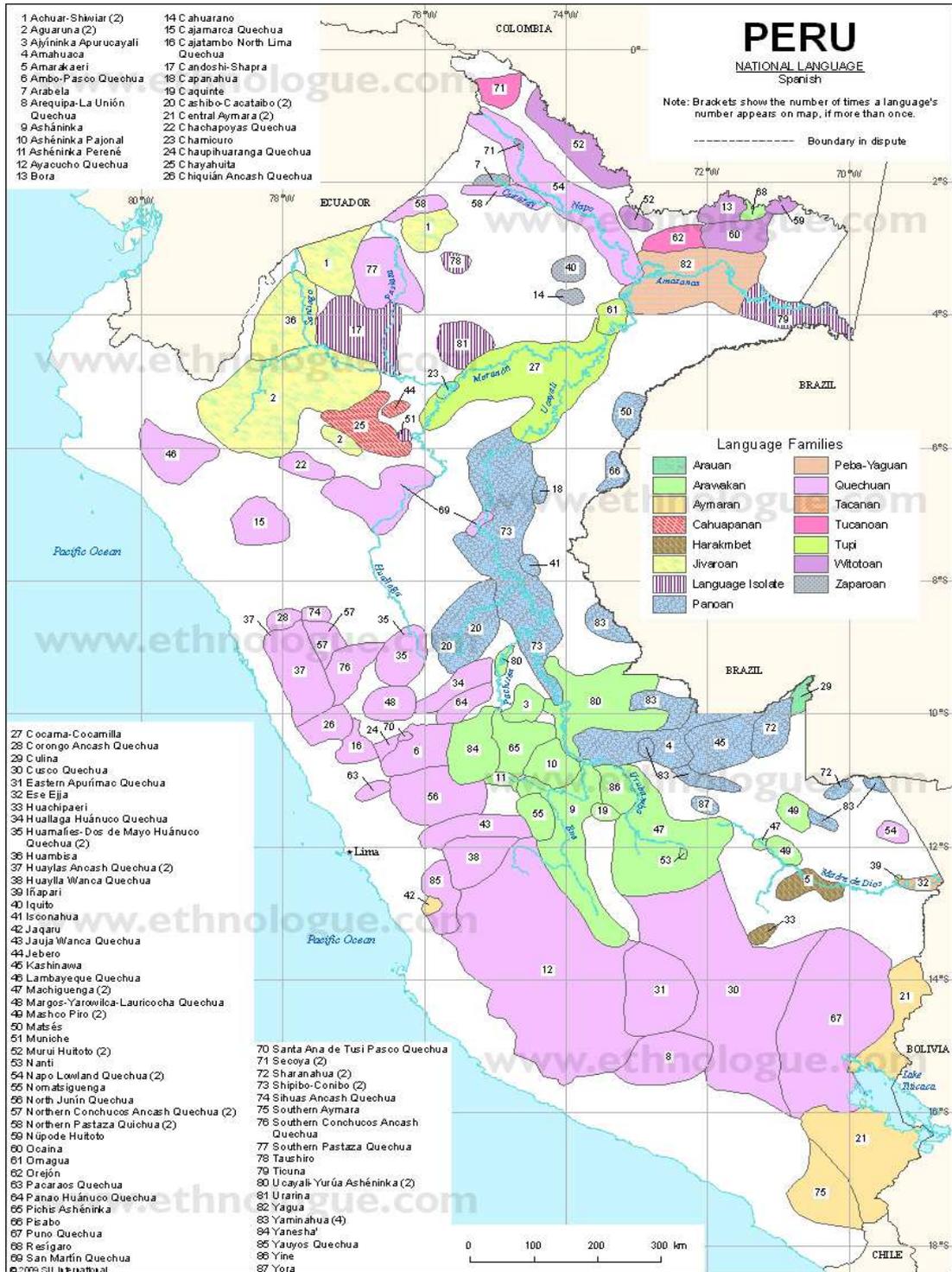
Z

zorrillo [so'riyo] s. Gambá.

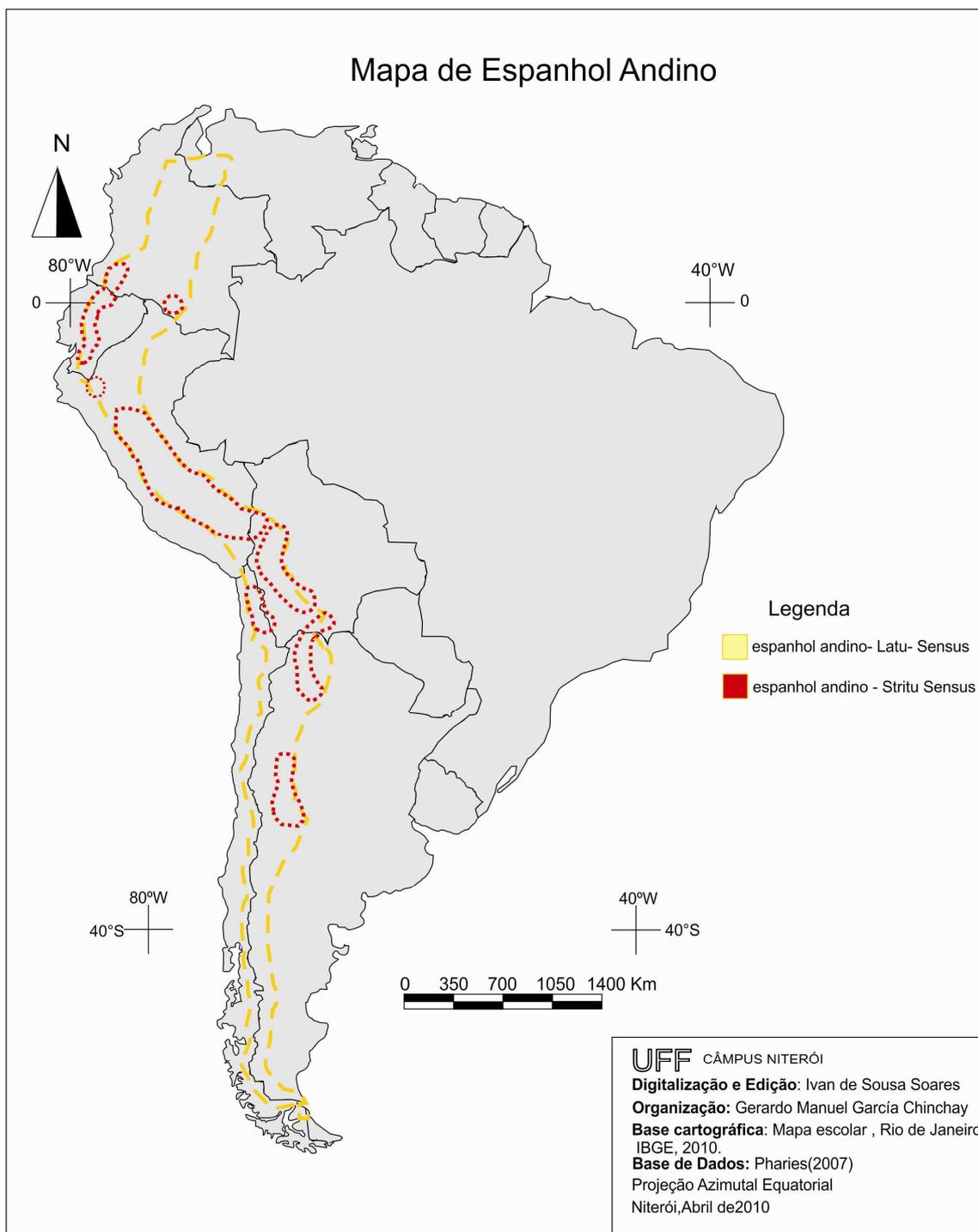
N° 2: Mapa de Hispano-América (Segundo PHARIES, 2007).



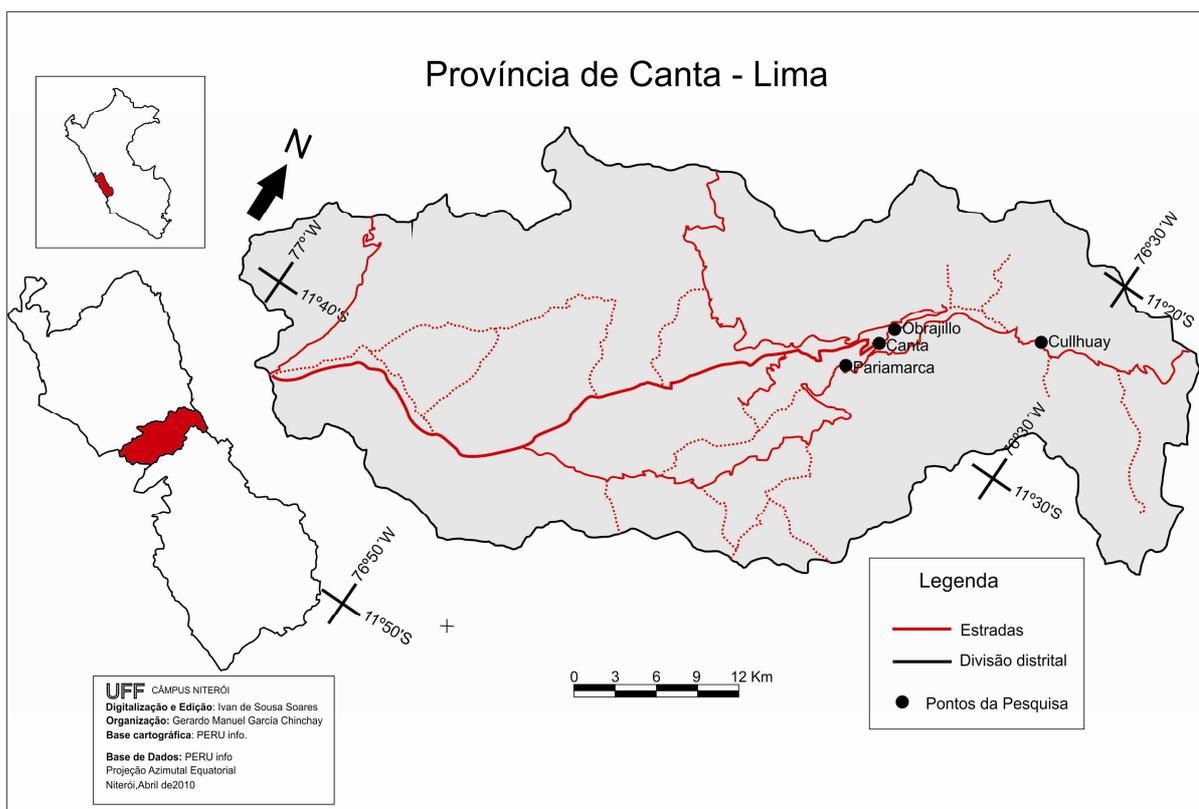
N° 3: Mapa do Quechua e do Aimara e outras línguas do Peru segundo o Ethnologue (http://www.ethnologue.com/show_map.asp?name=PE&seq=10)



Nº 4: Mapa do espanhol andino (*lato e stricto sensu*)



N° 5: Mapa de Canta (Com os lugares de pesquisa)



N° 6: Roteiro de Entrevista

Entrevista tomada e modificada de Masgo (1988, p. 246).

ENTREVISTA DIRIGIDA NA PROVINCIA DE CANTA

Fecha:

DATOS DEL INFORMANTE:

Nombre: _____ Género: _____

Lugar y fecha de nacimiento: _____

Profesión u ocupación: _____

Lengua materna: _____

TEMARIO

1. Cuentos, fábulas, anécdotas, leyendas
2. La siembra de la papa: maguay y cochca o cochica.
3. El quitapelo
4. El botaluto
5. La faena: “Limpia de la acequia”
6. Las autoridades de la comunidad
7. La escuela
8. Nombre de los campos cultivados y no cultivados
9. Nombres de los cerros, quebradas, ríos, manatales, etc.
10. Nombres de animales: aves, reptiles, insectos, etc.
11. Nombres de plantas, árboles, arbustos, plantas medicinales, etc.
12. Nombres de instrumento de trabajo
13. La vestimenta
14. La fiesta patronal
15. Platos favoritos

N° 7: Modelo de Questionario

CUESTIONARIO LÉXICO

Presencia de palabras nativas en el léxico castellano del departamento de Lima

- **Parte I**

Datos del informante

Nombre:.....

Procedencia:.....

Edad:

Grado de instrucción:.....

Ocupación:

Fecha:.....

- **Parte II**

Información léxica:

Instrucciones:

Estimado amigo, la presente encuesta tiene como objetivo principal, el recojo de palabras, de uso popular, relacionadas a nombres referidos a : La agricultura, la flora, la fauna, las comidas típicas, las prendas de vestir, los tejidos, las partes del cuerpo, el trato y cuidado de los animales, el trato entre los pobladores, construcciones de viviendas, las danzas populares, etc.

A) Palabras relacionadas a la agricultura, ganadería, flora y fauna:

1. ¿ Qué cereales, granos y otras palantas siembran en su pueblo ? ¿ Qué variedades propias de la zona producen ? Señale las más importantes.
2. ¿ Cómo le llaman a las partes de las plantas que siembran: maíz, trigo, cebada, papa, etc. Por ejemplo: la flor de la papa, la espiga del maíz, el fruto de la papa, etc. ?
3. ¿ Cuáles son los nombres de las herramientas que emplean para sembrar, cultivar y cosechar? ¿Qué partes tienen ?
4. ¿ Qué animales crían? ¿Qué razas de ganados tienen ?
5. ¿ Tienen algunas zonas para pastear ganado? ¿Cómo le llaman ?
6. ¿ Qué plantas y árboles silvestres crecen en su zona ?
7. ¿Qué plantas medicinales hay en su comunidad?
8. ¿ Conoce algunos animales del campo (aves, mamíferos, etc.) ?
¿ Cuáles son los nombres que le dan en su comunidad ?
9. Realizan alguna fiesta especial en la época de siembra, cultivo o cosecha ?
10. ¿ Qué nombres de gusanos, avispas u otros insectos conoces?

B) Palabras relacionadas con las comidas

1. ¿Qué comidas típicas hay en tu pueblo?
2. ¿Cómo le llaman a los utensilios que emplean para servir la comida ?
3. ¿Cómo le llaman a los depósitos (platos u otros) en donde sirve la comida?
4. ¿Qué tipos de ollas emplean? ¿Cómo son y cómo se llaman?

C) Palabras relacionadas con prendas de vestir y tejidos:

1. ¿Cuáles son los nombres de las prendas de vestir típicas de la zona?
2. ¿Usan telares? ¿Cuáles son los nombres de las prendas hechas en los telares (ponchos, pantalones, chompas, etc.)?
3. ¿Cuáles son los nombres de las partes y piezas de los telares?
4. ¿Usan tintes? ¿Cuáles son sus nombres? ¿De qué plantas los recogen?

D) Palabras relacionadas con las danzas populares:

1. Mencionar los nombres de las danzas populares propias de su comunidad
2. Mencione los nombres de las piezas (vestimenta) y objetos (queñas, tambores, etc.) usadas en las danzas de su Comunidad.

E) Palabras relacionadas con las partes del cuerpo

1. Mencione los nombres propios que usan en su zona para referirse a las partes del cuerpo humano. Por ejemplo: cabeza, piernas, cuello, columna vertebral, etc.
2. ¿Qué nombres les dan a las personas con algún defecto físico? Explique